

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E
SOCIEDADE - CPDA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***A Mística* de tornar-se jovem no MST -**
a experiência do I Curso de Realidade Brasileira
para Jovens do Meio Rural (1999)

Carmen Verônica dos Santos Castro

2005



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
AGRICULTURA E SOCIEDADE - CPDA**

**A MÍSTICA DE TORNAR-SE JOVEM NO MST - A EXPERIÊNCIA
DO I CURSO DE REALIDADE BRASILEIRA PARA JOVENS DO
MEIO RURAL (1999)**

CARMEN VERÔNICA DOS SANTOS CASTRO

Sob orientação da Professora
Regina Ângela Landim Bruno

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção
do grau de **Mestre** em
Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade

Rio de Janeiro, RJ
Dezembro de 2005

Castro, Carmen Verônica dos Santos

A Mística de tornar-se jovem no MST - a experiência do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural. Seropédica. Rio de Janeiro. UFRRJ. CPDA. 2005.

142p.

Orientadora: Regina Ângela Landim Bruno

I. Referência orientadora. II. Referência Instituição. III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E
SOCIEDADE - CPDA

CARMEN VERÔNICA DOS SANTOS CASTRO

Dissertação submetida ao Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 19/12/2005

Regina Ângela Landim Bruno, Dr. UFRRJ

Regina Reyes Novaes, Dr. UFRJ

Paulo Roberto Raposo Alentejano, Dr. UERJ

A Maria, Míriam, Jef,
Júlia e Marco, pelo amor e pela
persistência presentes na minha vida.
A Adolfo, Ana, Bira, Cíntia, Flaviane,
Lígia, Loivo, Lui, Maira, Marcela,
Mônica e Serginho,
Pelas amizade, acolhida e as alegrias
em diferentes momentos.
Ao meu amado Márcio, pelo seu otimismo
obstinado, pelo carinho e
pela paz transmitida.

Às/Aos jovens que fazem-se
no Movimento dos Sem Terra
compondo trajetórias indignadas
e cheias de solidariedade.
E em especial, à memória de Oziel Alves,
Jovem de 17 anos, assassinado
no Massacre de Eldorado dos Carajás,
em 17 de abril de 1996.

AGRADECIMENTOS

A Professora Regina Ângela Landim Bruno, meu agradecimento especial, por suas observações, empenho e dedicação com que me orientou, possibilitando a realização desta dissertação.

A Professora Regina Novaes, por me chamar a atenção para a importância da temática de juventude no MST, para a possibilidade da pesquisa e para as pistas que não me dava conta.

A Professora Leonilde Sérvolo Medeiros, pelas suas observações no cuidado com a pesquisa, as quais contribuíram para a elaboração e aprimoramento deste trabalho.

A Ademar Pizetta, pelo precioso tempo em esclarecer dados sobre o Curso de Jovens do MST.

A Lígia Benigno e Márcio Sobrosa pelo mutirão da revisão do texto dissertação.

À instituição Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e às pessoas que a representam, as quais tornaram possível a realização desta tarefa. E às demais pessoas que direta e indiretamente contribuíram na elaboração deste trabalho.

“Eu nasci em Goiânia e sempre morei lá. Sou de família pobre. Apesar de meus pais trabalharem muito, a gente nunca conseguiu comprar uma casa nem mesmo um lote.

Somos ao todo seis filhos. Desde pequena me lembro de meus pais quase não ficavam em casa, só trabalhando e a renda mal dava para sobrevivência.

Nunca imaginei um dia fazer parte de um Movimento como o MST, porque, para as pessoas que moram nas capitais e até mesmo por causa do que a televisão passa, a gente tem uma idéia muito distorcida: como anarquistas, invasores e outras coisas mais.

Hoje, eu compreendo porque para a mídia não interessa passar a realidade do MST, porque as pessoas se se conscientizarem que para acabar com a fome e a miséria com que este país vive é só preciso o povo se unir e lutar, e trabalhar. Ter um pedaço de chão para plantar, fazer sua casa, e assim ter uma renda suficiente para viver com dignidade, se sentir parte da sociedade e não ter que conviver com essa falta de emprego, com esse salário de fome que é o salário mínimo no Brasil.

Hoje, tudo que eu quero é continuar estudando, fazer magistério e depois fazer uma faculdade de letras. Quero lecionar no meu acampamento, ensinar as pessoas a aprender a ler e escrever porque é incrível o número de analfabetos.

Para dizer a verdade, eu já estava desanimada, pensando que faculdade não era para mim, mas hoje vejo que vale a pena sonhar e lutar para transformar nossos sonhos em realidade”.¹

D., 27 anos, estudou até a 7^a série, acampada
no acampamento Dandara,
Região Anicuns, estado de Goiás.

¹ Depoimento de uma jovem no verso do questionário aplicado no I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, promovido pelo MST em parceria com a Universidade Estadual de Campinas, julho de 1999.

RESUMO

CASTRO, Carmen Verônica dos Santos. **A Mística de tornar-se jovem no MST - a experiência do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural (1999)**. Seropédica: UFRRJ, 146p. (Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

Buscando compreender o processo de jovens tornarem-se parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - é que efetivamos esta dissertação de mestrado. Para tanto, realizamos a investigação do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, em julho de 1999, na Universidade Estadual de Campinas como uma experiência que condensa o encontro coletivo entre jovens e o Movimento Sem Terra. Trata-se de um momento, entre outros, de uma Mística Juvenil, seja por se destinar a esta função de encontro de jovens com os valores e referências do Movimento; seja pelas participantes e pelos participantes do I Curso se reunirem sob a égide de jovens do MST. E ainda, por ser este evento, o primeiro de uma seqüência de outros cursos nacionais e regionais para jovens. Para a consecução desses objetivos, trabalhamos com o questionário aplicado durante o I Curso de Realidade Brasileira, em que retratamos a/o jovem com suas características de: origem dos acampamentos e assentamentos, idade, sexo, escolaridade, residência, trabalho, sustento, sonhos, projetos de vida e referências sobre o MST. Resgatamos a dinâmica do Curso através da sua circular de convocação dos jovens com seus objetivos, critérios, da programação e das atividades que aconteceram durante os dez dias em que se realizou. Desta forma, nos deparamos com jovens aprendizes e jovens sujeitos no processo de constituírem-se parte do coletivo do Movimento Sem Terra. O I Curso de Jovens se insere num contexto da construção de uma experiência própria do MST junto às jovens e aos jovens. Diferentemente, do período de constituição do Movimento, no final dos anos oitenta, em que a primeira geração de jovens integrou-se à luta pela terra e pela reforma agrária partilhando experiências formativas promovidas pela Igreja, pelo Partido Político e pelo Sindicato; o público do Curso compõe uma segunda geração que torna-se parte de um MST consolidado que promove espaços próprios para jovens, com uma mística própria e uma dinâmica de compartilhar referências construídas nesta trajetória de duas décadas. Os sonhos, os projetos de vida e pertencimentos juvenis inserem-se na esfera da ação coletiva da luta pela terra e pela reforma agrária e passam pela mística de compartilhar subjetiva e objetivamente, individual e coletivamente experiências no MST.

Palavras chave: sonhos e projetos de vida de jovens; segunda geração do MST; espaços para jovens.

ABSTRACT

CASTRO, Carmen Verônica dos Santos. **The Mística of become young in the MST - the experience of I Course de Brazilian Reality for Youngs of the Agricultural Way (1999)**. Seropédica: UFRRJ, 146p. (Dissertation, Master in Development, Agriculture e Society).

Searching to understand the process of young to become part of the Movement of the Agricultural Workers Without Land - MST - is that we accomplish this master in science work of. For in such a way, we carry through the inquiry of the I Course of Brazilian Reality for Young of the Agricultural Way, in July of 1999, in the State University of Campinas as an experience that condenses the collective meeting between young and the Movement Without Land. One is about a moment, among others, of a Youthful mystic, either for if destining to this function of meeting of young with the values and references of the Movement; either for the participants and the participants of the I Course if to congregate under sponsorship of young of the MST. And still, for being this event, the first one of a sequence of other national and regional courses for young. For the achievement of these objectives, we work with the questionnaire applied during the I Course of Brazilian Reality, where we portray young with its characteristics of: origin of the encampments and settlements, age, sex, highest degree, residence, work, sustenance, dreams, projects of life and references on the MST. We rescue the dynamics of the Course through its to circulate of invocation of the young with its objectives, criteria, of the programming and the activities that had happened during the ten days where if it carried through. Of this form, in them we come across with young apprentices and young citizens in the process to consist part of the collective one of the Movement Without Land. The I Course of Young if inserts in a context of the construction of a proper experience of the together MST to the young and the young. Differently, of the period of constitution of the Movement, in the end of the Eighties, where the first generation of young combined it the fight for the land and the agrarian reform sharing formative experiences promoted by the Church, for the Political party and the Union; the public of the Course composes one second generation that becomes part of a consolidated MST that promotes proper spaces for young, with a proper mystic and a dynamics to share references constructed in this trajectory of two decades. The dreams, the youthful projects of life and belongings are inserted in the sphere of the class action of the fight for the land and the agrarian reform and pass for the mystic to share subjectively and objective, individual and collectively experiences in the MST.

Keywords: dreams and projects of life of young; second generation of the MST; spaces for young.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
------------	---

CAPÍTULO I

MST, um fazer social e político	34
1.1. Ocupações, acampamentos e assentamentos marcam o fazer do MST	37
1.2. Anos noventa, consolidação e ampliação social e política do MST	43

CAPÍTULO II

Retrato: quem são as jovens e os jovens do MST?	53
2.1 - Sonhos e Projetos de uma juventude	76

CAPÍTULO III

A Mística de tornar-se jovem no MST	88
3.1 – I Curso Nacional de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural	89
3.1.1 - Aprendizes do I Curso de Jovens em atividades	96
3.1.2 – Che, referencial de juventude	100
3.2 – Hora de responder o questionário	102
3.3 – A Mística de tornar-se jovem	106

CAPÍTULO IV

Referências juvenis	111
---------------------	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
----------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	136
--------------	-----

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Mística:

“Acordar mais cedo!
Convocar o povo para juntos
Fazermos o amanhecer!
Cheios de Esperança!
Tornarmos o nosso cotidiano
verdadeiramente revolucionário.”²

A Mística acompanha o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra desde o momento de sua constituição como movimento social. A Mística sempre esteve lá, “no acordar mais cedo” e “convocar o povo” para as ocupações, as manifestações, a construção das necessidades e dos desejos. Convocar as famílias de trabalhadores sem terra para atuarem cheias de esperança e gerarem o MST e uma mística das ações, ora como parte da dinâmica do Movimento, ora como a própria dinâmica.

O objetivo desta dissertação é compreender o processo de jovens tornarem-se parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - durante o I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, em julho de 1999, na Universidade Estadual de Campinas. Pois, o Curso de Jovens é uma experiência que condensa o encontro coletivo entre jovens e o Movimento Sem Terra. E ainda, é um momento, entre outros, de uma Mística Juvenil, seja por se destinar a esta função de encontro de jovens com os valores e referências do Movimento; seja pelas participantes e pelos participantes se reunirem sob a égide de jovens do MST. E por ser este evento, o primeiro de uma sequência de outros cursos nacionais e regionais sobre a Realidade Brasileira para jovens³.

² Trecho retirado da orelha do livro “O vigor da mística” de Ademar Bogo, Caderno de Cultura no. 2, MST, SP, novembro de 2002.

³ Até 2002, três edições deste Curso Nacional se seguiram em parceria com a Unicamp e outros cursos, chamados Cursos Prolongados de Realidade para Jovens Rurais de escala regional em parcerias com outras universidades foram realizados nestes últimos cinco anos.

A questão é de que o I Curso de Jovens se insere num processo maior do MST da construção de uma experiência própria junto às jovens e aos jovens⁴. Diferentemente, do período de constituição do Movimento, no final dos anos oitenta, em que a primeira geração de jovens integrou-se a luta pela terra e pela reforma agrária partilhando de experiências formativas promovidas pela Igreja - através das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT)⁵; pelo Partido Político; e pelo Sindicato. Uma segunda geração torna-se parte de um MST consolidado promovendo espaços próprios para jovens, com uma mística própria e uma dinâmica de compartilhar referências construídas nesta trajetória de duas décadas. Ou seja, os sonhos, os projetos de vida e pertencimentos de jovens, que engajam-se na esfera da ação coletiva da luta pela terra e pela reforma agrária, passam pela Mística de tornar-se jovem no MST.

E a perspectiva de entendimento da Mística é a de visualizar uma dinâmica de partilha e incorporação de valores e princípios forjados e condensados na luta pela terra e pela reforma agrária no processo de sujeitos tornarem-se parte da atuação do MST. Para isto, buscamos as origens da Mística no Movimento através de materiais publicados e de entrevistas de personalidades públicas de dentro do Movimento e de fora - que mantêm uma relação de interlocução. Tratamos de colher, selecionar e dialogar com diversas definições sobre mística que não se excluem mas se complementam.

A mística é mistério, como a palavra indica⁶, do fazer do MST. O que é a Mística no/do MST? Quando começou? Para que serve? Qual o seu papel?

Ao percorrer a Mística no MST, percebemos a complexidade de suas raízes, sentidos e aspectos. A presença da Igreja pode ser percebida, entretanto, encontramos outros elementos de origem que a integram. Plínio de Arruda Sampaio⁷ nos aponta que a

⁴ Sempre que for possível farei referência a jovens usando os gêneros feminino e masculino nos artigos a, o, as e os.

⁵ A Comissão Pastoral da Terra - CPT, é um organismo de pastoral da Igreja Católica vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. E foi fundada em 1975 durante um encontro de bispos e agentes de pastoral devido a crescentes conflitos de terra no Brasil

⁶ Ver Boff & Betto, "Mística e Espiritualidade", 4ª edição, Ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1999. Esta referência é usada na explicação da mística em textos do MST e em particular por Bogo. A etimologia da palavra vem do grego *múein*, "caráter não comunicado de uma realidade ou de uma intenção" (Boff, 1999:12). No dicionário a palavra próxima à mística é o masculino místico associada a "misterioso e espiritualmente alegórico ou figurado; relativo à vida espiritual e contemplativa" (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2ª edição. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986).

⁷ Entrevista encontrada na Internet, onde Plínio, interlocutor do MST, trata da Mística no MST e sua origem: www.mst.org.br.

"mística do MST" advém da combinação de três elementos: "o milenarismo camponês", "do inconformismo do homem do campo com o advento de um mundo que ele não compreende e que destrói o seu modo de vida"; "a fé cristã na vida eterna"; e "a esperança socialista de construir aqui na terra uma sociedade igualitária e democrática". Desta combinação foi gerada uma "liturgia do MST", uma mística própria, fundida nas ações do Movimento.

Estes três elementos de origem da mística apresentados por Plínio de Arruda são elucidados pelas vertentes de origem que encontramos no livro "Construindo o Caminho" (MST: 2001). No caso do "milenarismo camponês" - o "inconformismo" frente a um modelo social de vida, que não é o seu, que não lhe pertence e do qual não participa, ameaça e destrói aquele que seria o seu modo de vida - se articula com uma das vertentes identificadas pelo MST: a da "natureza contemplativa da vida camponesa":

"o ato de contemplar leva a compreender o mistério escondido dentro do movimento interno da matéria, aqui representada pela plantação, pela relação da água com a semente, da lua com os insetos, da quantidade da 'boa safra' (...) O camponês por natureza é um místico. Carrega em si seus mistérios e os relaciona com os mistérios da natureza. Consegue manter diariamente a expectativa da realização do futuro imediato, orientando-se geralmente pelos ciclos das colheitas" (MST, 2001: 232 e 233).

No trecho acima, destaca-se um modo de vida que tem como base uma relação positivamente plena e intensa do camponês⁸, ou de quem trabalha no campo, com a natureza que é externa a sua. Um modo de vida que lhe pertence porque diariamente ele tem uma relação com o todo da sua produção, do seu trabalho. Observa e estabelece relações "da água com a semente, da lua com os insetos" e dos "seus mistérios" com "os mistérios da natureza". E conseqüentemente, constitui-se destas relações como sendo uma característica cultural camponesa a "expectativa da realização do futuro imediato" das suas necessidades, como ver realizar os "ciclos de colheita". Estas relações compõem "uma natureza contemplativa da vida camponesa", um modo de vida, em que o "milenarismo camponês" faz parte como uma resistência de ligação à terra.

⁸ Não fixaremos um termo para tratarmos a trabalhadora e o trabalhador no campo, ora usaremos camponês, ora trabalhadora/or rural, desde que consigamos frisar a conotação de luta do sujeito do campo.

Ainda como elucidativa deste elemento do “milénarismo camponês”, uma outra “vertente de origem” da Mística é identificada dentro do MST: “a música e a poesia”:

A música está em todas as atividades. Existem músicas para festas religiosas, para o trabalho, música de exaltação de qualidades individuais, de respeito, geralmente para as mães e pais etc. (...) Ao mesmo tempo em que a música leva alegria, também cria a unidade política porque as pessoas se identificam com as mensagens. (...) É, portanto, um modo artístico de ver a vida e também a morte. Em todos os seus aspectos aparece a mística como herança da natureza da existência camponesa”. (MST, 2001: 234 a 236)

Esta vertente de origem da Mística seria a expressão daquele modo de vida ameaçado que resiste no “milénarismo camponês”. A “música e a poesia” pertenceriam a um tipo de cultura oral, linguagens que exaltam como valores: a família (“mães e pais”), o “trabalho” e o “respeito” - elementos de identificação da totalidade (“a vida e também a morte”) da “natureza da existência camponesa” um modo de vida e que por isto contribui para a sua manutenção com “alegria” e com “unidade política”. Neste último caso, o acréscimo da unidade é uma característica importante desta vertente que compõe a Mística porque, como veremos mais adiante, este é um fator de extrema importância na dinâmica do fazer do MST.

O segundo elemento de origem da Mística do MST destacado por Plínio de Arruda Sampaio é “da fé cristã” que pôde ser elucidado com a “vertente da devoção”, identificado pelo MST:

“Além da existência da religião, há uma prática religiosa no campo. Esta prática religiosa é cheia de ritos e símbolos; dão unidade às pessoas que se identificam com determinada religião ou devoção mantida viva pela tradição (...) Esta mistura de natureza contemplativa, tradição musical e prática religiosa são vertentes diferentes, mas jorram água que corre na mesma direção e se mistura dentro do MST, agora para regar uma causa comum, entre todos os participantes, compondo este mosaico da consciência social. A causa é portanto, a razão que move as pessoas a participarem e se manterem firmes, mesmo que as dificuldades e os tropeços sejam quase que impossíveis de suportar”. (MST, 2001: 236 e 237)

A vertente da devoção da “fé cristã” ou da “prática religiosa”, com seus ritos e símbolos, seria esta capacidade de materializar ou visualizar uma causa, dando sentido à participação dos sujeitos. A característica de “prática” da Mística é de permanentemente exercitar e animar as pessoas em torno da causa em comum, coletiva. E isto é importante

para o elemento da unidade pois o que motiva a continuidade das/os participantes é a percepção de que a sua luta vai além da necessidade imediata, transcende os limites dos desejos pessoais.

A participação ativa se mantém através de uma prática comum que amalgama os participantes do MST e dá transcendência comum de necessidades e desejos. No caso do MST, esta devoção, juntamente com as outras vertentes ou elementos de origem, é convertida como uma mística comum, própria, em torno da luta daqueles que “juntos vão em busca do mesmo sonho”.

O terceiro elemento identificado por Plínio como “esperança socialista” pode ser elucidado por “uma das teses importantes do marxismo”, identificada pelo MST como importante na composição da mística:

“Houveram muitas críticas no passado vindas de setores de esquerda por acharem que a mística, por estar ligada ao idealismo, nos caracterizava como um movimento não de esquerda, mas religioso. Como já frisamos, a descoberta ainda nos primeiros passos de que um ser humano não se constitui somente de matéria, mas também de sentimentos, vontade, solidariedade, etc., tanto as necessidades materiais quanto as necessidades ideais constituem a consciência social das pessoas. O que está na consciência é parte da realidade. Portanto, chegamos a uma das teses importantes do marxismo que não basta estudar e compreender a realidade, é preciso compreendê-la no intuito de transformá-la. Sendo assim, todos os aspectos ideais fazem parte da realidade, devem estar em condições de serem transformados. (...) Não poderíamos jamais querer que entrasse para o MST somente o aspecto físico material do sem terra; junto deveriam vir os aspectos espirituais, integrando uma dupla realidade. Há os que tentam tratar isto de forma separada. Ou é material, ou é ideal. (MST, 2001: 230 e 231).

Em resposta à crítica que acusa a Mística de “um idealismo”, chama-se a atenção da sua relevância numa compreensão marxista da realidade e ontológica do ser humano. A realidade integral, composta das dimensões material e ideal e o ser humano que geraria e careceria de necessidades materiais e ideais que o tornam, assim, um ser teleológico que projeta o seu mundo. Esta é uma característica humana destacada nesta vertente da mística que tem o papel de dinamizar o exercício da consciência da realidade a ser transformada através da construção de ideais de realidade e de ser humano. A mística na vertente da “esperança socialista” é uma prática de integralizar o material e o ideal, o objetivo e o subjetivo, a “unidade política” e “a natureza contemplativa da vida camponesa”.

Os elementos e vertentes de origem, aqui delineados, desenharam uma complexa sociogênese da Mística do MST talhada como exercício/prática de ideais de uma realidade a ser transformada, no caso pelos sujeitos que atuam no Movimento. Plínio de Arruda Sampaio nos fornece a compreensão de liturgia que vem da Igreja:

“Toda mística expressa-se numa liturgia, ou seja, numa linguagem de símbolos que une a palavra ao gesto. Cada liturgia é uma estética que traduz a visão transfigurada do mundo, ‘resgate de um drama que conhecerá um fim bom’. Desta forma, nos fornece um elemento religioso utilizado pela Igreja”⁹.

A liturgia - face pública de um ritual ou culto religioso¹⁰, na citação acima é um ritual que transmite a Mística do MST que tem no seu desfecho "um fim bom". E, como dinâmica, a Mística transmite uma concepção, "uma estética", com seus ideais e um sentido histórico da realidade social e política. Sobre este "elemento religioso" da liturgia, João Pedro Stédile nos esclarece confirmando a presença da Igreja na Mística do Movimento e nos trazendo outros significados para juntarem-se:

“Até por influência da Igreja, tínhamos a mística como um fator de unidade, de vivenciar os ideais, mas, por ser uma liturgia vinha carregada” (...) fomos nos dando conta de que se tu deixas a mística se tornar formal ela morre. A mística só tem sentido se faz parte da tua vida (...) Antes só imitávamos: ‘A Igreja usa determinada liturgia mística para manter a unidade em torno do projeto do Evangelho. Quando forçávamos a cópia, não dava certo porque as pessoas têm de ter o sentimento voltado para algum projeto. A partir dessa compreensão, em cada momento, em cada atividade do movimento, ressaltamos uma faceta do projeto como forma de motivar as pessoas (...) É um aspecto interessante que deve chamar a atenção da sociedade. Como é que nós, que somos de esquerda, vamos sempre a missa? Para nós, não existe contradição nenhuma nisso. Ao contrário: a nossa base usa a fé religiosa que tem para alimentar a sua luta, que é uma luta de esquerda, que é uma luta contra o Estado e contra o capital” (Stédile & Fernandes, 1999: 130 e 131).

A diferenciação da mística do MST com a liturgia da Igreja faz parte de um aprendizado do Movimento junto à Igreja, da necessidade de reservar o momento de celebrar a unidade, ou seja, de dar-se conta de promover a mística como unificadora em torno de um projeto. A necessidade de autonomia de ação, com o próprio surgimento e fundação do Movimento, entre 1978 e 1985, produziu uma mística própria, pois como se

⁹ Entrevista encontrada na página do MST: www.mst.org.br.

viu outros elementos e vertentes originaram a mística. A construção de uma mística e do seu momento específico demonstram a experiência junto às CEB's da leitura política da bíblia e a necessidade do aspecto formativo da permanente presença do "projeto do Movimento", ou ainda, de uma concepção de sociedade, nas suas ações e atividades. Gerou-se a necessidade de construir uma dinâmica de unidade e identificação entre as famílias sem terra nos espaços e momentos do Movimento Sem Terra na "luta contra o Estado e contra o capital".

O aspecto formativo da Mística que agrega as/os participantes do MST se encontra no sentimento de grupo, deixando de ser um aglomerado de pessoas e tornando-se coletivo, Movimento Sem Terra. A consciência da importância da Mística está no seu papel de organizar, dar liga, unidade e educar seus participantes em torno do projeto e do ideal: “A mística é o ideal que sonhamos”.

O sentido da luta pela terra transcende a conquista de um lote, se realiza no próprio processo da luta justa por terra, reforma agrária e transformação social alimentada pela "devção" ou "fé religiosa". Desta forma, representando um processo mais longo, de dimensão histórica que compartilha um projeto de mundo e de vida.

Desta forma, duas lições da importância da Mística para o Movimento se constituíram com o apoio da Igreja: uma, promover a ligação e a vinculação das famílias sem terra com o Movimento – que se constróem a medida das necessidades e do sentido que o projeto consegue dar à participação nas ocupações e outras ações; e integrá-las à luta por terra, reforma agrária, justiça e direitos. Uma outra lição, foi a da intencionalidade formativa na realização da mística em partilhar o projeto de uma sociedade mais justa, dando o sentido de grupo, de coletivo: “Incorporamos a mística como uma prática social que faz com que as pessoas se sintam bem em participar da luta”. E completa: “temos de praticá-la em todos os eventos que aglutinem pessoas, já que é uma forma de manifestação coletiva de um sentimento” (Stédile e Fernandes, 1999: 130).

Num processo educativo do próprio MST, outras experiências políticas foram agregadas:

“O que descobrimos com a nossa experiência e com a de outros movimentos sociais, seja da história do Brasil ou da América Latina, é que, nas lutas sociais, a

¹⁰ Ver Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, 2ª edição. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

cultura e a simbologia têm um papel fundamental no processo de educação massiva, do povo. E por isso, desde o início do movimento fomos adotando essa metodologia, de utilizar a cultura, nas suas várias manifestações artísticas, da música, do teatro, dos murais, da encenação, da simbologia; enfim, expressões coletivas e artísticas de um projeto coletivo”¹¹.

A Mística, com suas raízes nas formas de vida do campo, na Igreja e também numa prática política da esquerda e dos movimentos sociais do Brasil e da América Latina, é um complexo emaranhado de representações da luta política trabalhadas pelo MST. Na mística, desenvolvida em momento específico e nos discursos ou nas relações cotidianas no Movimento, representa a batalha contra o Estado e as elites governantes. E a *descoberta* que se refere Stédile, é de que através de manifestações artísticas como o teatro é possível encenar o drama "que conhecerá um fim bom" a que se refere Sampaio. Através da experiência e da reflexão sobre esta, o Movimento *descobriu* ou se deu conta da importância da organização de uma mística sua que contasse o seu drama e construísse o "fim" de acordo com o seu projeto de reforma agrária e transformações sociais.

No processo de organização e atuação das famílias sem terra se construiu uma mística que educou o movimento e teve, e tem, o papel de educar "o povo". E como educar o povo reunido em grande número nas ocupações, marchas, e outras ações?

Segundo Stédile, o método de “educação massiva do povo”, que alcance dezenas e centenas de sem terra¹², utiliza-se de recursos simbólicos e de linguagem como: a bandeira, o boné, as palavras de ordem, as músicas, etc. E demarca-se uma diferenciação com o método implementado na prática de uma esquerda política brasileira mais geral, em que “mais recente predominou apenas a forma discursiva; predominaram os eternos discursos que ninguém agüenta, nem guarda, nem lembra, nem aprende”¹³. Revelando uma concepção de educação e de organização: "O povo, a militância, aprende as lições históricas da política também por outros métodos”¹⁴

Por este prisma, o aspecto educativo da Mística no MST aponta para a cognição "massiva" que se efetiva na dimensão simbólica de representar as condições materiais e

¹¹ Entrevista de João Pedro Stédile por Deni Prado Forigo e Fernanda Gui. DCE Unicamp, 07/05/2003.

¹² Sem terra aqui é na forma ampla da atuação política no MST, da identidade política produzida na prática.

¹³ Entrevista de João Pedro Stédile por Deni Prado Forigo e Fernanda Gui. DCE Unicamp, 07/05/2003.

emocionais do povo. A constituição de uma realidade que agrega em torno da esperança de partilhar o sonho da luta pela terra, de um lugar com novas condições de vida, com novas relações. As esferas de razão e emoção, pensamento e sentimento devem desta forma compor os aspectos formativos e educativos da Mística.

Além destes aspectos, que são intrínsecos e simultâneos, combinam-se outros :

“A mística dentro de uma organização social como o MST tem um papel fundamental: alimentar nossos ideais e sonhos; construir, de uma forma prazerosa e feliz, as nossas relações sociais e atividades militantes. A prática da disciplina está diretamente relacionada com a mística porque a mística motiva, anima, na busca do projeto maior da organização do MST. Se o indivíduo perdeu o ânimo, perdeu a esperança, perdeu a prática da mística em torno do ideal maior, como exigir desse indivíduo que tenha uma prática disciplinada dentro da organização? Portanto, os militantes que não conseguem mais motivar-se, animar-se, emocionar-se, rebelar-se (contra as injustiças), desafiar-se, dificilmente terão disposição para respeitar a disciplina das atividades. Certamente buscarão subterfúgios ou motivos para escapular de suas obrigações” (MST, 2001:221 a 222).

Sobre os papéis da Mística, a referência acima chama a atenção para os aspectos organizativo de dar sentido e formativo de projeto e para o exercício da disciplina do e no MST nos espaços que aglutina as pessoas no Movimento. Este se relaciona à manutenção de indivíduos atuantes nos “ideais e sonhos” do projeto do Movimento, contando com a recarga de motivação, animação e esperança. E também se relaciona com a manutenção das direções e coordenações das instâncias do Movimento locais, regionais, estaduais e nacionais. Este é um aspecto polêmico, do qual não temos a pretensão de entrar, devido ao objetivo proposto, entretanto, que nos cabe mencionar.

A disciplina é efetivada para manter os sujeitos coordenados. E a Mística no seu aspecto organizativo nutre esta disciplina como necessária para a conquista de objetivos materiais e espirituais. Bernardo Mançano Fernandes¹⁵, enfatiza o papel de fluxo energético que a Mística tem: “A mística é o sangue do Movimento. Aonde ela corre, o Movimento vive. Aonde não, ele morre. Acredito que isso é o que de mais novo existe no Movimento dos Sem Terra”¹⁶.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Geógrafo-doutor da UNESP, estudioso e colaborador do MST.

¹⁶ Entrevista publicada no sítio da Internet: www.emcrise.org.br.

Por sua vez, a mística que alimenta é alimentada pela a atuação coletiva dos indivíduos no Movimento Sem Terra e pelo seu projeto¹⁷:

“O alimento da mística é o querer e o sentir. Estes dois elementos que movem o ser, ao mesmo tempo que o fazem sentir motivações, o põe em contato com tudo o que se relaciona no caminho. Tudo tem sentido e vale a pena quando temos a capacidade de saber a razão pela qual existimos” . (MST, 2001: 240)

A Mística fornece o sentido para a continuidade da luta por isto ela é fluxo de energia que nutre a disciplina e vice-versa. As necessidades materiais das famílias sem terra (como trabalho, moradia, alimentação) e as necessidades espirituais (de acolhimento, eliminação do abandono e do descaso das condições materiais, a solidariedade e a esperança) necessitam ser transformadas em vontade e disposição para a luta. E isto, acontece no processo de perceber, sentir e entender que é possível mudar e conquistar. Assim, as ações implementadas pelo Movimento junto às pessoas que agregam devem alimentar de esperança e ânimo.

E este "alimento" que flui e nutre, que é a Mística do MST, deve ser alimentado e nutrido pelas ações das pessoas que participam dos espaços do Movimento. Num processo dialético, as/os sem terra educam e são educadas/os, formam e são formadas/os no envolvimento com a luta pela terra e pela reforma agrária - sendo produto de práticas e o processo que produz práticas no Movimento Sem Terra. Constitui-se no coletivo atuante nas ocupações, acampamentos, assentamentos: “A mística da luta e da resistência sempre acompanhou essa história para revelar e motivar a busca do novo” (Bogo, 2002: 57).

A Mística do MST como processo educativo é o exercício de explicar o projeto e o porquê da existência do Movimento Sem Terra, e o seu papel político-social do próprio, ou seja, uma forma do Movimento contar sua própria história. Quem nos diz, é outro dirigente nacional do MST, Adelar Pizetta, na apresentação do livro de Ademar Bogo, "O Vigor da Mística":

¹⁷ A idéia de projeto aparece aqui na ação ampla de "luta por terra, reforma agrária e transformações sociais" que são mencionadas e são desmembradas em propostas agrárias, fundiárias e de produção agrícola no Programa de Reforma Agrária do MST, Caderno de Formação no. 23, São Paulo: MST, 1995.

“Ela é prática, que se manifesta das mais diferentes maneiras e momentos, mas também é teoria, conteúdo, ideologia. Como é próprio da Mística, é difícil explicá-la porque, para entendê-la, é necessário senti-la” (Bogo, 2002: 10).

A Mística, como prática permanente e cotidiana, cumpre o papel de reafirmar o sentido do Movimento e do seu projeto. Trata-se de um modo de conceber a luta pela terra e pela reforma agrária e um jeito de atuar na realidade agrária. Por isto, por ser vivenciada como práticas que movimentam as pessoas em torno de objetivos se constitui dinâmica vivida, e que por este aspecto de vivenciá-la torna-se difícil explicá-la, mas que ao ser sentida fornece elementos para sua compreensão.

Fernandes, nos trouxe instrumentos para compreendê-la:

“A cultura no MST é uma cultura de resistência e de enfrentamento (...) Desperta amor e ódio, dependendo da visão de mundo de cada um. (...) A criação da cultura está na autonomia. E a cultura é o significado da autonomia. (...) A cultura, música, poesia, é encontrada desde a primeira ocupação. (...) Nas fotos desse momento, pode-se observar cruzeiros, sanfona, violão, pessoas declamando poesias, só não havia o Coletivo organizado. A mística já estava presente. E onde há mística há cultura”. (Fernandes, Em Crise, 13/5/02)

A Mística fazendo parte da “cultura de resistência e de enfrentamento” das lutas por terra, neste aspecto, torna-se criadora e difusora, também, desta cultura. A Mística traz o lastro de autonomia constituída pelo Movimento em relação à Igreja, ao Partido Político e ao Estado. E traz também o exercício de uma comunicação com os setores sociais no enfrentamento com o Estado e o Capital. Bem como, comunica um sentido da luta por terra e por reforma agrária para a construção de um futuro melhor para as famílias sem terra e para a sociedade.

“A mística é subjetividade e objetividade. É utopia e realidade. Ela é um ritual, é música, poesia, mímica. É esperança, dor, linguagem. Um pouco como uma missa, sem o lado religioso. As pessoas não estão ali fazendo seu ritual em nome de um ser metafísico. Mas em nome de um ser humano - que é ele mesmo. Está dizendo "ou eu vou, ou eu fico". A mística mudou o caráter do divino. O divino não é mais o outro. Quando o divino é o outro ele é alienante”. (Fernandes, Em Crise, 13/5/02)

A Mística, ainda no seu aspecto de cultura, encontra-se não somente no momento específico mas no conjunto do fazer do Movimento. E a subjetividade praticada, na dinâmica do fazer do Movimento, trata-se da vivência de valores, tais como, esperança, solidariedade e indignação, nas experiências de ocupações, acampamentos, assentamentos, marchas, etc. E através do exercício dos objetivos de um projeto que se constitui, tanto da luta por terra e reforma agrária, quanto do acesso a direitos fundamentais, como alimentação, trabalho, moradia, saúde e educação. Explica-nos Fernandes:

“a mística é uma prática que o movimento desenvolve. De certa forma, é o alimento ideológico, de esperança, de solidariedade. A mística, para o MST, é um ritual. Ela tem um caráter histórico, de esperança, de celebração permanente”. (Stédile e Fernandes, 1999: 130)

A Mística como celebração é realizada antes de Encontros, Reuniões, nas Escolas do Movimento, e outras atividades, dura em média 20 minutos, e se dedica a um tema, sobre as contradições entre trabalhadores e capitalistas; a importância de cultivar valores como solidariedade e indignação (em relação às injustiças). É uma celebração em que o desfecho, geralmente, aponta para a vitória dos sem terra e da classe trabalhadora sobre as elites, o imperialismo americano, o Estado e um projeto de desenvolvimento excludente. A atividade da mística, em específico, demanda uma equipe e sua preparação prévia em grupo que define os passos, como músicas, textos em verso e prosa, utilização de símbolos, como bandeiras e painéis com imagens de revolucionários. Enfim, a Mística é uma atividade de destaque para iniciar uma atividade principal que deve alcançar a capacidade de levar as pessoas que assistem a refletir, a se emocionar, a compreender, perceber e sentir a necessidade da luta e da organização coletivas para a obtenção da vitória de um projeto de sociedade igualitária (Bogo, 2002).

Nos aspectos formativo, educativo, organizativo e cultural que destacamos sobre a mística, vários outros poderiam ser encontrados na prática ou no fazer do MST. No entanto, nas suas diversas definições que se complementam, obtivemos elementos que nos forneceram uma base de compreensão do que vem a ser a Mística, sobre suas raízes, aspectos, papéis e sentidos e da projeção que lança para os participantes do Movimento. A Mística do MST com suas características de motivação, animação, força, esperança, "alimento", fluxo energético, cria e compartilha uma subjetividade coletiva de experiências

de luta por terra e reforma agrária e transformações na sociedade. Esta dinâmica é praticada no MST, tanto no momento específico denominado Mística que antecede reuniões, encontros e atividades, quanto nas ações cotidianas nos acampamentos, assentamentos e outros espaços como cursos, congressos, encontros e reuniões.

A Mística é dinâmica e prática e compõe o processo de compartilhar subjetividade e equiparar os conhecimentos e saberes de suas/seus participantes; reafirmando a unidade em torno do projeto de sociedade e de uma disciplina organizativa na ação, na atividade, na vivência/experiência das ocupações, dos acampamentos, dos assentamento, dos cursos, encontros, congressos e reuniões. E a Mística de tornar-se Jovem no MST é indissociável de todo esse processo mais amplo que significa aprendizado, formação, organização e cultura.

Fazer-se:

Para o aprofundamento histórico da nossa compreensão de mística nos foi oportuna a idéia de *fazer-se* desenvolvida por E. P. Thompson, em “A Formação da Classe Operária Inglesa”¹⁸. Esta idéia nos munuiu com as dimensões histórica de processo e subjetiva de “movimento de autofazer-se” que ampliou o nosso olhar sobre a elaboração da mística como processo dinâmico de subjetividade e objetividade que anima e dá força aos sujeitos participantes no/do MST, tornando-as coletivo de luta pela terra e pela reforma agrária.

“Fazer-se, porque é um estudo sobre processo ativo que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos. A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se. (...) Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. (...) A mais fina rede sociológica não consegue nos oferecer um exemplar puro de classe, como tampouco um do amor ou da submissão. A relação sempre precisa estar encarnada em pessoas e contextos reais (...) Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses. A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou compartilhadas), sentem e articulam

¹⁸ Ver em “A Formação da Classe Operária Inglesa - A árvore da liberdade”. Vol 1. 3ª ed. RJ, Paz e Terra, 1997; no prefácio, nota de rodapé da página no. 9, em que explica que a tradução do título para o português retirou em parte o conteúdo “processual e subjetivo” da idéia de *fazer-se* do original em inglês “The English Working Class”.

a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. (...) A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais (...) 'Ela' - a classe operária - não existe, nem para ter um interesse ou uma consciência ideal, nem para se estender como um paciente na mesa de operações de ajuste” (Thompson, 1997: 9 a 11).

Thompson, na sua dedicação de compreender a classe como “um fenômeno histórico” que “ocorre efetivamente” nos chama a atenção para a compreensão que as experiências são vivenciadas por pessoas, e por isto encarnadas em relações. São as pessoas com suas atuações que tornam-se classe; tornam-se Movimento, dinâmico, portador de uma mística, e não como coisa estática, “uma relação, e não uma coisa”, “uma formação social e cultural”.

O papel da mística é variado, mas faz parte de um processo de fazer-se, torna-se coletivo com unidade e identidade do MST e das pessoas que dele participam nas circunstâncias de enfrentamento e resistência com o latifúndio e o Estado, nestas duas décadas de existência. A formação de grupos, equipes, coletivos, setores, brigadas, para a realização de atividades e resolução das questões do Movimento fez e faz com que as pessoas encarnem a mística de participarem do Movimento. E o Movimento ao estar encarnado nesta mística de participação se faz *presente ao seu próprio fazer-se*.

O MST vem atuando a partir do acúmulo de experiências herdadas e compartilhadas. Herdada do milenarismo contemplativo camponês da insubordinação e da sua porção lírica de músicas da poesia; da fé cristã difundida pela Igreja; da esperança socialista de movimentos e organizações sociais e políticas. E compartilhada na Mística de fazer nos espaços de aglutinação e agregação ao Movimentento.

Para Thompson, “a tradição comunitária encontrava-se por vezes associada a uma outra tradição subterrânea, a do milenarismo” (1997: 48). No caso do caldo cultural que formou a classe operária inglesa: “com suas interpretações literais do Livro da Revelação e suas antecipações de uma Nova Jerusalém descida do céu”; e com as (...) “premonições da iminência do Dia do Juízo Final” (1997: 49), ela constituiu-se:

“A imaginástica é, em si mesma, uma evidência de fortes motivações subjetivas, tão reais e eficazes quanto as objetivas, como vemos reiteradamente na história do puritanismo em sua ação histórica. É o sinal de como os homens sentiam e esperavam, amavam e odiavam, e como preservaram certos valores na própria

textura de sua linguagem. Mas só porque a imagística luxuriante aponta por vezes para objetivos claramente ilusórios, isso não significa que possamos concluir que ela indica um ‘sentido de realidade cronicamente deteriorado’ ... onde quer que encontremos tal fenômeno, devemos tentar distinguir entre a energia psíquica armazenada – e liberada – na linguagem, ainda que apocalíptica, e a verdadeira desordem psicótica (...) Entre essa imagística e a experiência social havia um intercâmbio contínuo – um diálogo entre atitudes e realidade que era às vezes frutífero, às vezes árido, às vezes masoquista, mas raramente paranóico (...) Mas para a maioria das mentes estabeleceu-se um equilíbrio entre a experiência externa e o reino interior, intocável pelos poderes do Mundo e abastecido pela linguagem evocativa do Antigo Testamento” (1997: 50 a 52)

O milenarismo pode ser entendido como parte integrante de uma “tradição popular”, que resguardada as diferenciações históricas, serviu para pensar a classe operária inglesa no século XVIII, e serve para pensarmos um dos elementos que compõe a mística do Movimento Sem Terra na atualidade: as referências de construir “a terra prometida”, “a terra de Deus” que emana, estimula e anima as famílias sem terra a enfrentarem e a resistirem na luta para além das necessidades imediatas. Como definiu Thompson, no caso da classe operária inglesa, o processo que se formou foi uma “uma curiosa mescla de atitude paroquial defensiva, teoria liberal e resistência popular”. (1997: 85)

As experiências herdadas e compartilhadas se mesclam, se combinam e se fundem numa dinâmica constituída pelo processo histórico e pelo movimento de "autofazer-se" dos sujeitos sociais envolvidos. Thompson no Livro 2 de "A Formação da Classe Operária Inglesa", trata da fusão de se formar e forma-se: “Eles¹⁹ foram objeto de doutrinação religiosa maciça e criadores de tradições políticas. A classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada (1988: 17 e 18). No caso do processo no MST, a mescla de experiências compartilhadas de lutas anteriores e as vivências nas ocupações, acampamentos, assentamentos, marchas, etc., trata-se de uma dinâmica das pessoas que ao fazerem parte das ações, se fazem parte do coletivo do MST e fazem o Movimento.

As experiências herdadas e compartilhadas são sintetizadas pela mística do MST na sua atuação e no seu discurso, propostas, palavras de ordem, etc.; e dão contorno ao processo de constituição e manutenção deste coletivo. Isto tem a ver com sua autonomia política em relação à Igreja, ao Partido e ao Sindicato, pois permitiu que suas ações fossem organizadas, preparadas e avaliadas, bem como, suas questões e demandas pautadas nos

seus coletivos e instâncias e por quem participa destes. Assim, o Movimento constituiu falas, faces, performance próprias, ou seja, uma mística própria que tem em vista uma comunicação com outros atores políticos. As suas ações são fortemente visíveis com suas bandeiras, bonés, e outros símbolos, e com as suas lideranças que discursam. E seu discurso tem dimensão de projeto que conquista autoria própria ao compartilhar, como herança, ou como memória, as experiências históricas da luta pela terra e o enfrentamento e a resistência ao latifúndio e ao Estado:

“Este imaginar que se torna prática, na encenação de um sonho, na ornamentação da praça, na organização da luta, na formação política, na marcha que segue em fileiras, no alinhamento dos barracos que formam uma nova cidade, reveste-se de mística que somente quem faz pode sentir o sabor” (Bogo, 2002: 17 e 18).

No trecho acima²⁰, a Mística é parte do entendimento do MST sobre si e do seu próprio processo de integração ao tecido social. Uma compreensão de seu momento histórico, de sua atuação e de seu papel político, e sobre o apoio e a solidariedade recebida por diversos setores. O próprio discurso do sujeito-objeto que conta e reconta sua própria trajetória, produzindo memórias e construindo mística: seja na prática do Movimento como um todo, seja no seu momento específico. A Mística se constitui uma forma de expressão do processo historicamente vivenciado, como fala e representação sobre as mudanças, as continuidades e as discontinuidades.

Para Thompson:

“Que os trabalhadores sentissem essas injustiças – e as sentissem apaixonadamente – é, em si, um fato suficientemente importante para merecer nossa atenção (...) As questões que provocaram maior intensidade de envolvimento forma muito freqüentemente aquelas em que alguns valores, tais como costumes tradicionais, ‘justiça’, ‘independência’, segurança ou economia familiar, estavam em risco, ao invés da simples questão do ‘pão com manteiga’. (...) A relação de exploração é mais que a soma de injustiças e antagonismos mútuos. É uma relação que pode ser encontrada em diferentes contextos históricos sob formas distintas, que estão relacionadas a formas correspondentes de propriedade e poder estatal” (1988: 27 e 28).

¹⁹ "Eles", trabalhadores operários e tecelões que formaram a classe operária inglesa no século XVIII.

²⁰ Parte da apresentação feita por Adelar Pizetta, dirigente responsável pelo Setor de Formação, para o livro "O Vigor da Mística", de Ademar Bogo.

Uma dinâmica que produz entre quem participa identidade e pertencimentos, pois as experiências vivenciadas no MST, na maioria das vezes, são reconhecidas por quem participa como próprias da luta do camponês encarnadas pelo Movimento, ligando as esferas pessoal e coletiva. Mas, que isto seja entendido como pertencimentos e não uma única forma de pertencimento, pois não quer dizer que todos sentem, percebem e entendem do mesmo jeito as experiências vivenciadas coletivamente; até porque os sujeitos carregam consigo experiências outras. E também, de que este reconhecimento coletivo de quem participa, não seja compreendido como ausência de discordâncias e contradições do processo de autofazer-se coletivamente, mas sim a dimensão coletiva do "nós" contido nas relações que articulam aquelas e aqueles que encarnam contextos reais.

Para fundamentar esta compreensão de identidade e pertencimentos entre aquelas e aqueles que participam de experiências coletivas comuns, cabe trazer para junto das reflexões de Thompson, as elaborações sobre movimento social²¹ e identidade e a identidade no Movimento Sem Terra:

"(...) movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer - por meio de um conjunto de procedimentos - e um pensar - por meio de um conjunto de idéias que motiva ou dá fundamento à ação. Trata-se de uma práxis portanto.

(...) Destaca-se ainda que a apreensão da maioria dos fenômenos sociais envolvidos nos chamados 'novos' movimentos sociais abrange dimensões subjetivas da ação social, relativas ao sistema de valores dos grupos sociais, não compreensíveis para análise à luz apenas das explicações macroobjetivas, como usualmente é tratada a questão das carências econômicas. Trata-se de carências de outra ordem, morais, ou radicais, no dizer de Heller (1981). E a amálgama das ações que ocorrem nesse plano é de ordem subjetiva, expressa pelo sentimento e por ações de solidariedade. B. Moore Jr. (1987), Castoriadis e Benedict (1981) e Thompson (1981) contribuíram para a fundamentação da categoria dos movimentos ao chamarem a atenção para essa dimensão subjetiva, construída ao longo de um processo histórico de luta, no qual a experiência grupal de compartilhamento de valores socialmente comuns é um fator fundamental.

(...) A identidade é uma somatória de práticas a partir de um referencial contido nos projetos. Ela não existe apenas no plano ideacional, não se trata de uma categoria simbólica ou de natureza exclusivamente cultural. A identidade se firma no interativo, nas articulações. Ela confere caráter progressista ou conservador aos

²¹ Foram muitas as leituras feitas sobre movimentos sociais, optamos em trazer a de Maria da Glória Gohn por nos parecer esclarecedora sobre o fazer e a subjetividade da Mística no MST. Contudo, consideramos que as reflexões de outros autores estejam presentes de maneira intrínseca na dissertação. São elas e eles: Sader (1988); Ledesma (1994); Melucci (1989); Costa (1994).

movimentos. (...) A solidariedade política deve ser investigada enquanto o grande elemento agregador dos interesses difusos e heterogêneos dos diferentes atores em cena. (Gohn, 1997: 247 a 262).

"Ao assumir uma identidade definida pela falta, ocupando literalmente as fímbrias da sociedade em acampamentos de beira de estrada, o sem-terra atravessa, como nas marchas que realiza junto com outros, um território sem fronteiras, ocupando o espaço público reconduz-se à condição de cidadão, membro ativo da sociedade. Nesse, que é um percurso coletivo, realiza várias passagens: da luta por terra à luta por reforma agrária, desta à luta por transformação social" (Chaves, 2000: 128).

A identidade construída pelo movimento social se constitui por um fazer-se próprio, em relação com outros atores sociais em parceria ou em disputa. A identificação no MST se faz com representação simbólica bastante forte de: músicas, encenações, painéis, boné e bandeira. A identidade se realiza na participação e conta com um aprendizado de diversas elaborações discursivas e de sentimentos como indignação e solidariedade. A mística, juntamente com palestras, manifestações e outras formas de comunicar, tem este papel de afirmação de uma identidade sem terra de luta social. E isto significa que as transformações devem ser conduzidas por um "percurso coletivo" da consciência dos objetivos de projeto e do sentimento de subjetividade.

"Isso nos leva a uma segunda característica da ação popular, que descrevi como contrateatro. Assim como os governantes afirmavam a sua hegemonia por um estudado estilo teatral, os plebeus afirmavam a sua presença por um teatro de ameaça e sedição (. Da época de Wikes em diante, a linguagem do simbolismo da multidão é relativamente 'moderna' e de fácil leitura: a queima de efígies, o enforcamento de uma bota num patíbulo, a iluminação das janelas (ou a quebra daquelas sem iluminação), o destelhamento de uma casa, que, como observa Rudé, tinha um significado quase ritualístico" (Thompson, 1998: 65)

A Mística do MST como um "contrateatro" repõe o aspecto épico da multidão. Seja como um momento, um tempo; seja na dinâmica do fazer-se de suas ações nas ocupações ou nos cursos. Partilha-se uma subjetividade de experiências herdadas e compartilhadas que afirmam a presença do "povo" e revitaliza a luta social como um *modus operanti* da transformação, da inversão da ordem social. Ela é ainda, uma maneira simbólica de experimentação de um futuro social junto às pessoas que participam das suas ações e dos

seus espaços, mas que depende de quem a vivencia pois "só faz sentido se faz parte da vida".

Jovem, uma fase da vida?

Em relação a questão dos jovens como sujeitos desta dissertação, iniciamos a discussão resgatando compreensões sobre jovens e juventude. Nos dicionários²², estas palavras aparecem associadas a um período entre a infância e a vida adulta, ou seja, em que não se atingiu a maturidade, o pleno desenvolvimento, o auge da caracterização de um ser animal ou vegetal. O termo também pode corresponder a jovial e a juvenil, relacionando-se ao frescor e ao brilho de uma fase da vida.

*“E nós um bando de velhos, nos sentindo jovens, prontos para tudo”.*²³

Juventude pode ser vista positivamente como um momento de jovialidade transitória. Ou negativamente, como um período da vida das pessoas de dificuldades de adequações e adaptações sociais e de desajustes. Atribuindo a este período uma certa desconfiança em relação a irresponsabilidades ou imaturidades a ser resolvida com a vida adulta.

*Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
Eu não encho mais a casa de alegria
Os anos se passavam enquanto eu dormia
E quem eu queria bem, me esquecia*

*Será que eu falei o que ninguém dizia?
Será que eu escutei o que ninguém ouvia?*

*Eu não vou me adaptar, me adaptar.
Não vou me adaptar!*

*Eu não tenho mais a cara que eu tinha
No espelho esta cara não é minha
É que quando eu me toquei achei tão estranho
A minha barba estava deste tamanho*

²² Ver: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2ª edição. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

²³ Uma ilustração interessante da fala do personagem Alberto, 90 anos, do filme “Copacabana”, de Carla Camurati. Rio de Janeiro, 2000.

*Será que eu escutei o que ninguém ouvia?
Será que eu falei o que ninguém dizia?
Eu não vou me adaptar, me adaptar.
Não vou me adaptar!*

Nando Reis²⁴

Como definir jovem? E quem são os jovens e os não jovens - crianças, velhos, ou adultos, ou mesmo adolescentes? São todas essas fases, períodos de transição na vida das pessoas?

A maioria das pesquisas sociais sobre jovens e juventude, por nós encontradas, estão publicadas pela área de Educação²⁵ e chamam a atenção para uma temática imbricada por idéias de desajustes sociais. Assim, jovens e juventude, de uma maneira geral na sociedade, principalmente, através dos meios de comunicação, aparecem associados a problemas como: drogas, violência, desemprego, sexualidade, gravidez, etc.

Alguns trabalhos, como de Abramo (1997) e Spósito (2000) apontam para a escassez de estudos sobre jovens e para as reflexões que estão voltadas às instituições que atuam com a juventude:

“poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações (...) estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (Abramo, 1997: 25).

Em “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil” (Abramo 1997), a autora chama atenção para as diversas leituras de distintos atores sociais sobre a juventude. De um lado, a mídia que destina cadernos específicos em jornais e programas de televisão a um público adolescente; dos editoriais e matérias que relacionam juventude à violência, exploração sexual, às drogas e uma série de “problemas sociais”. Em que a figura

²⁴ “Não vou me adaptar”, música gravada pelo grupo brasileiro de rock Titãs.

²⁵ Diversos estudos discutem a atuação de jovens em diferentes espaços: Abramo, 1997; Spósito, 2000; Mische, 1997; Martins, 1997; Falabella, 1997; Zaluar, 1997; Souto, 1997; Novaes, 1997; Vianna, 1997.

jovem está associada aos problemas sociais ou, ainda, ao mercado de consumo e/ou ao mundo da moda²⁶.

De outro lado, setores mais progressistas da política, historicamente, têm dificuldades de considerar o sujeito jovem no seu movimento próprio. A autora destaca o jovem na sua face estudantil, que teve uma “presença em prol dos processos de democratização e combate às estruturas conservadoras, houve sempre certa ressalva com relação à eficácia de suas ações” (Abramo, 1997: 27). E isto, não gerou um reconhecimento de autonomia política por parte de setores mais progressistas:

“uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como ‘problema social’ e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los” (Abramo, 1997: 28).

As controvérsias em relação ao reconhecimento das ações juvenis podem ser perceptíveis quando a referência são de fenômenos sociais do passado, mais ou menos longínquos. Momentos históricos que envolveram massas de jovens mobilizados em torno de causas e ideais, como da luta social contra a ditadura militar no Brasil, que podem encarnar um certo saudosismo a uma juventude atuante. Abramo (1997), em referência aos jovens estudantes na década de sessenta, no Brasil, diz que não é difícil ouvir generalizações sobre a atual apatia da juventude, em reconhecimento de um período em que a juventude "se fez mais ver do que ouvir" pela sociedade.

O reconhecimento do sujeito jovem do passado não necessariamente leva ao reconhecimento do protagonismo juvenil na sociedade e na política do presente. A referência ao passado de uma juventude atuante e, quem sabe, que “soubesse das coisas”, desautoriza jovens a formularem, a expressarem e a atuarem em nome próprio. Uma referência de juventude, um modo geral, de marasmo que deslegitima a capacidade de atuação política juvenil.

Spósito, também chama a atenção de que:

²⁶ Ver, também: Do Carmo, Paulo Sérgio. Culturas da Rebeldia. Ed. Senac. SP, 2000.

“ (...) os segmentos juvenis têm sido caracterizados, nas últimas décadas, pela extrema acentuação de seus traços individualistas, pela apatia política e pelo desinteresse nas relações com a esfera pública; seriam os jovens, assim, apenas a expressão radical de uma sociedade que esgotou as modalidades públicas da construção de sujeitos e atores, voltando-se sobre si mesma, em um momento de exacerbação da esfera íntima e de interesses de natureza individualista” (Spósito, 2000)²⁷.

A idealização e a romantização de jovens/juventude podem construir olhares tanto de que são o futuro e a salvação de grupos sociais, e até da sociedade, quanto de que devem ser salvos da perdição e do perigo que passam a representar, relacionados à apatia, à alienação, às drogas e à violência. Pois, não é possível afirmar um esgotamento da atuação de jovens na esfera pública, mesmo que observadas alterações nos fenômenos coletivos, uma ascensão do individualismo e a fragmentação das identidades e culturas (Spósito, 2000). Pois, são reconhecidos novos princípios de construção da democracia, novas modalidades de ação e de atores nos conflitos do mundo do trabalho, na luta pela terra e por direitos de justiça e cidadania.

E por outro lado, os jovens fazem parte de processos de conflitos sociais que persistem, como o campo. Entretanto, ela chama a atenção que:

“... sobre as várias modalidades de inserção dos jovens na esfera pública, não estão contempladas as dimensões do mundo rural que têm realizado, por meio de seus atores, importantes movimentos de invenção cultural no interior da luta pela terra” (Spósito, 2000:80).

Os primeiros estudos sobre juventude no Brasil (Abramo, 1997) registram os movimentos estudantis como expressão e atuação juvenis. Estudos mais recentes²⁸ chamam a atenção para a diversidade de modalidades de ação de jovens na esfera pública, não estritamente políticas, podendo variar entre processos culturais e políticos.

Atualmente, as/os jovens do campo conhecem formas de atuação na comunidade ou na região onde moram e nos acampamentos e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra através dos "Grupos Jovens" ligados ou não à Igreja ou à Pastoral da Juventude Rural que é uma organização vinculada à Igreja²⁹. E o próprio MST

²⁷ A autora no seu trabalho faz referência às reflexões de Lasch, (1983); Sennett, (1978).

²⁸ Abramo, 1997; Spósito, 2000; Mische, 1997; Martins, 1997; Falabella, 1997; Zaluar, 1997; Souto, 1997; Novaes, 1997; Vianna, 1997

²⁹ Ver: www.pjr.org.br.

pode ser considerado uma modalidade de ação da/o jovem do campo na esfera pública. Uma vez que é visível e expressiva a presença de jovens nas ocupações de terra, nos atos políticos, cursos, encontros, etc. E outra porque o MST se volta com orientações políticas nacionais de formação dos jovens.

Contudo, a complexidade de definir como jovem grupos sociais reconhecidos como tal encontra-se em perceber e refazer conexões a partir de significados dispostos nas relações entre jovens e não-jovens. E reconhecer o sujeito jovem, no seu *fazer-se*, ao invés de problemas sociais a serem tratados, demonstra uma possibilidade de tratar de algo com vida, nas dimensões de processo e subjetividade. Romper com a perspectiva de compreender a/o jovem como *coisa*.

As leituras de Paes Machado (1993) e Pierre Bourdieu (1983), como umas das vertentes existentes sobre jovens e juventude, nos conduziram à compreensão da temática e o seu uso comum, que comunica uma problemática social. A relatividade do tema estaria na desmistificação da homogeneidade do termo juventude. Ou seja, ao invés de uma compreensão e uso de juventude, considerar juventudes e jovens; não tratando como uma categoria homogênea regulada pela idéia de geração; e nem limitada à idéia de classe social.

Mesmo considerando que as juventudes e os jovens, num determinado período histórico, podem ser hegemonizada por um grupo de "jovens" (Machado: 1993), que por suas demandas político-social e ações conquistam visibilidade e importância. Ou seja, num período determinado, uma juventude pode representar, na sociedade, a totalização das aspirações de diversos setores. Entretanto, grupos de jovens, numa mesma faixa de idade, podem experimentar momentos sociais e culturais muito distintos num mesmo lugar histórico.

A necessidade de desconstruir a “categoria da linguagem comum” e de reconstruí-la no patamar de uma realidade distinta carece de rupturas com a espontaneidade da “doxa dominante” em pré definir quem, como e quando são jovens. Isto, tanto no que diz respeito ao chamado senso comum da sociedade, quanto no campo da sociologia que se pretende distante das valorações sociais (Machado, 1993).

Machado refere-se a uma "Sociologia da Juventude" e critica as formulações de correntes geracionais e classistas, que tentam o enquadramento da compreensão da

categoria atrelada a estes posicionamentos. Não nos debruçaremos nos embates teóricos desta Sociologia sobre qual a melhor das abordagens. Mas o mais relevante para a proposta deste trabalho, é tentarmos uma certa relativização e estranhamento da questão dos jovens.

O centro da questão está em não definir jovens em "unicidades geracional ou classista", pois, as generalizações cristalizadas dessas correntes levam em conta as similaridades entre as/os jovens. E as diferenças reais dentro dos grupos sociais e as manifestações juvenis que dão sentido ao termo "juventude" são secundarizadas: "nos seus comportamentos cotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais" (Machado, 1993: 23).

Uma outra questão é a problematização sociológica da compreensão da juventude como fase. Isto eliminaria a construção histórica da categoria social do jovem, pois remete aos problemas sociais de um período histórico a uma fase (que como tal, vai passar) da vida do indivíduo como problemática. Pois, grupos sociais de jovens trazem consigo problemas do período histórico correspondente, ou seja, das experiências históricas vivenciadas por esta/este jovem.

Segundo Machado (1993), o surgimento histórico da juventude como fase, refere-se à invenção de uma outra fase, a da infância. Com o surgimento da infância, na Europa, no final do século XVIII e início do século XIX³⁰, e com sua consolidação como fase da vida, verificou-se o prolongamento entre a infância e a adultez e os conseqüentes problemas sociais daí advindos. As dificuldades de entrada na vida adulta - inserção no mundo do trabalho e profissionalização; prolongamento da escolaridade; legislação do trabalho infantil; o aumento da dependência em relação às famílias de origem - trouxeram consistência para que o período de problemas e tensões sociais de participação sociopolítica fosse associado como questões de uma fase da vida (Machado, 1993).

Por sua vez, Bourdieu (1983) alerta para o fato de juventude ser apenas uma palavra, vazia de significados se não conectada às relações sociais.³¹ Ele chama a atenção às arbitrariedades cometidas nas definições das fases da vida. Onde começa e termina a juventude? Os limites de idade, a constituição de faixa etárias dão conta de compreender

³⁰ Machado trata das tendências demográficas, através de taxas de mortalidade infantil e de natalidade, e a sua relação com a infância em famílias de condição social elevada; da infância retratada em ensaios literários e da infância entre "camadas de população mais humilde", através na assistência e regulamentação sobre o trabalho infantil feitas pelo Estado.

³¹ Bourdieu, P. In Questões de Sociologia, Ed. Marco Zero, 1983.

grupos de jovens? O adjetivo juvenil atribuído ao ser jovem delimita-se em marcos geracionais ou em diferenciações de classes sociais?

Tênue o limite de cada etapa da vida, o estabelecimento de fronteiras entre onde se inicia e termina cada uma e, conseqüentemente, a possibilidade de alguma seqüência entre elas. As fases podem obedecer a variadas seqüências. Dependendo do lugar social e das relações históricas que se estabelecem, podem-se avizinhar infância/juventude, infância/adolescência, juventude/vida adulta, ou mesmo situações que indiquem um estado emocional que combina velhice/juventude. Juventude pode relacionar-se à fase anterior à vida adulta, iniciando-se com o nascimento até a saída da puberdade, com todos os conflitos de constituição de uma percepção diante do mundo e da própria vida.

As divisões generalizantes entre fases que incluem idade, geração, classe acabam por construir estereótipos, limites e um ordenamento “onde cada um deve se manter, em relação à cada qual, em seu lugar” (Bourdieu, 1983: 112).

Diferentes trabalhos vão situar a juventude ao longo da história. Na coletânea "História dos Jovens"³², diversos trabalhos remontam as/os jovens em períodos históricos e culturas diferentes. Na introdução, desta coletânea, cabe ainda a reflexão sobre a noção de fase da vida:

“ (...) nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado. (...) Além disso, é preciso dizer que, dentre os princípios que servem de base para classificar as pessoas, a idade tem uma característica específica e evidente: por definição, do ponto de vista dos indivíduos, é uma condição transitória” (Levi & Schmitt, 1996: 8).

A compreensão de jovens como uma fase da vida, está carregada de transitoriedade o que não permitiria perceber que os problemas sociais correspondem ao período histórico da sociedade ou do grupo social em questão. Por exemplo, na Grécia Antiga, juventude compreende a sociabilidade de “classes etárias” num sistema de educação e formação, que corresponde à *paidéia*. Trata-se da iniciação dos mais jovens através de uma educação de responsabilidade dos mais velhos - ensinamentos e uma ordem social que opõe jovens e os

³² Ver: Levi, G. & Schmitt, J. História dos Jovens: Volume 1: "Da antigüidade à era moderna" e Volume 2: "A época contemporânea". Cia das Letras, São Paulo, 1996.

velhos em que “... o tempo da juventude é também o das aprendizagens, da emulação, dos concursos” (Schnapp, 1996: 20 a 41).³³

Dessa maneira, Alain Schnapp recompõe a imagem dos jovens na cidade grega no confronto entre velhice e juventude, no processo educativo que produz o equilíbrio de uma ordem social.

Através da *paidéia* educa-se os iniciados, aqueles que assumirão as atividades militares: “A cidade cuida do mundo juvenil como se cuidasse de seu próprio coração”; tendo como base as idéias de Platão: “Todos os mais velhos são os educadores dos jovens (...) Aos jovens os atos, aos homens maduros as decisões ponderadas, aos velhos as prescrições” (Schnapp, 1996: 20 a 41).

Muitas juventudes podem ser encontradas em diferentes períodos históricos, mesmo que não reconhecidas como tais pelos seus contemporâneos. Dos jovens gregos e a arte de viver na *pólis*; uma juventude entre os judeus e italianos nos séculos XIII a XV, em que a menoridade era um fator jurídico de reconhecimento e a juventude precisava ser controlada por sistemas educacionais e religiosos reparadores; à idéia burguesa de juventude na Modernidade: bem comportada e longe da turba - dando cabo ao projeto burguês de sociedade - pois os jovens eram percebidos como protagonistas em episódios de protestos políticos (Levi e Schmitt, 1996).

Diversas representações sociais de juventude pré-construídas são estereotipadas e carregadas de ideologias que camuflam relações e concedem irresponsabilidades e responsabilidades a setores na sociedade. Na sua efetividade as relações repartem poderes entre grupos sociais entre os mais novos e os mais velhos, deixando consideráveis fatias a esses últimos (Bourdieu, 1983).

Por outro lado, a porção de indivíduos que chamamos de juventude pode potencializar questões sociais que se encontram numa larga faixa da sociedade. Os sujeitos jovens em suas ações podem projetar sentidos que representam demandas políticas. E ainda, numa espécie de jogo latente, os desajustes, ou as chamadas “questões mal-resolvidas” de um grupo social, podem ser atribuídos e absorvidos por parcelas que encarnem a dificuldade de adaptações às regras dominantes (Bourdieu, 1983).

³³ In Levi e Schmitt. História dos Jovens, Cia das Letras, RJ, 1996.

Não se deve, assim, tomar a juventude como predefinida em problemas sociais relacionados diretamente a uma fase turbulenta, instável e perigosa.³⁴ A tentativa deve ser a de desconstruir o mito da juventude portadora legítima de determinados problemas sociais, o qual pode homogenizar, em diferentes situações e momentos, as condições sociais, econômicas e políticas; os valores e as crenças; de um período de agutização das questões sociais.

Jovens do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural

No que diz respeito às jovens e aos jovens e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, nos esforçamos em construir uma elaboração da qual "jovem" parecesse menos uma simples fase da vida (como outras que possam parecer) e mais um processo constitutivo de sujeitos de ação, pensamento e experiências que partilham uma vivência coletiva específica de juventude no Movimento Sem Terra.

E, neste sentido, a jovem e o jovem desta dissertação foram todas aquelas e todos aqueles que constituíram o público do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural de 1999. Pois, este Curso deu conta de se constituir como um momento e espaço do *fazer-se* do jovem no MST: nas condicionantes de se destinar ao público jovem e distinguir assim jovens e não jovens; e nas ações efetivas das/os jovens participantes. Ou seja, parafraseando Thompson: o Curso de Jovens do MST só se realizaria com jovens, estabelecendo relações com o Movimento. Parece óbvio, porém, as pessoas convidadas para o evento, como jovens participaram e/ou tornaram-se no fazer da experiência do Curso - destinado a esta especificidade: na prática da mística de se realizarem como jovens, que lá construíram; e nas relações de aprendizes, iniciantes, que as características do I Curso proporcionou na estrutura com ênfase numa jornada de palestras.

A reconstituição de um processo da/o jovem no MST como sujeito de um fazer dentro do Movimento foi possível dentro dos parâmetros do I Curso porque nos proporcionou resgatar uma estrutura que permitiu a reunião de jovens em grupos, equipes e brigadas. Talvez aí, o momento mais importante para as/os jovens fazerem-se e perceberem-se como sujeitos. E ainda, a existência de questionários aplicados neste evento

³⁴ Os casos veiculados pela mídia, envolvendo jovens, têm amplos destaques para os jovens envolvidos com

que continham informações sobre as/os jovens participantes do Curso e pequenos depoimentos, de um breve momento de respostas às perguntas, de conscientização de suas trajetórias de luta no campo, de seus sonhos, seus projetos de vida e de suas significações do MST traspassadas pela luta coletiva pela terra e pela reforma agrária.

As jovens e os jovens do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural de 1999, se constituíram como público “livre e desimpedido” para participar de um evento de dez dias. No decorrer do trabalho, percebeu-se que nem todas as pessoas presentes eram tão jovens assim. Havia uma maioria entre os quinze anos e vinte e cinco anos de idade - critério estabelecido pelo MST - mas outras/outros jovens com o dobro da idade. Compreendemos com isto, que jovens é um feixe de indicativos, sendo idade um deles. Não desconsideramos os abaixo e nem os acima da faixa etária definida e acrescentamos aos critérios os indicativos de disponibilidade e disposição do público ao reconstruir o processo de tornar-se parte do MST. Tendo em vista, que aquele público potencializou questões relativas à temática juventude do MST, bem como, ao próprio MST em organizar e formar politicamente os sujeitos dos acampamentos, assentamentos e de outros espaços de luta e de relações do Movimento. Desta forma, mais ou menos jovens nas idades, o grupo presente ao Curso encarnou demandas políticas de dentro do Movimento Sem Terra.

A preocupação com a/o jovem e sua participação na luta social no campo, não surgiu com este I Curso, de âmbito nacional. Foi perceptível, nos documentos do MST, a referência à/aos jovens:

"Nossas prioridades de trabalho: 1- a organização da base: A organização dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na base é a garantia de que alcançaremos os nossos objetivos. Desorganizados, não vamos a lugar nenhum! Nesse encontro nacional forma definidas algumas orientações para conseguirmos melhorar a organização da base. A seguir relacionamos as principais: 1.1 ampliar o Movimento em todos os sentidos. Para isso, precisamos: aumentar o número de trabalhadores que vão nas nossas reuniões; ampliar o número de municípios com comissões de Sem Terra; estimular a maior participação das mulheres; incentivar a maior participação dos jovens; manter contato com novos estados, procurando ampliar o Movimento para todos os estados, em especial para o Nordeste do país" (MST, 1987: 8)³⁵.

"A organização interna do Movimento: (...) 69- desenvolver uma mística da nossa luta junto às massas; (...) 78- Garantir a participação das mulheres e jovens em

violência e drogas.

³⁵ MST. 3º Encontro Nacional, caderno de formação no. 12, SP, maio de 1987.

todas as instâncias do Movimento; (...) 80- criar condições para que as mulheres e jovens participem em atividades coletivas da produção e consigam participar das atividades do Movimento; (...) 104- Estudo e pesquisa: 1- pesquisar novos métodos de formação que atendam as necessidades de qualificação e massificação do MST; (...) 106- conservação e correção do solo: desenvolver um trabalho de educação entre as famílias assentadas, principalmente, com jovens e crianças, sobre a importância da preservação dos recursos naturais (fauna, flora, solo e água). “ (MST, 1989: 15 a 19).³⁶

Nos primeiros cinco anos de fundação do MST, a preocupação com "os jovens" no Movimento passa pelo reconhecimento de sua presença e de sua especificidade, juntamente com crianças, mulheres e também idosos no conjunto da família. Na "organização da base" social do Movimento, os trabalhos com a juventude foram educativos de preservação do ambiente nos acampamentos e assentamentos.

Ao completar dez anos, a consolidação do MST tem no emblema do lema “reforma agrária, uma luta de todos!” - aprovado no III Congresso do Movimento - um redirecionamento das suas ações para além das suas demandas de terra, ou seja, volta-se o olhar para outros atores sociais de fora e de dentro dos espaços de atuação, olhando para quem o compõe. O Curso de 1999, se insere neste Movimento que se empenha na formação política dos sujeitos em suas especificidades: seja na construção do Coletivo de Gênero e nos cursos de formações de jovens, como os que se sucederam ao deste ano, bem como, os localizados nos estados.

O Movimento Sem Terra foi se consolidando nas especificidades que o desafiaram no dia-a-dia. Após os vinte anos, várias são as demandas incorporadas pela sua estrutura organizativa: produção, formação, comunicação, educação, finanças, gênero, e outras. Coletivos e setores foram constituídos na estrutura do MST, visando construir saídas para novas questões que surgem. Entretanto, uma instância ou um espaço/fórum específico da juventude permanece como desafio, como coletivo ou setor. Nos acampamentos e nos assentamentos, a questão juvenil, inicialmente, vem sendo contemplada, em parte, nas pautas de educação e cultura, principalmente no primeiro caso, através de cursos de escolarização e profissionalização³⁷. Vale destacar que a juventude encontra-se em diversos coletivos, instâncias e espaços atuando com questões das mais variadas, da produção à

³⁶ Plano Nacional do MST, 1989 a 1993. SP, junho de 1989.

³⁷ Um exemplo é a experiência de cursos de Magistério e de Técnico de Administração de Cooperativas que vem escolarizando e profissionalizando, principalmente, jovens vindo de acampamentos e assentamentos de

educação. E ainda, que encontros de jovens já vem se articulando nos estados³⁸, com a ajuda da Pastoral da Juventude e da Igreja, de uma forma localizada.

Porém, o diferencial a partir do Curso de 1999 foi o Movimento Sem Terra demandar nacionalmente a organização específica e a formação política para jovens ou de uma nova geração da luta pela terra e por reforma agrária vinda dos assentamentos e dos acampamentos. Ou seja, quase duas décadas depois da organização social das famílias sem-terra, jovens surgem como demanda organizativa específica.

Reconstruir o jovem no MST a partir do I Curso de Jovens e de questionários aplicados no espaço específico do I Curso de Jovens possibilitou-nos recolocar a categoria jovem/juventude nos marcos de determinada situação, espaço e configurações sociais, no tempo e nas relações travadas pela luta por terra e reforma agrária a partir do meado da década de noventa.

O questionário (Anexo) foi organizado para detectar, para o MST, o perfil das/os jovens presentes no Curso de 1999, ou seja, não foi estruturado para esta dissertação. Desta forma, o material produzido pelo questionário foi aproveitando dentro das potencialidades de ter sido respondido durante a realização do Curso.

Se de um lado, num primeiro momento, a leitura aleatória de alguns dos oitocentos e noventa e seis formulários do questionário demonstrou um material repleto de dados sobre os jovens: idade, escolaridade, trabalho, sustento financeiro, moradia; e de preciosas declarações juvenis sobre: o MST; o país; luta por terra; reforma agrária; mudanças sociais e políticas; e seus sonhos e projetos de vida. Por outro, o questionário com perguntas para diversas respostas demonstrava uma situação de desespero no trabalho com este material. Como fazer, de tantas expressões, um material compacto para construção de uma compreensão de jovens e para expor numa dissertação de mestrado? O pânico era contínuo: como juntar compreensões singulares? Era enorme a vontade de buscar saídas para não me

todo país; a mais de quinze anos no Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária - ITERRA, no município de Veranópolis no Rio Grande do Sul.

³⁸ O conhecimento de iniciativas locais com jovens em estados como Espírito Santo, Maranhão e Rio Grande do Sul mereceriam uma atenção maior. Nesses estados, já se realizaram várias ações específicas junto aos jovens, vindas principalmente de ações de Pastorais da Igreja e Congregações. Em Porto Alegre, maio de 2001, uma ação articulada entre diferentes movimentos que atuam no estado do Rio Grande do Sul, como MST, MPA, MAB, MMTR e a Pastoral da Juventude, promoveu um curso de formação para jovens. Outros estados, como Mato Grosso, organizaram materiais direcionados à organização de jovens. Enfim, em diversas localidades deste país, pulsam iniciativas e trabalhos com jovens, que vão somar na contribuição de trabalhos

defrontar com tal situação. A banca de qualificação do projeto pôs-me de frente ao, que veio a ser a matéria-prima, deste estudo.

"A esperança venceu o medo", ou, ao menos, por um momento, o contornou. De forma conflitante pus-me a organizar o material juntamente com o orientação. A "mística" das expressões de pessoas que, na condição de jovens, sobre a vida, o mundo, o MST, e de como percebem-se dentro disso tudo, postas, mesmo que de forma fragmentada, nos formulários, nos impulsionou a continuar na análise do material.

O interesse sobre o material foi-se compondo numa reaproximação com o mesmo e na percepção do seu conteúdo e através de conversas com a orientação que fazia questionamentos e chamava atenção para os possíveis caminhos a serem tomados. A familiaridade com os sujeitos da pesquisa paralisou, em vários momentos, a perspectiva de compreensão da relação entre jovens e MST, mas a medida que o material revelava seu conteúdo pudemos traçar um caminho do processo de torna-se jovem no MST.

Recortamos as/os jovens no espaço do I Curso de Jovens, no reconhecimento da especificidade juvenil e nas significações de um curso de formação direcionado a sujeitos jovens. Delimitamos a categoria jovem nos condicionantes das relações sociais, situações, concepções e valores distribuídos e dinamizados do Curso de 1999, na Universidade de Campinas; e também a partir dos depoimentos nos formulários do questionário como um momento em especial das/os participantes se pensarem jovens. Consideramos as breves declarações no questionário como aquilo que as/os jovens quiseram expressar naquela circunstância do Curso, como declarações de recentes trajetórias constituídas no fazer de experiências condensadas no coletivo do Curso. Pois, neste contexto, com os seus condicionamentos, foram produzidas referências juvenis.

A análise do material seguiu a organização de três blocos temáticos de questões dispostas no próprio questionário: *Quem são os jovens? Militância? Imaginário?* As pistas para isto, foram perguntas sobre: dados pessoais (sexo, idade, escolaridade, etc.); sobre se eram ou não militantes; e sobre o qual o significado do MST.

Os blocos forneceram elementos para os capítulos 2, 3 e 4 que tratam da/o jovem do Curso de 1999.

nacionais, como o I Curso de Jovens em 1999. Essas iniciativas também favorecem a presença de sujeitos jovens em muitas frentes de ações do Movimento Social, que merecem atenção e reflexão.

No Capítulo 1, trabalhamos com o contexto do Movimento Sem Terra. O MST como parte da história de um campesinato *insubmisso* que acumulou experiências e o seu surgimento no final dos anos setenta, num período de esgotamento do processo político e econômico do regime militar, e da retomada de força de vários setores sociais e do surgimento de "velhos" e "novos" personagens na arena da questão agrária. E finalizando, esta parte, tratamos do período do III Congresso do MST, onde se insere o I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural.

No Capítulo 2, trabalhamos com a perspectiva de retratar a/o jovem, construindo perfis/quadros com dados do público do Curso, norteados pelos critérios definidos pelo MST para a composição do Curso e contidos na circular de convocação. Isto, a partir do questionamento de: *quem são estas e estes jovens?* As respostas ao questionário nos trouxe dados sobre: origem e procedência, em a maioria veio de assentamentos e acampamentos e da metade sul do país; um público demarcadamente entre os 15 e os 25 anos de idade e do sexo masculino; grande parte com escolaridade até o ensino fundamental; muitas/os viviam com os pais, naquele período, e trabalhavam sem conseguir se sustentar. E seus sonhos e projetos de vida compuseram um retrato de *quem são as/os jovens do MST*, numa combinação dos seus desejos pessoais, com: casar, ter filhos, “plantar coco” com a dimensão coletiva da reforma agrária, mudanças sociais no país, luta por direitos e cidadania, “revolução” e “socialismo”.

No Capítulo 3, debruçamo-nos sobre o processo de construção do jovem no MST. O Curso de Jovens, em 1999, na Universidade de Campinas, foi o espaço e o momento para uma reflexão da condição de aprendiz do jovem. As palestras, as atividades culturais, a dinâmica dos horários, os valores compartilhados e a referência de Ernesto Che Guevara, como exemplo a ser seguido de revolucionário disposto e voluntário, foram alguns pontos da especificidade da/o jovem no MST. Com destaque para a autopercepção das/os jovens, ao responderem os questionários e construírem suas breves e recentes trajetórias. Elas e eles puderam reconhecer sua participação num processo histórico mais amplo do que suas questões e necessidades pessoais (também sociais). Uma reconstrução de trajetórias que produziu um jovem sujeito que atribui sentidos a sua presença em ações do Movimento Sem Terra em *tempos* de jovem aprendiz e de jovem sujeito.

No Capítulo 4, trabalhamos a *mística* de encontros juvenis com o MST e suas referências e seus *imaginários* saídos dos questionários, em que jovens disseram, respondendo a um item, o que significava o Movimento Sem Terra. Virtualidades juvenis que imputaram ao Movimento valores de justiça, solidariedade, companheirismo, amor, vida, entre outros. Composições de idéias difusas do campo da cidadania, da luta social e política, ativadas no processo de luta pela terra. Referências vivenciadas nos acampamentos, nos assentamentos, nas marchas, nos atos políticos, que encheram de esperanças jovens que se engajam num Movimento que começa a construir sua segunda geração.

Foi um desafio tentar retratar as jovens e os jovens no Movimento Sem Terra, a partir do I Curso de Jovens, processando conjuntamente o nosso imaginário. Não foi tarefa fácil, seja pelas limitações de dias do evento, seja porque todo o questionário e não somente um item abordou essa percepção da juventude sobre o MST; seja porque, quando se é, ou se foi, jovem do MST, pesquisando sobre o Movimento, ter que tratar objetivamente toda uma carga de expectativas e sentimentos, sem abrir mão de realizar observações sobre o processo de construção e reconhecimento da relação entre jovens e Movimento Sem Terra.

Capítulo I - MST, um fazer social e político

O objetivo deste capítulo é de refletir o fazer do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nestas duas décadas. A partir de processo de continuidade e descontinuidade de resistência e amadurecimento. Remetendo-nos para isto, ao fazer do camponês brasileiro, como ator social de ação política, e às experiências e ações sócio culturais do MST que imprimem um fazer do Movimento como: as ocupações; o acampamento; o assentamento; o pertencimento das tarefas realizadas que partilha a identidade sem terra; a construção coletiva da memória e da identidade sem terra; a solidariedade e a indignação do vínculo com a luta pela terra; o projeto de vida e o sonho enraizados na conquista da terra; e as referências conflituosas e opositoras da reforma agrária do MST. E, em seguida, tratamos do período mais recente do Movimento Sem Terra, em que intensifica-se a preocupação com as/os jovens, expressa na realização do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural.

O fazer do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra faz parte do que José de Souza Martins chamou da “história de um campesinato brasileiro progressivamente insubmisso” (1981:9)³⁹. Um campesinato, não como figura do passado, mas como figura do presente, que retoma a “esperança da terra livre”:

"progressivamente insubmisso - primeiramente, contra a dominação pessoal de fazendeiros e 'coronéis'; depois, contra a expropriação territorial efetuada por grandes proprietários, grileiros e empresários; e já agora, também contra a exploração econômica que se concretiza na ação da grande empresa capitalista que subjuga o fruto do trabalho, e na política econômica do Estado, que cria e garante as condições desta sujeição" (Martins, 1981: 9 e 10).

Insubmisso, pois o camponês produziu uma história de resistências a partir da sua condição de expropriado, *desenraizado*, numa história de migração e itinerância. Movimentos sociais importantes da História do Brasil, como Canudos e Contestado⁴⁰, e

³⁹ Martins, J. S. "Os Camponeses e a política no Brasil": encontra-se discutindo o sentido das lutas populares no campo e a necessidade de organização e estrutura partidária para construir a unidade frente às diversidades e o seu lugar político nas alianças de classe. Contudo, achei importante ligar isso às continuidades e descontinuidades do processo organizativo dos trabalhadores do campo.

⁴⁰ Martins (1981) trata pontualmente destes movimentos sociais afim de chamar a atenção para a importância e grandiosidade da luta camponesa e seus trabalhadores no interior do país.

formas organizativas, como o messianismo e o banditismo, foram maneiras construídas de resistir à exploração e à expropriação dos meios e das relações de produção⁴¹, expressas na violência da propriedade, do capital e do Estado (Martins:1981; Leite & Palmeira: 1998).

E uma história de organização que sofre uma mudança qualitativa na sua forma de resistir às expulsões de terra e pelo reconhecimento de direitos, entre 1945-55, adveio do rompimento com o localismo e da constituição de uma certa unicidade na causa da luta pela terra. E o camponês conviveu nas suas formas organizativas com a persistência do messianismo e do banditismo (Martins, 1981). O surgimento das Ligas Camponesas, em 1955, como organização política e a constituição de um sistema sindical rural são compreendidas como “as formas mais importantes de organização e luta política dos camponeses” (Martins, 1981; Medeiros, 1989; Novaes, 1997; Leite e Palmeira, 1998).

Leonilde Medeiros, chama a atenção que:

“No bojo dos conflitos que emergiam, eram duas as formas de organizações privilegiadas: os sindicatos e as associações civis, tais como associações, ligas, uniões, irmandades

Os sindicatos eram a organização dos trabalhadores que, de alguma forma, podiam ser considerados como assalariados, como era o caso de colonos, moradores, camaradas. Na leitura das forças políticas que então apoiavam as lutas no campo, a sindicalização seria a forma mais eficiente da luta por direitos trabalhistas e encontrava respaldo legal na CLT, que a permitia, embora não a regulamentasse. Foi com base nessa legislação que alguns sindicatos conseguiram reconhecimento, pelo Ministério do Trabalho, já em meados dos anos 50” (Medeiros: 1989:26).

Sem o aprofundamento adequado que a questão das organizações camponesas merece⁴², gostaríamos de dar mais um destaque a duas forças na afirmação política dos trabalhadores do campo: a presença da Igreja Católica em suas lutas que “de suporte das formas tradicionais de dominação passou a suporte de contestação camponesa” e “o movimento sindical dos trabalhadores rurais (que)⁴³ teve um papel fundamental na transformação da questão da reforma agrária em questão política” (Leite e Palmeira, 1998: 130). Segundo, estes autores, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, teve papel fundamental na organização dos trabalhadores durante o regime militar e de sustentar a luta através da bandeira de reforma agrária.

⁴¹ Sobre expropriação do camponês brasileiro ver Leite e Palmeira (1998).

⁴² Ver Martins: 1981; Medeiros: 1989; Leite e Palmeira: 1998; Medeiros: 2000.

⁴³ Meu acréscimo.

Ou seja, a qualificação do fazer do camponês brasileiro, “progressivamente insubmisso”, contou com apoios e alianças nas suas lutas e nas formas organizativas. E durante o período autoritário do regime militar, foi no sindicalismo que os camponeses tiveram a sua expressão organizativa de resistência (Medeiros:2000).

A bandeira da reforma agrária deu visibilidade necessária à luta dos trabalhadores e foi se constituindo em um projeto dos trabalhadores em diferentes organizações e diferentes períodos. A resistência dos trabalhadores às diversas transformações do campo, como migrações, expulsões e expropriação, processos sociais de algum modo articulados com “a modernização conservadora do campo”⁴⁴, trouxe um amadurecimento da luta da reforma agrária em um projeto.

Desde as Ligas Camponesas, entre os anos cinquenta e sessenta, à Confederação dos Trabalhadores na Agricultura na década de setenta e ao Movimento Sem Terra nos anos oitenta, a luta camponesa se constitui sobretudo em uma luta política de projeto contra a renda da terra e as precariedades das relações de trabalho/produção e que assim ultrapassa a sociedade como um todo (Martins: 1981; 2003; Medeiros: 1989 e 2000; Leite & Palmeira: 1998; Medeiros & Leite: 1999).

O “princípio da modernização”, encontrado no Estatuto da Terra, de 1964, definidor da proposta de reforma agrária durante o período militar, determinava que as propriedades deveriam transformar-se em empresas. Na tributação e na colonização de áreas novas era onde se calcaria a política agrária. A desapropriação é usada em áreas de tensões para a desmobilização dos trabalhadores.

“Embora tais movimentos não apresentem unidade na forma de sua expressão, de sua organização, de seus objetivos, eles apresentam uma certa unidade quanto à causa. De fato, o que em todos eles estava em jogo não era propriamente a propriedade da terra e sim a renda capitalista da terra” (Martins, 1981: 79).

A inviabilidade da proposta de desenvolvimento para o campo para o camponês provocou tensões e concentrou terras, tanto na anexação em áreas ocupadas por famílias de trabalhadores quanto em áreas novas, destinadas, a princípio, à colonização. Parece-me ainda pertinente a leitura de que a questão agrária era tratada como acessória ao

⁴⁴ Ver Martins: 1981; 1999; Leite & Palmeira: 1998; Bruno: 2002.

desenvolvimento, e não como uma questão nacional, política e de classe, e a reforma agrária como de emergência e de desmobilização do campesinato (Martins, 1981:96).

A década de setenta é compreendida como um período em que os resultados de acirramento das tensões no campo. A expulsão de camponeses aprofunda-se, estimulada por subsídios governamentais⁴⁵. Junto com o aumento da formação de empresas⁴⁶. “Agravou, assim, o problema que já vinha se acentuando desde o período da Segunda Guerra Mundial” (Martins, 1981:98).

O esgotamento do processo político e econômico do regime militar marca o final dos anos setenta e início dos oitenta, com a retomada de força de vários setores da sociedade, reivindicando melhores condições de vida e exigindo abertura democrática.¹ As expressivas greves rurais e urbanas, de canavieiros no Nordeste e do ABC Paulista, expressavam a atmosfera de crise e descontentamento. (Medeiros, 1989; Sader, 1988; Grzybowski, 1986)

1.1 Ocupações, acampamentos e assentamentos marcam o fazer do MST

“A conjuntura dos anos 80 é herdeira e tributária de todo um processo histórico de debate de luta e de conflitos – em suas múltiplas manifestações – sobre a pertinência de uma reforma agrária no Brasil e democratização da propriedade fundiária” (Bruno, 2002).

O MST se constitui no fazer de ações e experiências que se processam entre o final da década de setenta e o início dos anos oitenta, num contexto onde as lutas sociais são retomadas e têm papel importante na “abertura política e da transição”⁴⁷: dos primeiros sinais à sua efervescência – das ações mais intensas de reação de greves à crise político-econômica às grandes manifestações de ruas por eleições diretas no país (Sader, 1988; Medeiros: 1989; Grzybowski, 1986; Bruno: 2002). A luta pela terra é reforçada por ações de

⁴⁵ Ver dados na obra de José de Souza Martins

⁴⁶ O papel do Estatuto da Terra, aprovado em 1964, de “remembramento das pequenas propriedades e de dificuldade do seu aparecimento mediante fragmentação de propriedades maiores” (...) Nesse sentido, o Estatuto é um (princípio da modernização) muito mais drástico em relação ao pequeno agricultor do que em relação ao latifundiário, já que para este sempre existirá a possibilidade de, sem qualquer desmembramento territorial, transformar o seu latifúndio numa empresa” (Martins, 1981: 96).

⁴⁷ É bom frisar que autores, como é o caso de Leonilde Sérvo Medeiros, ao tratar da história dos movimentos neste período, destacam a atuação de pequenos produtores que no final da década anterior, produzem grandes movimentações em relação a dívidas financeiras, como é o caso do Sudoeste e Oeste do Paraná. O segmento dos pequenos produtores se agrega no movimento sindical com o apoio da Igreja.

ocupações e acampamentos e a bandeira da reforma agrária é retomada com os significados impressos pelas pressões em massa⁴⁸.

Os personagens do processo de resistência no campo modificaram-se. E, segundo Leonilde Medeiros, no início dos anos oitenta, “intensifica-se a luta pela terra: revigoram-se antigos personagens, surgem novos atores” (1989:139). A luta da terra não-resolvida, anteriormente mantida por trabalhadores na condição de posseiros e grileiros, rendeiros, foreiros, parceiros, é retomada com força por trabalhadores seringueiros, atingidos por barragens e trabalhadores excluídos da modernização da agricultura⁴⁹ (Sader, 1988; Grybowski, 1986); Medeiros, 1989.

Surgem “os chamados Sem Terra”, um novo personagem que se agrega na luta por terra, constituindo uma identidade e organização específicas (Medeiros, 1989:147). As diversas experiências de trabalhadores integrados precariamente na produção, a “ádua experiência de migração” para áreas de fronteira, provocando reação e denúncia da expropriação pelas barragens e gerando movimentos como o Movimento de Agricultores Sem Terra do Oeste, constituíram um “caldo cultural”.

As ocupações de terra estocaram em vários pontos do país: Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina, Bahia⁵⁰. “Nos primeiros onze meses de 1980, o presidente da República assinou 30 decretos declarando propriedades territoriais de utilidade pública para desapropriação por interesse social, para fim de reforma agrária” (Martins, 1981: 99). As ocupações, até então, dispositivos isolados de pressão⁵¹ para emergência do problema da terra, nesta conjuntura, as ocupações de terras se constituem num dispositivo de enfrentamento.

Vistas como um “divisor de águas no debate sobre reforma agrária e as lutas por terra nos anos 80” (Bruno, 2002: 163), as ocupações deram visibilidade às demandas dos trabalhadores no campo ocupando espaço nos meios de comunicação. Estas ações

⁴⁸ Em 1979, no III Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais, visualiza-se nas mobilizações e ações de massa formas de pressionar o Estado no sentido de realizar uma reforma agrária. (Medeiros & Leite: 1998).

⁴⁹ É bom frisar que autores, como é o caso de Leonilde Sérvo Medeiros, ao tratar da história dos movimentos neste período, destacam a atuação de pequenos produtores que no final da década anterior, produzem grandes movimentações em relação a dívidas financeiras, como é o caso do Sudoeste e Oeste do Paraná. O segmento dos pequenos produtores se agrega no movimento sindical com o apoio da Igreja.

⁵⁰ Ver: Medeiros, 1989 e 2001; Fernandes (1999); Caldart (2000); Grybowski, 1987; Navarro (1997 e 2001)

⁵¹ Conflitos de trabalhadores sem terra, no Sul do país, são registrados já na década de 45 e 50, no RS. Demandas por terra, fosse pelo esgotamento das fronteiras do estado para a instalação de unidades familiares ou pela pressão do crescimento de assalariados temporários (Medeiros, 1989).

estamparam o processo de “exclusão social e da concentração fundiária e a natureza e ineficácia fundiária”. E tornavam-se táticas de um movimento social que se intensificou e rogou em potencializar suas demandas numa articulação nacional.

O próprio Movimento Sem Terra destaca as ocupações como embriões de sua organização. Seria difícil desconsiderar este traçado que o próprio MST faz da sua gênese como movimento social através de materiais, como agendas anuais (MST, 1995; 1996; 1997) que registram a sua aparição a partir do acúmulo das lutas por terra e ocupações massivas de terra entre 1978/79 e 1983/4 no país. No Rio Grande do Sul, destaca-se a ocupação das fazendas Macali e Brilhante, em Ronda Alta. Em Santa Catarina, a ocupação da fazenda Burro Branco, no Município de Campo Erê. No Paraná, a construção da Barragem de Itaipu inundou as terras de cerca de 10 mil famílias. A indenização em dinheiro, aceita por muitos, provocou a exigência da indenização em terra, fazendo surgir o movimento “Terra e Justiça”. No Mato Grosso, fazendeiros tentaram despejar famílias que trabalhavam como parceiros. Em São Paulo, aconteceu a ocupação da fazenda Primavera no município de Andradina. Em outros estados, como Bahia, Rio de Janeiro e Goiás, são encontradas ocupações nesse período. “De uma perspectiva mais geral, elas transcendem o momento da conjuntura dos anos 80 e instituem novas práticas e novas formas de luta pela terra e por uma reforma agrária (Bruno: 2002: 164).

O Movimento dos trabalhadores Sem Terra constituiu uma estrutura de funcionamento entre os anos de 1984 e 1985, contando para isto com a articulação da Igreja Católica e a atuação da CPT (Martins: 1981; Medeiros: 1989 e 2000), e tendo como lema “terra não se ganha, se conquista”, e marcou sua ação social com as ocupações e os acampamentos, tendo na pressão direta a sua principal forma de luta (Medeiros, 2000). Progressivamente, tornou-se interlocutor necessário na luta pela terra e constituiu-se como mediação na luta política.

“A reforma agrária da ‘nova república’ é só propaganda e enrolação. Eles só vão desapropriar se nós fizermos muita pressão bem organizados. (...) Pra conseguir mudar essa situação, recuperar a terra que os ricos pegaram dos trabalhadores, tem que se lutar muito. Se organizar nas comunidades e municípios, a nível estadual e nacional. Só com muita organização nossa, a burguesia e o governo cedem nossos direitos” (MST, 1986: 5 a 7)⁵².

⁵² MST. “Terra não se ganha, se conquista!”. Caderno de Formação no. 9. SP, Abril de 1986.

O fazer que constitui o MST é marcado por este processo de mudança político-social e econômico e pela intensificação das ações. Na trajetória do MST os contornos de uma caminhada – que não se trata de linearmente de um traçado de 1984⁵³, da sua fundação com o I Encontro dos Trabalhadores Sem Terra, até o período mais recente – traz a composição de um fazer e sua dinâmica. Segundo Stédile, dirigente do Movimento: “teria muitos aspectos para abordar sobre a ocupação. Primeiro, é uma forma de luta contundente, não deixa ninguém ficar em cima do muro, obriga todos os setores da sociedade a dizerem se são a favor ou contra. (...) Outro aspecto da ocupação, este do ponto de vista da nossa organização, é que ela é fundamental, é a essência do movimento. O que o MST faz é aglutinar pessoas” (Stédile & Mançano, 1999: 113 e 114).

Com as pessoas aglutinadas, a partir de visitas às famílias de trabalhadores sem terra, reuniões nas comunidades, de convites de parentes, vizinhos e amigos inicia-se o fazer do MST e o aprendizado sem terra⁵⁴, de fazer-se parte da luta pela terra e da reforma agrária. Aprendizado que passa tanto por esta preparação pela ocupação, pela ocupação em si, pelo acampamento e pelos possíveis desdobramentos do assentamento. Um fazer-se parte de uma ação e de uma experiência coletiva da luta pela terra “contundente” que marca à quente uma vivência nem sempre é contínua. Nem todas as famílias, apesar da necessidade, conseguem se manter em relação aos enfrentamentos da luta, sejam eles diversos: despejos; infortúnios de diversas naturezas: escassez alimentar; a vivência sob regras desconhecidas até então; as condições das barracas, etc.

Os acampamentos mostram-se como um espaço importante, juntamente com a ação das ocupações, de experiências que vão constituir o fazer do Movimento Sem Terra e, que, por sua vez, faz destas experiências seu fazer. Segundo Medeiros (1989), o salto qualitativo foi o acampamento de Encruzilhada Natalino, em 1981, que conseguiu agregar e articular, com o apoio da Igreja, atores sociais em torno da luta pela terra, dando visibilidade para o conjunto da sociedade⁵⁵. Mesmo depois do acampamento e da conquista de quatro fazendas compradas pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, Encruzilhada Natalino recoloca

⁵³ Dessa forma, o recorte do Movimento Sem Terra precisa mais do que o marco do I Congresso de Trabalhadores Sem Terra, em 1984, e da sua fundação, em 1985, mas da tentativa de colher, nessa trajetória de vinte anos, aspectos que marcaram o fazer desse ator social.

⁵⁴ Sobre aprendizado Sem Terra, ver Caldart (2000).

“de forma incisiva a questão da terra, inaugurando uma nova forma de luta” (Medeiros, 1989:149).

Lygia Sigaud, chama atenção para “uma forma acampamento”, no fazer do MST, com o passar destas duas décadas, não só adotado pelo Movimento, como demonstra em seu trabalho (Sigaud: 2000) e em que “o modelo não é endógeno⁵⁵. Tudo leva a crer que foi engendrado no Sul do país, ao longo do processo de ocupações que desembocou na constituição do MST” (2000: 85). Constituindo-se como um espaço de significados, o acampamento compõe-se de toda “uma engenharia social do ato de acampar e sustentar um acampamento”, ou seja, de como pôr de pé diversas barracas de lona preta e todo o processo de mante-lo frente às dificuldades materiais e às pressões de interesses políticos-sociais contrários locais, estaduais e/ou federais. Além disto, o acampamento é um espaço de “aspectos ritualizados e se constitui numa linguagem pela qual os indivíduos fazem afirmações simbólicas”, como a de que a área seja desapropriada, ou ainda, ao construir sua barraca acenar para incorporação e participação deste fazer-espço do MST (Sigaud, 2000).

A autora chama a atenção, ainda, para as diferenças dos acampamentos mas uma certa recorrência na *forma* de organização.

O processo de acampamento é bastante valorizado pelo MST como um aprendizado específico, conseguinte a ocupação, em que os sujeitos aprendem a conviver coletivamente e engendram-se em regras organizativas. “A ocupação dá esse sentido de unidade às pessoas, para lutarem por um mesmo objetivo. Passar pelo calvário de um acampamento cria um sentimento de comunidade, de aliança” (Stédile & Fernandes: 1999: 115). Os coletivos que se constituem no espaço do acampamento passam a ser conexões entre acampadas/os e com as instâncias de decisões e elaborações do Movimento. E os sujeitos ao participarem de ações e atividades promovidas pelo MST se constituem parte deste.

O assentamento, por sua vez, faz parte do fazer do MST. E mesmo que muitos, não façam parte de experiências ligadas ao fazer do Movimento, pois são anteriores a própria atuação da organização ou possuíram uma dinâmica diversa, vale compreendê-los como

⁵⁵ A partir de 1981, a Comissão Pastoral da Terra promove encontros entre várias lideranças de diferentes estados, de acordo com a definição tomada pela Igreja Católica, na Conferência de Medellín, em 1975, de se voltar para questões sociais do campo.

⁵⁶ A autora faz um estudo aprofundado sobre “a forma acampamento” a partir de denso trabalho em acampamentos da Zona da Mata no Estado de Pernambuco.

relevantes ao processo de luta do qual está inserido. Os assentamentos, mesmo que muitos não tenham uma relação direta com o Movimento, seja porque são anteriores e/ou por “alguns não serem produto de conflitos abertos, todos eles se relacionam a um contexto em que o tema da reforma agrária ganhou visibilidade, conseguiu impor-se na agenda política e resultou em algumas desapropriações ou compras de terra, ou ainda na utilização de imóveis públicos, com o objetivo de fixar os grupos demandantes e aliviar tensões sociais mais intensas”. Não se confundindo com a reforma agrária, pois já que “as desapropriações, arrecadações ou compras de terra, em muitos casos objetivaram os conflitos” (Medeiros & Leite, 1999: 8-10).

Os assentamentos são experiências importantes para os sujeitos envolvidos, principalmente no plano local⁵⁷, onde num primeiro momento são indesejados e posteriormente, em certa medida, demandantes sociais com “reivindicações ligadas principalmente à infraestrutura básica, relacionadas à construção ou melhorias de estradas, saúde e educação, condições para escoamento da produção, etc.” (Medeiros & Leite, 1999: 10). E mexendo, de alguma forma em arranjos de poder local.⁵⁸

Muitas famílias assentadas participam de espaços de ação estadual, regional e local a partir da atuação nas atividades e ações do MST e de outras organizações como sindicatos, outros movimentos de luta pela terra ou entidades apoiadoras.

O assentamento é um espaço de fazer para a atuação do MST, tanto de reforçar a vinculação com as famílias assentadas, quanto com a sociedade nas diversas parcerias com entidades e outros movimentos sociais: “queremos que o assentamento seja um cartão de visita para a sociedade. Queremos que, nessas áreas, tanto as pessoas que moram lá como os visitantes se sintam bem, felizes e orgulhosos do resultado da luta pela terra (...) Devemos ser os primeiros voluntários a prestar ajuda em casos de catástrofes naturais, como enchentes, temporais, secas, etc. Os assentamentos devem fazer brigadas de solidariedade para atender esses casos. (...) Queremos dizer: ‘como o assentamento é fruto da solidariedade da cidade, estamos retribuindo esta solidariedade’ (Stédile & Fernandes, 1999: 123-124).

⁵⁷ As esferas de atuação não se limita ao local, à questão no plano estadual, regional e nacional. Ver Medeiros & Leite (1999).

⁵⁸ Ver Medeiros & Leite (1999) e Medeiros (2000) para aprofundar o assunto dos assentamentos e interferências locais.

“Nossas prioridades de trabalho: 1- a organização da base: A organização dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na base é a garantia de que alcançaremos os nossos objetivos. Desorganizados, não vamos a lugar nenhum! Nesse encontro nacional foram definidas algumas orientações para conseguirmos melhorar a organização da base” (MST, 1987: 8).⁵⁹

O fazer do MST têm nas experiências de ocupações, acampamentos, assentamentos, aspectos vitais. Nos seus primeiros anos a organização da sua base social foi fundamental para que existisse como tal. Contudo, o seu fazer foi marcado por ações públicas, marcantes em toda sua trajetória e de outros atores que surgiram ou se refizeram no período de abertura política. Mas é na década de 1990, que o fazer do MST se consolida e se amplia social e politicamente em grandes experiências e ações.

1.2. Anos noventa, consolidação do MST e ampliação social e política

Destacar os anos noventa nos interessa porque, além de ser o contexto em que se insere o I Curso de Realidade Brasileira para Jovens para o Meio Rural, são demonstrativos do processo de consolidação, expansão e amadurecimento do MST e da amplificação da luta pela terra e pela reforma agrária (Chaves, 2000). Seja pelo fortalecimento de laços, que já vinham se processando, com os demais trabalhadores (Medeiros: 2000); seja pela preocupação com a atuação específica de mulheres e jovens – que neste caso é o que nos interessa diferenciadamente, dado o foco desta dissertação.

No documento, Plano Nacional do MST⁶⁰ que corresponde aos anos de 1989 a 1993, o Movimento avaliou os seus cinco anos de existência e que “durante estes anos consolidou-se como um grande movimento de massas na luta pela terra”. E apontou para sua responsabilidade histórica na condução dos trabalhadores rurais para uma atuação mais ampliada, ou seja, “de contribuir para que todos os trabalhadores construam uma nova sociedade” (MST, 1989:3):

⁵⁹ MST. 3º Encontro Nacional, caderno de formação no. 12, SP, maio de 1987.

⁶⁰ MST, Plano Nacional do MST, 1989 a 1993. SP, junho de 1989.

“Sobre as questões relativas à luta pela terra”: (...) combinar a capacidade de luta provada nas ocupações de terra com outras formas de pressão; (...) evitar o isolamento político. Utilizar a capacidade de luta dos trabalhadores rurais de modo a fortalecer os laços com os demais trabalhadores e demais setores progressistas da sociedade; (...) garantir maior participação das mulheres e jovens em todos os níveis da luta para conseguir maior crescimento político e ideológico da classe trabalhadora. (...) As alianças: (...) desenvolver uma política de relações públicas, de bom relacionamento e de propaganda do Movimento para toda sociedade de modo a criar condições para estabelecermos alianças conjunturais e estratégicas. Este deve ser um esforço permanente do MST” (MST, 1989: 12-14).

O MST avalia positivamente o acúmulo das experiências e ações da luta por reforma agrária, principalmente, as ocupações, ressalta a capacidade de luta, explicita sua preocupação com outras formas de pressão e alerta para o isolamento político. Suas avaliações foram ratificadas pelo período que politicamente tiveram como fatos: a vitória de Fernando Collor de Mello, candidato das elites em 1989, a implementação das políticas neoliberais e reformulação da repressão aos movimentos sociais; e a eleição e reeleição de Fernando Henrique Cardoso, também candidato das elites, em 1994 e 1998, que com melhor desenvoltura, deu continuidade e aprofundou as políticas já iniciadas.. Estes governos atuaram para o isolamento do Movimento⁶¹ e sua desqualificação como ator político⁶². E as orientações do Movimento, não deixando de lado a organização interna, se voltaram mais fortemente para parcerias, alianças e para a comunicação e a interpelação da sociedade como um todo.

O Movimento Sem Terra abre a década de noventa com orientações de potencializar o seu fazer. A consciência do período, a partir de avaliações coletivas, construída em seus diversos espaços e instâncias, permite que suas experiências e suas ações elevem a luta pela terra e pela reforma agrária já deslocadas, para além de questões particularmente agrárias dos grupos sociais envolvidos⁶³.

"Ao consolidar a sua estrutura, estabelecendo-a e ampliando-a, o MST intensificou a resistência do campesinato sem-terra. No período 1985-1990, o MST se territorializou, deixou de ser o Movimento dos cinco estados do Sul, e se tornou um Movimento mais amplo, de caráter nacional. De 1990 a 1999, não ocorreram

⁶¹ O Movimento foi de fato recebido para negociação somente no curto governo de Itamar Franco, através do Ministério do Trabalho. O ministro Walter Barello tem, na sua trajetória, ligação com as lutas de trabalhadores através do PT e da CUT.

⁶² Ver Stédile e Fernandes, 1999; e Chaves, 2000.

⁶³ Sobre como a questão agrária atravessa o conjunto da sociedade, ver Martins, 1989 e 1999; Medeiros, 1989 e 2000; Leite & Palmeira, 1998, sobre como a questão agrária atravessa o conjunto da sociedade.

mudanças substanciais em sua estrutura. As modificações sucedidas foram a respeito da expansão das atividades e das representações. (...) em 1990, o MST estava organizado em dezoito estados. Na década de 1990, os sem-terra prosseguiram as lutas (...) Dessa forma, o MST intensificou a luta pela terra, de modo que na década de 1990 cresceram tanto o número de ocupações quanto o número de assentamentos, em todas regiões. Esse processo foi resultado das ações do MST, em parte, e de outros movimentos sociais que surgiram a partir de 1994 (...) Nessa década, também iniciara o pior momento da vida do MST: foram os dois anos e meio do governo Collor (15-03-1990 a 02-10-1992). Nesse tempo, ocorreu uma escalada de repressão contra o Movimento, de modo que, considerando a palavra ordem *ocupar, resistir, produzir*, o *resistir* foi mais intensificado. As ocupações eram rechaçadas pela polícia, de modo que em 1990 diminuíram significativamente os números de ocupações e de famílias na luta pela terra (...) Foi quando o Movimento voltou-se para dentro, preocupando-se com a organicidade e com a construção do Sistema Cooperativista dos Assentados e com a fundação da Confederação da Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil - Concrab" (Fernandes, 2000: 199 e 200).

O Movimento se expande fortemente pelo país, demonstrável pelas raízes que fincou a partir da territorialização das suas instâncias de representação e formas de organização que se expandiram além do eixo sul do país (Fernandes, 2000:199). E sua consolidação nacional é também percebida internacionalmente, a partir de ações e experiências em diferentes áreas sociais, como por exemplo educação. O MST é tido como importante movimento social por entidade e instituições, como o Unicef e o Reino da Bélgica que o premeia⁶⁴. Potencializa-se uma capacidade de luta através da expansão de sua base social em ocupações, acampamentos e assentamentos, envolvendo diversos sujeitos que os compõem, e de parcerias e alianças internacionais e nacionais, com a Central Única dos Trabalhadores, Partido dos Trabalhadores, Igreja, estudantes, e outros. E ao voltar-se para dentro o MST não somente investe na organização de suas propostas e sistematização de suas experiências na área de produção, com a fundação do Sistema Cooperativista dos Assentados e da Confederação da Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil - Concrab, mas se volta os seus investimentos de organização, formação e trabalho com crianças, mulheres e jovens.

O próprio fazer do MST amplia-se através de uma capacidade de comunicação e articulação que toma impulso. O Movimento produz uma mística que comunica as

⁶⁴ Diversos materiais do MST dão destaque para estes reconhecimentos, como as agendas 1996, 1997, etc.

violências, repressão e sofrimentos, vivenciados neste período, e suas preocupações com a situação e atuação das crianças, jovens e mulheres.

“Com acampamentos em beira de estrada e em praças públicas, ocupações de terras e de órgãos governamentais, marchas, saques jejuns coletivos e declarações públicas, os sem-terra criam fatos e notícia. A criação de eventos coletivos na esfera pública é o principal meio de atuação política do MST. No embate público criado pelas ações coletivas do Movimento, a definição de direitos, das leis e da violência é a moeda de troca entre os diferentes atores envolvidos – sem-terra, proprietários, funcionários públicos, agentes religiosos, políticos, advogados, juízes, ministros, polícias militares” (Chaves, 2000: 14)

O embate público de suas ações coletivas é um ponto bastante forte no fazer do MST ao longo de sua trajetória. A visibilidade pública de ações e experiências da luta por terra e por reforma agrária, no decorrer destas duas décadas, cultiva com místicas uma unidade da luta representada pelos sem terra, através das ocupações, marchas, etc. Para Roseli Salete Caldart (2000)⁶⁵, a representação do Movimento junto à sociedade tem um forte sentido político e cultural de *incomodar*, não somente por trazer de volta ao cenário político a questão agrária mas, juntamente com isso, pelos *personagens que faz entrar em cena e os valores* com a ocupação do latifúndio (Caldart, 2000).

Segundo Caldart:

“A principal força deste Movimento vem do contexto político, econômico ou sociocultural que o produz com determinadas características e não outras. O MST está se tornando símbolo de contestação social não simplesmente porque contesta ou pelo jeito que contesta. Sua contestação adquire força cultural e simbólica, porque mexe com a própria estrutura social de um país historicamente marcado pelo latifúndio, parente da escravidão” (2000: 22).

As referências de sofrimento das condições materiais, da exploração, da dominação de trabalhadores no campo, dos assassinatos e massacres de trabalhadores, agregam em torno de uma memória e uma identidade de constestação social e política das/os trabalhadoras/es e produz pertencimentos dos sujeitos sociais ao MST. Estas memória e identidade e estes pertencimentos, identificáveis na trajetória do Movimento, são reforçados com a necessidade de ampliação da luta e expansão social e política nos anos noventa.

⁶⁵ Ver: Pedagogia do Movimento Sem Terra. 2ª edição Ed Vozes, RJ, 2000.

No III Congresso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, realizado entre os dias 24 e 27 de julho de 1995, cerca de cinco mil participantes conclamaram a nova palavra de ordem, até então: “Reforma agrária uma luta de todos!”. Emblemática, apontou um redirecionamento das ações do MST que visaram o conjunto da sociedade. O simbolismo em dizer que a reforma agrária não diz respeito exclusivamente aos sem terras envolvidos e a articulação da luta por reforma agrária com outros setores foram reatualizadas, reoxigenadas. O Movimento saltou de um certo acúmulo de lutas por terra, ocupações, assentamentos e demandas sociais e de infra-estrutura para o desafio de atuar no conjunto da sociedade e sobre questões mais amplas, como por exemplo as privatizações. “A reforma agrária passou a ser considerada um bem para a sociedade como um todo. Reconhecendo nela uma conquista que requer legitimação social, o MST apresenta em sua formulação da reforma agrária uma concepção que rompe a distinção campo-cidade, ao sugerir um “novo modelo de desenvolvimento para a sociedade brasileira”. (Chaves, 17).

Na cartilha⁶⁶ de organização do III Congresso do MST, direcionada aos diversos coletivos e instâncias do Movimento, as avaliações e orientações são:

“Nosso Movimento: durante esses 16 anos de retomada da luta pela terra e dos 10 anos do MST como movimento nacional, foi possível desenvolver muitas lutas e obter muitas conquistas (...) Mas, sobretudo, pudemos nesses anos construir um forte movimento camponês em todo o país. Nunca antes, na história do Brasil, havia existido um movimento de trabalhadores rurais sem terra tão amplo que durasse tanto tempo. Portanto a nossa existência, por si só, já é uma conquista e já uma vitória sobre os latifundiários e as forças conservadoras do interior” (MST: 1995: 5).

Mantiveram-se as avaliações do MST, do final da década anterior e início desta questão, sobre a importância de si próprio para com a luta agrária e as orientações sobre sua ampliação no conjunto do país⁶⁷. O Movimento Sem Terra ao se constituir em organização política de trabalhadores rurais, a partir de 1995, buscou de forma sistemática a recondução⁶⁸ da bandeira da Reforma Agrária para diferentes setores da sociedade - Igrejas,

⁶⁶ Cartilha Rumo ao 3º Congresso, Reforma Agrária: uma luta de todos! SP, fevereiro de 1995.

⁶⁷ Há diferenciações nas regiões do país e nos estados sobre a consolidação e ampliação do MST. Tratamos destas diferenciações no capítulo 2 ao relacionarmos à análise da origem de jovens participantes do I Curso de Jovens (Caldart, 2000; Fernandes: 2000; e Navarro: 2000).

⁶⁸ Em diferentes contextos e conjunturas da história do Brasil, a bandeira da reforma agrária retorna ao cenário político, tendo em vista que a problemática agrária permanece. (Martins, 1981; Leite e Palmeira, 1998).

Partidos, sindicalismo urbano, estudantes, artistas, etc. – com ações diversas – ocupações de prédios públicos, ações contra privatizações, e outras (Chaves, 2000). Muitas destas ações provocaram discordâncias de seus aliados e disputas de campo de atuação política – CUT, PT e em certa medida a Igreja Católica na figura da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (Chaves, 2000). Contudo, as suas ações, nos últimos anos, vieram-se constituindo em referências para diferentes setores de esquerda.

O emblema do III Congresso, “Reforma Agrária, uma luta de todos!” como um ajuste de rota é também interpretado internamente pelo Movimento como qualificante desse último período:

“A nossa luta é para derrubar três cercas a do latifúndio, a da ignorância e a do capital (...) democratizar o conhecimento para um número maior de pessoas e o reconhecimento da sociedade (...) No período de 1993 a 1995 fizemos todo um debate ideológico, que resultou num programa agrário, aprovado no III Congresso Nacional (...) Ele representa uma proposta de como reorganizar o meio rural no Brasil, para democratizar a terra e o conhecimento” (Stédile e Fernandes, 1999: 74-76).

O amadurecimento do MST, no processo de experiências e ações da luta por terra e por reforma agrária, o conduziram à veemência de ações para além da disputa com o latifúndio. A luta mais ampla em frentes como educação, saúde e cultura interpelou a sociedade numa proposta de transformação (Chaves, 2000).

A violência, tão longamente impetrada contra trabalhadores e trabalhadoras, que no campo contabilizou milhares de assassinatos durante a década de oitenta, lança holofotes para a luta dos trabalhadores rurais durante os anos noventa. No mês seguinte ao do III Congresso do MST, em agosto de 1995, o massacre de oito trabalhadores e uma criança, em Corumbiara, no Estado de Rondônia, chocou o país. Sete meses depois, abril de 1996, em Eldorado dos Carajás, no Estado do Pará, mais uma vez a violência é a resposta dada às reivindicações de direitos dos trabalhadores. Policiais atiram contra famílias sem terra que bloqueavam uma estrada no interior para chamar atenção para sua situação. Dezenove pessoas são mortas à queima-roupa e outras são perseguidas e feridas gravemente, muitas permanecem com seqüelas físicas e psico-emocionais. As atenções, notícias, reflexões, imagens televisivas e impressas, voltaram-se para a questão da terra, para a reforma agrária e também para o personagem que incorporou essa luta, os sem terra.

A visibilidade do MST ultrapassou as fronteiras do país e adentrou o espaço político de interlocução, fortalecendo relações já existente e abrindo outras com entidades internacionais. Durante o governo de FHC, o Movimento enfrentou as ações de deslegitimação, contudo, as circunstâncias de violência provocam pressões dentro e fora do país e as ações do próprio Movimento dão visibilidade e põem em pauta a questão agrária e a luta pela terra, e o MST constitui-se um interlocutor privilegiado nas negociações. Os jornais estampam, situações como: “Este ano está sendo assassinado, na média, um trabalhador a cada dois dias, contra um total de 50 ocorridos em todo o ano de 1996” (JB, 19/01/97 apud Chaves: 2000:173).

As referências socioculturais são parte da difusão de experiências sociopolíticas promovidas pelo MST (Fernandes 2000). A análise da territorialização do Movimento Sem Terra, como processo constitutivo desse ator social, traz uma discussão que ultrapassa a dimensão física da presença. A reconstituição da ocupação como forma de acesso à terra e o tipo de organização e espacialização do Movimento compõem uma característica socioterritorial de projeto político que produz militantes e espacializam experiências de luta e resistência para além de uma base territorial de origem. Trata-se de um processo de luta e socialização política que desenvolve formas de organização, espacialização e territorialização que expandem experiências vividas e avaliadas, como “as marchas ou caminhadas, as ocupações de prédios públicos e as manifestações defronte às agências bancárias” (p.291).

Como um ator político, o Movimento conseguiu transpor adversidades violentas da luta por terra em possibilidades de comunicação, conquista de apoio e de espaço político e social. Nesse sentido, cabe a idéia de “sujeito social” que se forma e projeta uma referência de resistência dos Sem Terra, que *“fica mais forte porque é capaz de projetar-se para além de si mesma, e para além dos sem-terra”* (Caldart, 2000).

Bruno Konder, em entrevista sobre sua dissertação de mestrado, “Ação Política do MST” - USP/2001, aborda o número de vezes que o MST aparece na imprensa, em comparação à CUT e à Contag, o que faz do Movimento o principal adversário político dos governos federal e estaduais. A sua consolidação em ator político dá-se a partir de momentos e eventos vivenciados na segunda metade dos anos 90. A força do MST não viria somente do número de participantes, mas, principalmente, de seu aspecto contestador:

“Se o MST acabar hoje, ele ficará na memória das pessoas. Ficaré a noção de que a atuação política é um meio de mudar pela ação”⁶⁹.

Na sua pesquisa⁷⁰, Konder capta a partir da sua presença que se destaca na imprensa, através de suas diversas ações em diferentes espaços e momentos que produzem referências de luta e resistência e que alargam a sua presença na vida pública:

“Como verificamos, o MST não ocupa apenas terras e prédios públicos, mas ocupa também reuniões de ministros, discursos do presidente, relatórios dos serviços de inteligência, editoriais de jornais, manchetes nos noticiários, pronunciamentos de parlamentares, conversas entre o presidente e o papa, pesquisas de opinião pública, cartas de leitores e até protestos nas visitas do presidente ao exterior. Podemos, portanto, afirmar que o MST é um ator político, com presença importante no cenário público atual” (2000; 139).

Muitos elementos remontam o MST e o recriam, num *fazer-se* onde se é criatura e criador de uma coletividade. A percepção da imbricação de questões de dentro e fora do perímetro dos sem-terra passa tanto pela denúncia da violência sofrida quanto por manifestações públicas. Situações e ações com pesos sócio-culturais e políticos diferenciados, elucidaram o rol de atuação do Movimento nos anos noventa. Por exemplo: os protestos contra privatização da Companhia Vale do Rio Doce; o Ato Político de chegada a Brasília da “Marcha por Reforma Agrária, Emprego e Justiça”; Exposição de Fotografias Terra, que retrata a vida dos sem-terra – abril de 1997; as marchas em todos os estados em direção às capitais – julho do mesmo ano; participação no ato contra privatização da Telebrás e na manifestação “Brasil, Outros 500”, no sul do estado da Bahia; ocupação de prédios públicos para exigir créditos – maio de 2000; participação na organização do “Plebiscito da Dívida Externa” – setembro\2000.

Momentos, situações, circunstâncias, em que se colocam as reações, ações e táticas do Movimento para questões que o colocam em evidência e recoloca a sociedade civil em cena (Stédile e Fernandes, 1999), e para muitos o Movimento torna-se “símbolo de contestação social” (Caldart, 2000).

Outro momento significativo do fazer do Movimento Sem Terra foi processo que englobou a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça, em 1997 (Chaves, 2000; Santos et al: 1998).

⁶⁹ Página na Internet, Site NO, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2001.

“Se o MST constitui-se através da multiplicidade de eventos que promove, de todos, até hoje, a Marcha Nacional alcançou maior envergadura e êxito. Foi um acontecimento especial por seus propósitos, proporções e repercussão. Mas foi também um evento exemplar, na medida em que apresentou os elementos principais da ação política do MST: mobilização coletiva constituindo, simultaneamente, veículo de pressão e legitimação” (Chaves, 2000: 19)

“Nossa *Nação*⁷⁰ finalmente é reapropriada – pelos que dela foram excluídos – no cotidiano dos acampamentos, dos assentamentos, das manifestações e, especialmente, das marchas, como a Marcha Nacional de 1997. Nessa ocasião, os sem-terra fizeram questão de divulgar, mais uma vez por meio da música, que lêem as palavras escritas em nossa bandeira sob outra ótica: a *ordem é ninguém passar fome*, e o *progresso* é o povo feliz” (Santos et al., 1998).

A Marcha Nacional é elucidativa, talvez elemento de uma conjuntura, entretanto, de um processo de experiências e ações, de um fazimento do MST que se alargou e ampliou na luta pela terra para além de suas questões específicas. Diversos setores sociais e políticos demonstram solidariedade à Marcha no calor da chegada da Marcha à Capital Federal, possibilitando com a alocação de ônibus a participações de militantes de diversas entidades e movimentos sociais. E realizaram-se várias manifestações da sociedade civil, nos seus diferentes papéis sociais, culturais e políticos: militantes de diversos movimentos e partidos; *drag queens*; jovens *skantistas* e *punks* e outros.

A Marcha Nacional, “como uma performance política, na qual os atos públicos e outras encenações tiveram lugar, era a expressão pública de uma realidade social em que a violência da exclusão social – era proclamada uma injustiça” (Chaves, 2000: 234). A mística que envolveu a Marcha expressou toda uma trajetória na história de luta pela terra, que projetou seu reconhecimento político, sua legitimidade na sua causa, demandas e direitos. Muitos outros acontecimentos acumularam neste fazer-se do Movimento e foram significativos na compreensão da relação com diversos setores da sociedade, solidários ou contrários às demandas de desapropriações de terra, assentamento de famílias, créditos para produção, acesso à educação e à cultura.

O MST vem compartilhando experiências históricas e próprias da luta pela terra, e construindo identidade e uma heterogeneidade pertencimentos. Segundo Zander Navarro, “o imaginário social associa o Movimento às ocupações, quase exclusivamente”. Na sua interpretação, esse é um dos equívocos do debate sobre “reforma agrária, o MST e as lutas

⁷⁰ “A Ação Política do MST”, Dissertação de Mestrado defendida em Dezembro de 2000.

sociais no campo” (1997: 3), já que a agenda do Movimento é variada e diversificada, e não fere o preceito legal. Entretanto, as referências foram ampliadas na agilidade de “ocupação de espaços”, e nas formas de pressão e nas influências institucionais e ou políticas, que intensificam as possibilidades de solidariedade social. Um diverso conjunto de ações, desde *ocupações de prédios públicos, intensas negociações, marchas, jejuns, atos públicos, abaixo-assinados, e outros*, que o põe em evidência e, de certa forma torna-o, ora, quem sabe, impertinente, ora contestador social.

“O segundo desafio (na relação com a sociedade)⁷², assim podemos dizer, é o exercício intensivo da solidariedade com a sociedade. Essa solidariedade deve ocorrer em coisas práticas, como, por exemplo, estabelecer um banco de doadores de sangue para os hospitais públicos das cidades próximas aos assentamentos. Devemos ser os primeiros voluntários a prestar ajuda em catástrofes naturais, como enchentes, temporais, secas, etc. ... ‘Como assentamento é fruto da solidariedade da cidade, estamos retribuindo esta solidariedade’. Queremos desenvolver a solidariedade não por mera propaganda ou vaidade. Queremos desenvolvê-la como um valor permanente junto a nossa base social” (Stédile e Fernandes, 1999: 123 e 124).

As relações solidárias não se manifestam da mesma forma como as que fizeram surgir o Movimento nos anos oitenta, podendo ser reconhecidas na capacidade e na agilidade do Movimento tanto em ocupar espaços quanto em dar consonância a descontentamentos, reivindicações, necessidades, demandas, contestações, desejos presentes na sociedade. A solidariedade é uma marca da indignação de vários setores sociais na trajetória do MST, que produzem encontros e pertencimentos. E pode ser entendida como uma *mediação* exercida pelo Movimento, uma expressão política da *práxis*, que afirma uma identidade sem terra e o lugar histórico dos trabalhadores em face de um modelo de dominação e exploração capitalistas.

⁷¹ Itálico das/o autoras/or.

⁷² Acréscimo meu conforme o que os autores pontua como sendo o primeiro desafio da relação com a sociedade que o assentamento seja “um cartão postal”.

Capítulo II - Retrato: Quem são as jovens e os jovens do MST?

“É inegável a quantidade de jovens – articulados e/ou dispersos – que vivem nos acampamentos e assentamentos do Movimento. É bem verdade também que milhares já abandonaram o campo e agora vivem a ilusão das cidades” (MST, 2002: 8).

As jovens e os jovens dos acampamentos e assentamentos, "articulados e/ou dispersos, são potencialmente sujeitos que o Movimento Sem Terra aglutina, reúne e organiza. O I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural de 1999, na Universidade Estadual Campinas, foi um destes espaços onde o Movimento investiu na informação, na formação e na mística para dissipar "a ilusão das cidades" de jovens e para, agregando entorno da luta pela terra, pela reforma agrária e por transformação social, que não abandonem o campo.

O nosso objetivo neste capítulo é retratar as jovens e os jovens reunidos pelo MST no I Curso de Jovens do Meio Rural, na perspectiva de manter a pergunta: quem são as jovens e os jovens do MST, organizados por ele? De onde viveram? Como vivem (trabalham, estudam, etc.)? O que pensam as/os jovens que vivenciaram a experiência da Mística de *fazer-se* MST? E para isto, construímos quadros com características que descrevem perfis das/os participantes da primeira grande atividade nacional com jovens do meio rural, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Os critérios de participação definidos pelo MST, enviados pela Secretaria Nacional às Direções Estaduais, em forma de circular, no dia 23 de junho de 1999, demarcaram perfis. Para isto, trouxemos a circular:

"Circular 25/99

Para: Direções Estaduais

De: Secretaria Nacional

Assunto: Curso massivo de Jovens

Estimados (as) companheiros (as),

É com muita alegria que gostaríamos de comunicar aos companheiros, que todos os preparativos para o curso massivo estão prontos. As instalações da Unicamp, já compramos os colchonetes, (não esquecer de trazer roupa de cama e cobertor, faz frio nessa época em Campinas, mais toalha de banho, material de higiene pessoal e

material para prática de esporte) já temos garantida a alimentação. E o principal temos a confirmação de todos os professores.

Assim, sendo gostaríamos que os companheiros se empenhassem para garantir, que a delegação dos jovens do seu estado, esteja garantida, e que todos estejam presentes.

O local do curso será no Ginásio de esportes da UNICAMP, em Campinas. No local há um amplo espaço para estacionamento dos ônibus que ficarem todo tempo.

Os companheiros devem programar para chegarem na parte da tarde do dia 2 de julho. Iniciaremos as atividades com credenciamento, alojamento e a primeira refeição será a janta. Depois da janta a abertura oficial".

Nesta circular, há a comunicação sobre o I Curso de Jovens que trouxemos como o elemento definidor de critérios para a participação das/dos jovens. Na parte acima, o texto se refere aos preparativos e ao caráter massivo do Curso - o seu acontecimento trabalhamos no capítulo seguinte como parte da *mística de tornar-se jovem no MST*. Entretanto, foi importante apresentarmos o documento que definiu os critérios de quem participou do evento. E é este *quem* que foi ao I Curso que nos interessou na montagem dos perfis para a composição de um retrato sobre o jovem.

Os critérios demarcados para participação de jovens foram:

"Participantes - orientações e critérios:

- a) O MST nos estados deve selecionar jovens entre 15 e 25 anos, que sejam militantes ou potencialmente militantes, e gosto pelo estudo. Será um curso massivo de formação.
- b) Cada estudante deve trazer consigo: roupa de cama (lençol e atenção cobertor, faz frio nessa época do ano em Campinas) roupa de banho (toalha) material de higiene pessoal, material para prática de esportes. E roupa de frio.
- c) Número de estudantes por estado:
São Paulo: 5 ônibus ou 200 alunos
Paraná: 3 ônibus ou 135 alunos
Santa Catarina: 2 ônibus ou 90 alunos
Rio Grande do Sul: 2 ônibus ou 90 alunos
Estados que terão um ônibus cada, ou seja, 45 alunos por estado: Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal, Espírito Santo, Bahia, Rondônia, Mato Grosso do Sul (Pantanal), Mato Grosso, Minas Gerais e Pernambuco.
Delegações especiais: um ônibus ou 45 alunos somando os estados de RN, CE, PI, SE, PB, AL.
Um ônibus para região amazônica: PA, MA e TO;
- d) Nos estados poderão incluir na delegação jovens estudantes universitários ou de outros cursos que queiram participar.
- e) Cada ônibus deve ser organizado, com um coordenador, um responsável pela disciplina, um responsável pela limpeza, e um responsável pela animação.
- f) Faz delegação devem ser representativas de ambos os sexos. (...)"

Em relação aos critérios acima, nos focaremos sobre os critérios de participação, ou seja, o que tange orientação organização dos jovens no Curso - como organização de coordenações - deixaremos para o capítulo seguindo, quando da análise do funcionamento do evento de jovens.

Os quadros que se seguem são parte do exercício de compor retrato, ou retratos, das/os jovens. Os perfis juvenis foram construídos a partir de cada respostas delas e deles com o propósito de destacar as experiências e características que trouxeram consigo e que combinaram durante os dez dias de atividades no Ginásio da Unicamp.

O primeiro quadro do perfil das/dos jovens é *origem/procedência* que foi gerado a partir das respostas delas e deles nos formulários do questionário: espaços como acampamento; assentamento; universidade; secretarias e escritórios do MST; e outros.

Quadro 1: Origem/procedência em percentuais

		Frequência	Percentual	Percentual acumulado
Categorias	acampamento	333	37,2	37,2
	assentamento	438	48,9	86,0
	universitários	52	5,8	91,9
	vínculo de trabalho	24	2,7	94,5
	simpatizante	23	2,6	97,1
	outras organizações	14	1,6	98,7
	outros	12	1,3	100,0
	Total	896	100,0	

Estas localidades foram indicadas pelas/os próprias/os jovens ao responderem um dos itens do formulário do questionário, com um X numa das opções: acampamento ou assentamento; e na linha ao lado colocava-se o respectivo nome do local de onde veio, ou ainda, indicava-se uma outra origem que não fosse uma destas duas; por exemplo: o nome

da Universidade, como UFPR (Universidade Federal do Paraná); UFF (Universidade Federal Fluminense; ou ainda, escrevia-se uma explicação de onde trabalhava ou como conheceu o Movimento.

Desta forma, o que o questionário não previu de origens para além do acampamento e do assentamento, foram as/os jovens apontaram. A localidade indicada não era a cidade, município, bairro ou estado, que remete-se ao endereço ou residência, mas a localidade de identificação da sua relação e atuação com o MST. Como parte das identificações juvenis no MST - “acampadas e acampados”; “assentadas e assentados”; “universitários e universitárias”; “trabalhadoras e trabalhadores” na estrutura organizativa do Movimento; “outras organizações”, jovens oriundas/os de diferentes entidades e movimentos sociais; “simpatizantes”; e “outros” - trata-se de experiências vivenciadas por sujeitos nas relações com o Movimento. Assim, *origem/procedência* apresenta-se mais que um espaço físico mas a identificação da/o jovem de sua relação com o Movimento Sem Terra.

Como se percebe, a grande maioria das/os jovens participantes do I Curso de Jovens originaram-se dos acampamentos e assentamentos, respectivamente 37,2% e 48,9 %. O público em 86,1% tinha como base de suas experiências originais as relações nos acampamentos e assentamentos, onde o convívio é mais constante com o MST. O restante, 13,9 %, constituiu-se de relações com o Movimento em espaços diários como suas secretarias, e mais eventuais como universidades.

A expectativa inicial foi de que tivéssemos mais acampadas e acampados do que assentadas e assentados. Porque o alto número de presentes na atividade requer um grau elevado de mobilização encontrado nas situações de acampamento, devido ao próprio momento de transitoriedade e incerteza que muitas famílias se encontram, sem a definição da área onde serão instaladas. No primeiro curso nacional direcionado à especificidade da juventude, a maior parte do público adveio da experiência acumulada nos assentamentos, onde os jovens têm tido dificuldades de permanência pela ausência de escolas e trabalho.

O maior número de jovens assentados aponta para a preocupação do MST com um dado da realidade: o envelhecimento do campo. As/os jovens do campo não têm permanecido no espaço dos assentamentos. O assentamento que tem sido uma alternativa no campo para uma geração que luta pela terra, não tem sido para geração seguinte, que se forma nos assentamentos, espaço de permanência de continuidade, seja pelas possibilidades

de estudos e/ou trabalho, seja pela independência do núcleo familiar e/ou aspirações dos jovens.

A presença dos universitários foi de apenas 5,8%, entretanto, estes jovens estudantes, geralmente urbanos, em diversas atividades do Movimento, seja pelo fato do espaço da Universidade lhes proporcionarem a proximidade com debates sociais e políticos, incluindo-se aí a reforma agrária. Ou ainda, não podemos desconsiderar o número, ainda pequeno, mais expressivo de militantes do MST e as atividades crescentes entre o Movimento e as universidades. A identidade de estudantes e universitários agregou-se a experiência de jovens participantes do Curso organizado pelo MST.

As/os jovens com “vínculo de trabalho” no Movimento corresponderam a 2,7%, em sua maioria são aquelas e aqueles que atuam na administração e no cuidado das secretarias e escritórios estaduais, regionais e nacional. Inclui-se as/os jovens que desempenham atividades profissionais como advogada/o, assistente social, professora/or, etc. Atuam nos bastidores da ocupação de terra, da marcha de protesto, dos encontros e congressos, nas engrenagens fundamentais para o funcionamento do Movimento. Tratam-se de jovens que identificadas/os com a luta da terra, e, em muitos casos, frutos dela pois são oriundos dos acampamentos e assentamentos e deslocam-se para cumprir tarefas na burocracia das finanças, dos projetos e das relações públicas do MST.

Às vezes identificados como funcionárias e funcionários, encontram-se no trabalho de organizar atividades e ações e no processo de pertencer ao MST. São participantes de um fazer das realizações de cursos, encontros, atos públicos, atividades na base social do Movimento, e tantas outras ações. E, na situação do Curso, deixam momentaneamente suas tarefas na administração de secretarias e escritórios dos movimentos e organizações sociais e passam à condição de aprendizes, compondo-se na experiência das jovens e dos jovens do MST.

A parcela dos jovens identificados por “outras organizações”, 1,6%, são aquelas e aqueles que participaram do Curso de Jovens do MST a convite de outros movimentos sociais que atuam no campo, Movimento de Pequenos Agricultores - MPA, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR⁷³; e de congregações religiosas. O MST disponibilizou vagas a estas organizações que juntas, cada vez mais, vem se constituindo

em parcerias políticas e sociais na luta pela terra e pela reforma agrária, por créditos, uma alimentação saudável, e outras demandas que convergem entre os movimentos sociais, religiosos, organizações estudantis.

Estas organizações vêm firmando seus laços de parcerias através do fortalecimento da Via Campesina. Esta organização se constitui num espaço comum de atuação de movimentos sociais do meio rural, tanto no Brasil e quanto internacionalmente. Fundada no Brasil, em 1992⁷³, o processo de construção da Via Campesina vem se realizando na construção de atividades formativas e ações em conjunto entre Movimento Sem Terra - MST, Movimento de Mulheres Camponesas - MMC, Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, Movimentos dos Atingidos por Barragens - MAB, Pastoral da Juventude Rural - PJR, Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil - FEAB, com participação especial do Movimento dos Trabalhadores Desempregado - MTD, que tem uma atuação mais concentrado no espaço urbano. A intenção de fortalecer os movimentos sociais do campo e produzir quadros políticos para as organizações envolvidas tem levado a realização de Cursos, Seminários e manifestações comuns.

Na especificidade da juventude, somente no Rio Grande do Sul, dois Cursos de Realidade Brasileira para jovens realizaram-se, um em maio de 2001 e outro em fevereiro de 2002. Estas atividades em comum, além da intenção prática de diminuir os custos das atividades, aumenta o vínculo de parcerias entre os movimentos.

As jovens e os jovens que formaram o público do I Curso de Realidade Brasileira, quantitativamente e qualitativamente originaram e procederam, na sua enorme maioria, a partir de experiências com o MST nos acampamentos e assentamentos. Supõem-se a participação de jovens nos fazeres do MST, como reuniões de preparação de ocupação, acampamento e assentamento, marchas, etc. (Stédile, 1999; Sigaud, 2000). Ou seja, jovens que trazem consigo uma trajetória, no geral, pessoal e familiar de ações mais contundentes da luta pela terra.

O MST alcançou um grau de amadurecimento e consolidação na organização política de bases sociais, com uma permanente construção de acampamentos, numa contínua iniciação de famílias trabalhadoras rurais sem terra nas ocupações de áreas rurais e

⁷³ Os diversos movimentos de mulheres do campo do país que se organizam na Via Campesina decidiram, no ano de 2004, pela denominação Movimento de Mulheres Camponesas.

⁷⁴ Ver página na Internet: www.via.campesina.org.br.

em ações promovidas contra o latifúndio e por reforma agrária. Contudo, novas gerações sucedem-se dentro de espaços e momentos de socialização de um modo de vida forjado na convivência coletiva, inicialmente nos acampamentos, posteriormente na construção de assentamentos, nos cursos, encontros, etc. Transformar necessidades em demandas coletivas a serem solucionadas tornou-se elemento constitutivo desse movimento social, da mesma forma que a juventude vem-se tornando escassa na participação dos espaços dos assentamentos.

Por outro lado, com um peso diferenciado, tanto na quantidade quanto na qualidade, entre os jovens do Curso haviam outras experiências, fundadas na relação mais profissionalizante dos "vínculos de trabalho", como "simpatizante" das ações do Movimentos, na relação com outros movimentos sociais. Esta certa diversidade de origens das/os jovens aponta para ampliação social, um alargamento das relações do MST com diversos setores sociais, em diferentes circunstâncias.

Espaços que se constituíram em referência do MST, acampamentos e assentamentos desdobram-se na instalação de secretarias em diversas cidades do país e escritórios de cooperativas, e que trabalham também na consolidação de relações que se forjam em espaços como universidades; momentos de reuniões, encontros, atividades públicas que aglutinam diversificada militância e simpatizantes de causas sociais. O MST vem extrapolando as convivências circunscritas da reivindicação de áreas de reforma agrária e ganha aspectos maiores de contestação (Konder, 2000).

O Movimento ressoa como contestação onde se encontra a *mística* ansiosa de uma sociedade em resolver questões sociais. Tanto no interior do país quanto nos grandes centros urbanos, o MST encontra eco onde realiza ocupações de repartições do poder público e de bancos; marchas nas vias públicas; debates em sindicatos; entidades de categorias profissionais; escolas, universidades; atos em praças, etc. (Konder, 2000). Em diversos momentos, o Movimento e seus interesses de grupo social atingem diferentes setores da sociedade, com questões que trazem à tona demandas contidas nos sujeitos sociais envolvidos.

Enfim, origem e procedência correspondem às relações que se processam com o MST, além de um lugar físico. Neste estudo, através de questionários, pudemos resgatar relações que constituem a possibilidade de gerar e extrair atores sociais para parcerias,

alianças, vínculos de trabalho, contribuição e militância com o MST. Isso produziu categorias diferenciadas experiências nas relações com o Movimento Sem Terra: dos locais físicos de acampamentos e assentamentos; de estudantes; das referências e simpatias políticas com idéias, ações e causas políticas; da afinidade de pertencer a organizações parceiras do MST; e relações de trabalho que criaram condições de proximidade com um cotidiano militante.

As jovens e os jovens originaram-se de vinte, dos vinte e dois estados que o MST se encontrava organizado naquele período de julho de 1999.

No segundo quadro trazemos, as localidades físicas, as unidades federativas de onde vieram as/os jovens, no intuito de avançarmos na discussão de mais um perfil deste público do I Curso de Jovens. E também para discutirmos a consolidação do trabalho do Movimento e a sua ampliação social e política junto a sociedade nos estados.

Antes do quadro que podemos visualizar por região a origem das/os jovens definida a partir da relação com o MST, e as unidades federativas, visualizemos os critérios do número previsto de participantes por estado na Circular 25/99 da Secretaria Nacional para as secretarias estaduais:

Quadro 2 - Estados em números absolutos

Estado	RS	SC	PR	SP	RJ	ES	MG	BA	PE	GO	DF	MT	MS	RN,CE,PI AL,SE,PB	PA,MA TO
Número Previsto	90	90	135	200	45	45	45	45	45	45	45	45	45	45	45
Número Real	73	67	189	161	22	39	42	25	47	46	28	45	45	36	46

Associamos a diferenciação no número de participantes no Curso à distância, aos recursos financeiros e às condições organizativas do MST nos estados para agregar as/os jovens e enviá-las/os para Unicamp. Neste último caso, os recursos materiais para viabilizar a participação das/os jovens podem corresponder, direta ou indiretamente, à existência de assentamentos ligados ao Movimento, de projetos que financiassem esse tipo de atividade e de contribuições financeiras de outras entidades e organizações. Ou seja, a viabilidade da ida de jovens para o I Curso de Realidade Brasileira dependeu de um certo grau de

organização para articular jovens e recursos nos estados em que o MST se encontrava até então.

Vimos no Quadro 2 que dos vinte dois estado, que naquele período de 1999 o Movimento encontrava-se organizado, alguns estados foram agrupados. Estes foram denominados “delegações especiais”. Uma delegação com parte da Região Nordeste consistiu-se num grupo com os estados de Alagoas, Ceará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, de onde se aguardavam quarenta e cinco jovens e foi captado pelo questionário trinta e seis participantes; com ausência da presença do estado de Alagoas.

E outra delegação que reuniu o estado do Maranhão do Nordeste e os estados de Tocantins e Pará da Região Norte. Esta configuração geográfica com estes três estados foi denominada de Região Amazônica na organização político-geográfica do MST. Estiveram presentes no Curso quarenta e seis participantes desta região, acrescido de mais um jovem dos esperados. No entanto, o questionário aplicado não captou nenhum militante do Pará.

A utilização de delegação especial para estados do Norte e Nordeste possibilitou um público diversificado na origem/procedência. Em vez de somente alguns estados com mais possibilidades de captar recursos materiais se fazerem presentes no Curso, abriu-se à presença e à representação de outros estados com menos recursos.

Vejamos o quadro que expressa a origem das/os jovens:

Quadro 3: Participação de jovens por Regiões e divisão por origem/procedência em percentuais

Região	Acampada s/os	Assentadas/os	Universitári as/os	Vínculos de trabalho	Simpatizantes	Outras Organizações	Outros	Total
NO	0,2	0,8	0,4	_____	0,2	_____	0,1	1,7
NE	5,0	8,0	0,9	1,5	0,9	0,3	0,1	16,5
CO	9,5	5,5	1,1	0,2	0,3	0,1	0,2	16,9
SU	14,8	17,9	2,0	0,4	0,7	0,5	0,1	36,4
SE	7,9	17,5	1,8	0,6	0,7	0,7	0,4	29,5
Total	37,4	49,7	6,2	2,7	2,8	1,6	1,2	100

As amostras de participantes jovens se constituíram num pequeno universo da potencialidade do Movimento em se articular nacionalmente. No caso do Curso de Jovens, as amostras regionalizadas da presença das/os jovens demonstraram o potencial do fazer do

MST para agregar e aglutinar num espaço coletivo. As diferenciações de organicidade do MST no país requer um empenho sobre o tema em particular, no entanto, pudemos perceber dentro das limitações da participação do I Curso de 1999 pontos de articulação com a luta pela terra.

Pode-se observar que há diferenciação na participação das regiões no I Curso de Realidade Brasileira. A maior parte dos jovens participantes do Curso saiu da Região Sul, 36,4%. Somente do estado do Paraná veio 21,1%; número superior aos das Regiões Centro-Oeste e Nordeste, que respectivamente, participaram em 17% e 16%. Da Região Sudeste, com 29% que agrega maioria a metade sul do país. E da Região Norte com cerca de 1,7.

Como todo processo histórico, não cabe olhar para as regiões como espaços físicos em si, mas como experiências do fazer do MST nestas localidades. A diferenciação de número de participantes provenientes de diversos cantos do Brasil relaciona-se com o grau de organicidade conquistada e construída pelo Movimento Sem Terra e com os recursos humanos e materiais disponíveis e a distância do local da realização do Curso de Jovens.

A história do MST difere-se em cada região e em cada estado. Em diferentes regiões do país, a história do Movimento é um processo de construção que combina aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos, que determinam o grau que a organização Sem Terra tem hoje (Medeiros, 2000; Fernandes, 2000; Caldart, 2000).

Na trajetória de consolidação e ampliação social e política do MST, as regiões geográficas oficiais do Brasil poderiam ser recortadas de outro modo, a partir do prisma da luta pela terra nos últimos vinte anos. Uma configuração surgiria inevitavelmente com o “jeitão” do MST. Inicialmente um forte sotaque sulista destacar-se-ia; hoje uma mistura forte de falas sertanejas, agrestes, do serrado e do pantanal. A consolidação do Movimento, nacionalmente, pode ser demonstrada nas raízes que fincou a partir da territorialização das suas instâncias de representação e formas de organização que se expandiram além do eixo sul do país (Fernandes, 2000:199).

A Região Nordeste é muito diversificada no que diz respeito ao tempo de constituição do Movimento. Há estados, como por exemplo Bahia e Pernambuco, que possuem bases políticas consistentes, com vários acampamentos e assentamentos que respondem e sugerem pautas políticas. Já na Região Norte, o MST é mais recente,

entretanto, a organização no estado do Pará é mais estruturada do que no estado do Tocantins que tivemos jovens captados pelo questionário.

Os estados de Alagoas e do Pará, dos quais através do questionário não obtivemos nenhum/a jovem, o Movimento encontra-se consolidado. Em Alagoas, o MST faz-se presente desde 1985, com importantes conquistas de assentamentos. E no Pará, o Movimento ganhou impulso organizativo na segunda metade da década de noventa, e é marcante a presença de jovens nas lideranças de base nos acampamentos e também assentamentos. Destaque para a figura emblemática de Oziel Alves, de dezessete anos, importante liderança escolhida a dedo pelos assassinos do Massacre de Eldorado de Carajás, que o torturaram e o mataram. O jovem se somou aos dezenove trabalhadores mortos que protestavam a favor da desapropriação da fazenda Macaxeira. (Fernandes, 2000)

Na Região Centro-Oeste, o Mato Grosso do Sul é o estado com uma luta por terra mais contínua e isto se reflete na organização do MST. No Distrito Federal, o trabalho de organização do Movimento é mais recente, como é recente a pressão por terra por parte das famílias sem terra como um todo.

Na Região Sul, o tempo de existência da organização e o grau de organicidade são muito próximos nos três estados. Com dados coletados sobre a presença de jovens no Curso, destaca-se o estado do Paraná, através de seus cento e sessenta e nove participantes. Relacionamos a presença de jovens ao grandioso contingente de acampamentos. Nos últimos anos, famílias sem terra vêm vivenciando um intenso processo de luta pela terra, com grandes ocupações de latifúndios e o enfrentamento constante às repressões de polícias e milícias armadas.

Na Região Sudeste, a luta por terra é bastante antiga. Já em 1984, no município de Sumaré, na região de Campinas, um assentamento já havia sido conquistado e outros são instalados no decorrer desta década (Fernandes, 2000). Mas a organização do MST é mais variada. Ressalta-se o impulso organizativo do Movimento no estado de São Paulo no meado da década de noventa com novas ocupações na região do Pontal do Paranapanema. Ao se tornar um dos principais focos de tensão agrária do país, acelera-se o processo de maturidade do Movimento no estado.

No Espírito Santo, o processo de constituição do MST distingue-se dos demais na Região Sudeste. Nesse estado, os elementos constitutivos da organização das famílias sem terra podem ser observados nas histórias de outros estados do Sudeste, pois estão contidos na ofensiva dos trabalhadores através de ocupações, na solidariedade e na atuação de outras entidades, como Igreja, Sindicatos, Central Única dos Trabalhadores e Partido dos Trabalhadores. Os momentos iniciais desse processo foram marcados por desdobramentos com a instalação de vários assentamentos e novas demandas como educação, produção, formação política, saúde, durante estes últimos vinte anos de luta. Dessa maneira, puderam amadurecer contínua e acumulativamente a organização do Movimento.

O estado do Rio de Janeiro, mais próximo da cidade de Campinas do que a grande maioria de outros estados, contou com a presença de 2,5% das/os participantes. Um número bastante reduzido, que num primeiro momento, pôde ser relacionado a uma menor disponibilidade de recursos materiais e humanos. Mas os aspectos organizativos do MST, nesse estado - que vem-se potencializando com novos acampamentos e assentamentos e instâncias organizativas de direção estadual, coordenações e secretarias nacional e estadual na capital - são sistematicamente mais recentes do que por exemplo no Espírito Santo.

O MST, na sua existência, vem-se mostrando uma organização versátil ao absorver as enormes diferenças locais e experiências, mais ou menos, bem ou mal, sucedidas, que vêm servindo de lição sobre a necessidade de capitanear demandas da própria realidade social. As distintas situações que diferentes famílias de norte a sul do Brasil enfrentam levaram-nas a distintas respostas e formas de atuarem na luta pela terra.

Onde se conseguiu superar a demanda primeira da terra, abriram-se espaços a outras demandas e à construção de novas experiências em produção, educação, formação política e nas especificidades da mulher e da juventude, que ganharam peso e importância. E a ação do Movimento esteve voltada, durante este processo, para pautas formuladas por necessidades e sonhos das milhares de famílias de trabalhadores. Demandas novas exigiram uma versatilidade de ações táticas para realização de conquistas que mais tarde pudessem acumular no sentido de alcançar vitórias estratégicas.

O confronto com a necessidade da terra no sul do país, no final da década de setenta, levou inúmeras famílias a se organizarem em busca da “terra prometida”. A

demanda da terra pode ser encontrada no mesmo período em diferentes estados, e ainda hoje, sendo combinada com outras demandas.

Em Fernandes (2000), a gestação, o nascedouro e a consolidação do MST nos estados acompanham as ocupações do início dos anos oitenta. A articulação ocorreu em meados dessa década, e a organização de instâncias e setores durante a década de noventa. Mas as peculiaridades locais compõem a construção do Movimento em cada estado e demonstram o quanto são distintas as ligações entre as primeiras ocupações, na década de oitenta, e a expansão do MST, nos anos noventa.

A consolidação do MST nos estados acontecem com as peculiaridades locais de organização das famílias sem terra, dos conflitos com o latifúndio e da luta pela terra, de um modo geral; dos embates políticos com o estado; e das conquistas imediatas de assentamentos.

Os assentamentos abriram o caminho das famílias para a construção de outras perspectivas, além da terra, como: a organização da produção; a construção da escola; a qualificação do militante; e a atuação em outro patamar de mulheres e jovens. Isso pode ser sentido em trabalhos com grupos de jovens que acumulam uma experiência de atuação da juventude e ações de educação com cursos profissionalizantes.

Como vimos, a relação entre o contingente que se fez presente no Curso e sua procedência tem a ver com a organização de recursos humanos e materiais para viabilizar a presença de jovens em atividades nacionais e a organicidade do Movimento Sem Terra nos estados com acampamentos, assentamentos e parcerias sociais e políticas. Quem são os jovens e os jovens do MST passou por saber de onde saíram: acampamentos, assentamentos, bancos universitários, estruturas organizativas do MST e diferentes espaços de comunicação e relação social e política do Movimento Sem Terra, que formam os canais de acesso do Movimento com jovens.

Outro Quadro/perfil na perspectiva de retratar a/o jovem do I Curso de Realidade Brasileira, após sabermos de onde vieram os jovens e quais as experiências de relações locais nas regiões do país, foi o das faixas de idades dos participantes do Curso de jovens. O critério de participação apontou para jovens entre 15 e 25 anos, no entanto, encontramos variadas idades entre as/os presentes no Curso.

Quadro 4: Faixas de idades em percentuais:

Idade	Número exato	Percentual	Percentual Válido	Percentual acumulado
Abaixo de 15 anos	24	2,7	2,7	2,7
Entre 15 e 25 anos	773	86,3	86,6	89,0
Acima dos 25 e abaixo dos 30 anos	72	8,0	8,1	97,0
Acima dos 30 anos	24	2,6	2,6	100
Total	893	99,3	100,0	
Não respondeu	3	0,3		100
Total	896	100,0		

Quase 90% dos jovens que participaram do I Curso de Jovens tinham entre 15 e 25 anos, e um pequenino grupo com idades bem diversas, 13, 14, 30 e 50 anos. Diferentes grupos de pessoas numa mesma faixa etária vivenciam situações distintas e projetam-se para o futuro de diversas formas, conforme o seu lugar social e suas experiências. Na experiência do Curso de Jovens, pessoas de diferentes idades compartilharam a mística de tornarem-se coletivo sob o signo de serem jovens. Se a exceção de pouco mais de 10% afirma que a regra do perfil de jovem entre os 15 e 25 anos, afirma também que subjetividades da luta pela terra foram comuns ao público.

Para Amilton, 34 anos, acampado no estado de Minas Gerais, segunda série primária, sem profissionalização, fazendo o que ele chama de bicos para sobreviver. Há quatro meses no Movimento, o seu sonho é *“uma vida melhor”*. O seu projeto de vida é ter *“mais saúde, dignidade, mais escola para todos”*. Para ele, o MST significa *“organização que luta por uma sociedade digna e de direitos iguais para todos”*. E a opção pelo MST é *“para lutar junto, para conseguir esses objetivos que tem o MST”*.

Já Jacira, 37 anos, acampada em São Paulo, com curso universitário incompleto, sonha com *“um futuro melhor”*. Não informou quanto tempo está no Movimento. Seu projeto de vida é continuar *“junto com os companheiros dentro do assentamento, com a comunidade”*. Para ela, o MST representa *“trabalho, companheirismo, solidariedade, e com isso formaremos uma sociedade mais justa, humana, digna de construir um novo futuro”*.

Rodriguês com seus 34 anos, também acampado, mas no estado do Paraná, trabalha na roça e cursou até a oitava série. Ele encontra-se há dois anos no MST para *“ter uma vida melhor”*. Seu sonho é *“conseguir um lote”* e levar adiante seu projeto de vida de cultivar *“café, feijão e coco d’água”*. O MST, para ele, é: *“reforma agrária, transformação, uma luta de todos e fartura para todos”*. E completa, dizendo que entrou para o Movimento porque presenciou a *“transformação dos amigos e porque eu gostei muito da organização do MST”*.

Assentado na Bahia, José com 35 anos, quinta série, realiza trabalho rural. Sonha *“que não haja fome”* e tem como projeto para o futuro o cultivo do milho e da mandioca, e a instalação de poços d’água. Percebe que o Movimento é *“progresso, mudança e trabalho”*. E entrou para o MST *“por um Brasil jovem e vivo e produtivo, porque sem MST não há reforma agrária”*.

E a produtora rural, Iraci, 50 anos, segundo grau incompleto, não é militante do MST, mas do Movimento de Mulheres Agricultoras⁷⁵. Através da parceria entre os movimentos sociais de atuação no campo, ela pôde expressar seu sonho de *“uma sociedade socialista”*, e tem como projeto para o futuro o de *“trabalhar para uma sociedade igualitária”*. Para ela, o MST representa uma das frases emblemáticas que ele próprio cunhou: *“ocupar, resistir e produzir”*.

E João Maria, de 15 anos, acampado no estado de Goiás, que deseja *“um país igualitário”* e tem como projeto de vida *“conquistar a terra, produzir e ajudar outras pessoas a conquistar”*. Ele relaciona a sua entrada no MST *“por causa da terra e por uma sociedade igualitária”*.

Sonhos, projetos de vida e compreensões sobre a luta pela terra, por reforma agrária e direitos e sobre o MST, independentemente das idades de cada participante, foram compartilhados. A condição da idade é transitória, como se referem Levi e Schmitt (1996), as condições socioculturais destes sujeitos na atuação dos movimentos sociais do campo foram as questões que se ressaltaram no que tange a necessidade e o desejo de "uma vida melhor"; de "um futuro melhor" com mais saúde, escola, trabalho, solidariedade companheirismo. E as condições como público do I Curso de Realidade Brasileira para

⁷⁵ Os Movimentos de Mulheres Agricultoras e os Movimentos de Mulheres Trabalhadoras Rurais que se congregavam na Articulação Nacional de Trabalhadoras Rurais se unificaram como Movimento de Mulheres Camponesas.

Jovens do Meio Rural compartilhou noções entre seus participantes como: reforma agrária ser " *transformação, uma luta de todos e fartura para todos* " ; ou ainda, *sem MST não há reforma agrária*"; e "uma sociedade socialista" e "trabalhar para uma sociedade igualitária"

Um outro perfil sobre o retrato da/o jovem presentes ao Curso de Jovens de 1999, o quadro de gênero nos remete a reflexão da participação feminina nesta primeira atividade nacional de juventude do MST.

Quadro 5: Gênero/sexo e origem/procedência

Gênero/sexo		masculino	Feminino	Total
Origem/procedência	acampamento	29,6	7,8	37,0
	assentamento	35,8	13,2	48,9
	universitários	2,8	3,0	5,8
	relação de trabalho	1,2	1,5	2,6
	simpatizante	1,4	1,1	2,5
	outras organizações	0,9	0,6	1,5
	outros	1,0	0,3	1,3
Total		72,7	27,3	100

Os critérios de participação da Circular de Convocação do Curso apontou para uma composição de 50% para ambos os gêneros de sexo. Entretanto, mais de dois terços do público do Curso de Jovens foi composto por homens. 72, 2% do público total eram de rapazes, maioria em quase todas as categorias de origem/procedência, menos entre as universitárias/os. O desequilíbrio entre os sexo foi maior na categoria "acampados", foi menor entre "assentados" e praticamente inexistente entre as universitárias e os universitários, as/os com "vínculos de trabalho" com o MST; entre as simpatizantes e os simpatizantes; e as e os advindas/os de outras organizações.

Uma curiosidade é que no caso do estado do Paraná, cerca de 27, 4% do total de jovens acampados participantes do curso, todos os participantes presentes ao I Curso foram

rapazes. Isto pode tem relação tanto com o envelhecimento do campo, quanto com a "forma acampamento".

"A forma acampamento", montagem e manutenção de um acampamento e seus significados (Sigaud, 2000), há uma tendência de um maior presença masculina. São constantes as situações em que somente um membro da família se mantém no acampamento, ocupando um barraco, ou, ainda, de rapazes que partem sozinhos para a conquista da terra, podendo ou não, futuramente abrigar sua família de origem ou formarem uma nova família. E pode ser que por isto são eles e não elas a atenderem ao convite para participar dos cursos de jovens.

A participação feminina no I Curso de Jovens chegou a 27,2%. Acampadas, assentadas, universitárias, de outras organizações, simpatizantes, de 13 a 50 anos de idade, formaram qualitativamente o público ativo do Curso de 1999. Este quase um terço de participação proporciona a reflexão sobre gênero na luta pela terra e no processo de tornar-se jovem no processo do I Curso de Jovens.

A presença feminina no Curso esteve distante do equilíbrio dos cinquenta por cento indicados pela circular de convocação ou como o Setor de Gênero indica:

"Um dos princípios do MST é a transformação da sociedade, buscando construir uma a sociedade solidária, com justiça social, capaz de garantir vida digna a toda a população. Para isso, uma das necessidades é acabar com a desigualdade nas relações de gênero (...) E é preciso sair do discurso e vivenciar estas mudanças no dia-a-dia. Entre outras, consideramos essenciais que MST procure desde já: (...) Ter 50% de homens e mulheres em todas as atividades de formação e capacitação; (...) Realizar formação intensiva sobre o tema gênero em todos os setores e instâncias; (...) A nova mulher e o novo homem estão dentro de nós. Mas é preciso despertá-los e deixá-los desabrochar, para juntos construir um novo jeito de sociedade"⁷⁶.

Em conversas com a organização do curso chegamos situação, chegamos até a não-liberação das mulheres por parte das famílias. Grande parte das jovens, ainda é privada por suas famílias de participarem sozinhas de atividades dentro e, principalmente, de ações fora das áreas de acampamento e assentamento. Muito se tem mudado através da atuação das mulheres nas diferentes instâncias de direção e setores do MST e o Movimento procura sensibilizar o espaço da mulher e refletir os papéis sociais. Contudo, esse é um processo

⁷⁶ Ver página do MST na Internet: www.mst.org.br/setores/genero.

que leva o tempo da superação de alguns valores da família sem terra junto ao conjunto da sociedade.

A presença de mulheres nos movimentos sociais não é novidade. Nos últimos cinquenta anos, encontraremos Elizabete Teixeira que assumiu as Ligas Camponesas de Sapé, nos anos de 1960, quando do assassinato de seu marido João Pedro Teixeira com quem compartilhava a militância. Nos anos 70, encontraremos Margarida Alves, liderança sindicalista paraibana assassinada... E emblemática, Diolinda Alves, nos anos 90, presa por estar nas ocupações de terra junto com seu marido João Rainha Júnior, liderança do MST no pontal do Paranapanema (Novaes, 1997).

A luta das mulheres é reconhecida nos movimentos sociais do campo, não somente através das organizações dedicadas à questão de gênero, como o Movimento de Mulheres Camponesas - MMC. No Movimento Sem Terra, a participação das mulheres é sentida desde o início, nas primeiras ocupações do final da década de setenta e início dos anos oitenta⁷⁷, estendendo-se na atuação dos setores, como de educação e saúde, que hoje não é mais “coisa de mulher”, e no papel dirigente nas direções estaduais e nacional. Caso notável da ocupação feminina no MST é o estado do Ceará; por muito tempo, a direção estadual do Movimento foi, quase na sua totalidade composta por mulheres. De 1995 a 1999, de quinze membros na direção, onze eram mulheres. E esse fato da participação feminina é perceptível na base do movimento nos acampamentos e assentamentos, na militância em organizar as ações de ocupações e atos públicos e nas direções.

Não podemos caracterizar a presença feminina e a sua respectiva participação a partir desses dados restritos ao público do I Curso para Jovens. Entretanto, as informações oferecem-nos algumas reflexões sobre um processo constante de reconquista de espaços de luta por parte das mulheres no conjunto dos movimentos sociais, seja pela redução de sua presença, seja pela internalização de papéis de dominação sexista.

A base constituída de movimentos sociais, como o Movimento Sem Terra, compõe-se com a atuação da família, diferentemente de movimentos de categorias, onde quem participa é o membro filiado. A participação das famílias nas atividades recoloca as mulheres no campo da atuação política. Nas situações de conflitos, despejos, desbloqueio

⁷⁷ Ver Fernandes, B. Mançano, “A Formação do MST no Brasil” (2000); Caldart, Roseli, “A Pedagogia do Movimento Sem Terra” (2000); Moraes, Tetê, os filmes “Terra para Rose” (1987) e “O Sonho de Rose” (1997).

de rodovias e outras situações de confronto, elas e suas crianças não ganham a garantia da não-violência, contudo, ressignificam o conflito na possibilidade de diminuição da agressividade por parte das forças de repressão estatal ou de milícias privadas de fazendeiros.

É contraditório o papel da mulher no conjunto das relações e experiências da luta por terra e pela reforma agrária, pois, a mesma família rural, na busca da terra, repõe a mulher na vida política, e, num outro momento, não a libera para o aprofundamento da atuação política em espaços de formação. Essa realidade só pode ser compreendida na dinâmica de seus espaços e momentos nos quais os valores expressam um certo reforço do papel tradicional feminino restrito às relações familiares.

São distintas as situações coletivamente vivenciadas, em que participa toda a família sem terra e todos os seus membros, cumprindo papéis na luta, e situações em que o indivíduo participa sozinho. Na ocupação de terra: montagem do acampamento, com seus barracos para morada, montagem das cozinhas e farmácias coletivas; na construção da escola, ou seja, da aparição da cidade de lona preta, todas e todos membros da família possuem funções. Na realização de um curso, em que a participação seja recortada pela especificidade da juventude ou da mulher, a família não está presente. A condição da presença na coletividade do I Curso para Jovens foi que cada pessoa, individualmente, se encontrasse identificada por jovem.

Um outro quadro sobre as/os jovens do I Curso de Jovens, a forma de residir foi um dos elementos disponibilizados para a constituição de um retrato.

Quadro 6: Residência em percentuais

Origem/ procedência	sozinho	família	irmãos	amigos	outros	não respondeu	Total
Acampada/o	6,1	17,0	3,0	7,1	3,6	0,3	37,2
Assentada/o	3,6	33,5	3,5	5,5	2,7	0,2	48,9
Universitária/o	0,1	1,9	0,4	2,5	0,9	_____	5,8
Vínculo de Trabalho	0,1	1,1	0,4	0,9	0,1	_____	2,7
Simpatizante	_____	1,9	0,3	0,2	0,1	_____	2,6
Outras organizações	_____	0,9	0,2	_____	0,4	_____	1,6

Outros	0,3	0,6	0,1	0,1	0,1	0,1	1,3
Total	10,3	56,9	8,0	16,3	7,9	0,6	100

A maior parte dos jovens ainda reside com suas famílias, 56,7% dos que responderam ao questionário. Os 43,3% restantes: 16,4%, ou cento e quarenta e sete pessoas, dividem espaço com amigos ou companheiros de acampamento e assentamento ou de atividades políticas; 10,3%, ou noventa e duas pessoas, moram sozinhos; 7,92%, ou setenta e um jovens, escolheram na questão “mora com quem” o item “outros”. Nesses, encontram-se somente 3,35% de jovens que declararam morar com suas e seus cônjuges, podendo, ou não, dividir o teto com suas mães e seus pais ou sogras/os. Repara-se que a distinção entre “família” e “irmãos” foi uma alternativa de resposta encontrada no questionário e corresponde na análise ao não convívio das/os jovens com o núcleo familiar original.

Dos 91, em números absolutos, jovens acampados do Paraná, 41 não moram com seus familiares, dividem moradias com outros “companheiros”. E dos 40 que vivem com suas famílias: 32 moram com os pais e 8 moram com irmãos ou outros parentes.

Do restante, classificado em “outros”, como elemento qualitativo, e não quantitativo, das relações vividas pelas/os jovens ao responderem sobre moradia, como casada/ casado, ou situação similar, estando casadas, amigadas, ou qualquer outra classificação, expressaram a sua não-condição de solteiras. Descreveram-se como vivendo com seus companheiros ou suas companheiras, não havendo confusão com a opção “companheiros amigos/colegas” relativo às pessoas que atuam no Movimento Social. A terminologia “companheiros”, tanto para masculino quanto para feminino, é usada em diferentes situações no cotidiano do Movimento Sem Terra e de outros movimentos sociais.

Das trinta pessoas que optaram por “outros”, treze declararam a existência de filhos, e os outros definiram sua experiência de residência nas moradias universitárias coletivas; em espaços religiosos; nas moradias de seus vizinhos ou “*família amiga*”.

A condição de filho e filha prevaleceu entre os jovens do Curso, pois a maioria procede de experiências de residência com seus pais. No entanto, não foi possível desprezar as novas condições de moradia no processo de luta por terra. Nas circunstâncias compartilhadas do acampamento, assentamento, nos diferentes espaços do Movimento Sem

Terra, alguns moram sozinhos, outros dividem o mesmo espaço do barraco com seus consangüíneos, amigos e/ ou companheiros conquistados na luta pela terra. Houve quem morasse com seu “*filhinho*” e não optou pela idéia de família contida na opção “pais”; houve quem morasse somente com “*a mãe e o irmão*” e não se encaixou com “pais ou irmãos”.

A noção de família, através das diversas experiências vivenciadas por estas e estes jovens nos espaços de residência, permanece como referência dentro e fora do MST. A fragmentação da família descompõe os seus membros no processo de luta, da busca do espaço de trabalho e moradia, e a solidariedade desta mesma família se recompõe também no processo de luta, mas no momento de estabelecer no que se constitui como seu novo lugar.

No quadro seguinte teremos contato com o perfil da escolaridade das jovens e dos jovens participante do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural:

Quadro 7: Nível escolar em percentuais:

Origem/ procedência	1ª a 4ª série	5ª a 8ª série	2º grau incompleto	2º grau completo	3º grau	Outros	Não respondeu	Total
Acampado	8,0	18,9	5,0	4,1	0,2	0,6	0,3	37,2
Assentado	6,5	22,9	9,5	5,9	0,6	2,0	0,8	48,8
Universitário	_____	_____	_____	_____	5,7	0,1	_____	5,8
Vínculo de Trabalho	0,2	0,6	0,2	1,6	_____	0,1	_____	2,7
Simpatizante	_____	0,3	1,0	0,8	0,2	_____	0,2	2,6
Outras organizações	_____	0,1	0,4	0,8	0,1	_____	0,1	1,6
Outros	0,2	0,6	0,1	0,3	_____	0,1	_____	1,3
Total	15,7	43,3	16,3	13,5	6,8	2,9	1,5	100

O quadro acima demonstra que quase 60% das/os jovens que compareceram ao Curso de Jovens tem até o Ensino Fundamental. As faixas de escolaridade demonstra a

série escolar que cada jovem alcançou, não sendo possível levar em consideração os anos totais na escola com base em possíveis repetências de séries.

Entre jovens acampadas/s e assentadas/os, quase 90% do público, com idades na sua entre 15 e 25 anos de idade, o numero é reduzido de quem chegou ao 2º grau, menor ainda, no caso de acampados. A ausência de escolas de ensino médio é grande, e agrava-se com o fechamento de escolas de ensino médio. A escola no campo é extremamente importante para a permanência da/o jovem do campo e a manutenção de sua identidade com as experiências neste espaço (Caldart, 2000). A ida de jovens para cidade para estudar em escolas distante de suas realidades, com conteúdos que não refletem suas vivências e somado as dificuldades geralmente de distância, tempo e condições dos transportes pode levar os jovens a desistirem dos estudos e se distanciarem das relações que as/os vinculam a vida no campo. A luta por escola no campo vem nos últimos cinco anos se intensificando através do MST e os movimentos sociais que atuam conjuntamente na Via Campesina, e também através de organizações como a Confederação dos Trabalhadores na Agricultura - Contag, que ora convergem, ora disputam propostas para a educação do campo (Arroyo, 2003).

Os números ajudam a visualizar situações de uma realidade escolar deficitária, digase de passagem, que assola toda a realidade social brasileira. Demonstra-se que a escolaridade ainda é muito baixa, diante dos anos exigidos de escolarização para formação de profissionais. Encontra-se muito distante das jovens e dos jovens a exigência de escolaridade com ensino médio, menos ainda, com acesso à universidade.

A educação não é o foco deste estudo, no entanto, é impossível não citar o reconhecido trabalho que o MST vem produzindo nas áreas de acampamento e assentamento e no alargamento de fronteiras do conhecimento, com a constituição de turmas especiais na área do ensino universitário.

O tempo de escola como um elemento definidor da instrução e de oportunidades de trabalho no futuro das/os jovens levou o MST a tomar iniciativas importantes na luta por educação no campo. Exemplo disto são as Escolas Itinerantes nos Acampamentos nos estados do Sul que são instaladas assim que se forma o acampamento e reconhecida pelo estado. Uma outra atitude do MST é a importância que se dá ao compartilhar instrução e conhecimento. O drama da educação no Brasil, sentida nos acampamentos e assentamentos,

através do empenho de muitas pessoas, que numa atuação cotidiana tornaram-se educadoras na prática, reverteu-se em possíveis saídas de compartilhar conhecimentos. As escolas construídas embaixo de barracos de plástico preto, ou na primeira construção de alvenaria do assentamento, foram o pontapé inicial para um jeito próprio de cuidar não só da educação das crianças, mas da juventude e das pessoas adultas.

O MST tem promovido em parceria com a Via Campesina cursos em parcerias com universidades, principalmente, públicas. Exemplo disto nos últimos 5 anos o Movimento formou só no curso de pedagogia 6 turmas de em média 40 estudantes. Em diversos estados como: o Rio Grande do Sul com a Universidade de Ijuí - privada - e com a recém criada Universidade do Estado do Rio Grande do Sul - UERGS; no Espírito Santo, no Pará e no Mato Grosso com as respectivas universidades federais instaladas nestes estados. Além de turmas de outros cursos que estão em andamento.

Sobre trabalho, o nosso último quadro do conjunto das/os jovens presentes ao I Curso de Realidade Brasileira do Meio Rural, o perfil auto-definido por elas e eles sobre a realização de atividades junto às suas famílias e a ausência de remuneração:

Quadro8: Jovens que trabalham em percentuais:

Trabalham	77,6	Sustentam-se	34,4
Não trabalham	9,6	A família sustenta	17,1
Só estuda	1,0	Não se sustentam	8,7
Não responderam	12,8	Não responderam	34,4
Total	100,0	Total	100

Destes jovens que trabalham: 39,2% trabalham na roça, na lavoura ou desenvolvem atividades rurais relacionadas à agricultura e pecuária. 22%, realizam diferentes trabalhos. 10% consideram que trabalham no MST, e desse número, 6,7% declararam que recebem “ajuda de custo” do Movimento (um tipo de custeio para passagem e alimentação).

As/os jovens que compuseram o público dos cursos para jovens do MST trabalham, mesmo que seus trabalhos não proporcionem um auto-sustento e ou façam parte do orçamento familiar. E em várias situações, o trabalho rural em família não distingue, se a

jovem ou o jovem se auto-sustenta, ou se a família a/o sustenta, ou se contribui com o sustento total da família.

2.1 - Sonhos e Projetos de vida de uma juventude

“É preciso sonhar, mas com a condição de
crer em nosso sonho.
De examinar com atenção a vida real,
De confrontar nossa observação com nosso sonho,
De realizar escrupulosamente nossa fantasia.”
Lenine⁷⁸

A retomada da capacidade de sonhar e projetar a vida é o que pode retratar as jovens e os jovens do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens no Meio Rural, em julho de 1999, na Unicamp. Com suas diversas origens, procedentes de diferentes e comuns lugares experiências de relação com o MST, elas e eles *fizeram-se* representar a partir de seus desejos, necessidades, anseios, sonhos, projetos de vida, compartilhados. Suas idades, suas formas de residirem e conviverem com outras pessoas, trabalharem e sobreviverem, seus graus de estudos, moças e rapazes, mulheres e homens, tomam forma, colorido a partir da retomada da mística de sonhar, com um outro mundo, um outro momento da vida sua e do outro, e de projetar, planos de trabalho e criação, estudo, moradia, para si e para os seus.

Durante o Curso de Jovens, a mística de tornar-se parte do coletivo foi ativada, através de animação, motivação e força de crer na mudança de vida e transformação do mundo, das pessoas, das coisas em geral. A mística do Curso foi de partilhar coletivamente esperança entre as/os jovens presentes: esperança pessoal e esperança coletiva. Os sonhos e os projetos de vida foram parte de questões do questionário aplicado, mas mais ainda, a retomada, mesmo que pontual, de se crer na possibilidade de mudar de construir. E por isto, ganham significados na força da/o jovem de crer - e também de compreender as condições sociais, políticas e econômicas - nas mudanças, na transformação.

⁷⁸ Citação retirada da porta de jovens alojados no ITERRA para cursos de ensino médio, 2002.

“A mística sempre estabelece uma dupla relação, um vai-e-vem que não cessa jamais; ao mesmo tempo que fortalece a auto-estima, incentiva novos passos” (Bogo, 2002: 29)

A capacidade de sonhar e projetar a vida, tanto é ativada, quanto ativa a "auto-estima" e "incentiva novos passos". Estes novos passos podem refletir a retomada de aspirações mais imediatas, bem como, corresponder a um processo longo de transformações estruturais profundas econômicas, políticas, culturais, sociais. A experiência do Curso ativou tanto os sonhos e projetos de vida pessoais herdados e compartilhados anteriormente na família e nos grupos sociais como compartilhou no período de realização uma subjetividade gerida na luta pela terra.

A seguir um quadro demonstrativo dos "Sonhos e Projetos de Vida" das/os jovens do Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural que responderam às perguntas “qual seu sonho? e seu projeto de vida?” do questionário aplicado.

Quadro 9: sonhos e projetos de vida

Sonhos	Projetos de Vida
<ul style="list-style-type: none"> • "Ajudar o povo; traze-lo para o MST"; • "igualdade; justiça"; • "Ver todos felizes"; • "País livre, sem exploração"; "país sem discriminação" • "Ajudar a construir um país socialista"; • "País melhor, sem fome, sem desemprego"; • "País melhor, para todos; direitos"; • "País digno, em miséria"; • "Brasil com dignidade"; • "Brasil novo e livre"; "Brasil, direitos iguais"; • "Morar num país igual para todos"; • "Transformação da sociedade"; "uma sociedade como o MST"; • "Ver distribuição social de renda"; "Todos tenham casa, trabalho, saúde, alimento"; • "Vida digna; sem desemprego e sem fome"; • "Concluir estudos para transformar a sociedade"; "dias onde as pessoas consigam se olhar como irmãos"; 	<ul style="list-style-type: none"> • "Projeto coletivo"; • "Produzir alimento para ajudar o povo"; "produzir alimento dia-a-dia"; "produzir para acabar com a fome no Brasil"; • "Continuar sendo MST"; • "Construir família"; "Ter família"; • "Fazer com que todos lutem"; • "Ser atleta"; "ser músico"; "Ser médica"; • "Ter informação sobre o Brasil e o mundo"; • "Estudar e participar do MST"; • "Ajudar na transformação, lutando por dias melhores"; • "Ter vida melhor"; "Jamais voltar a sofrer"; "Ter vida digna"; "vida digna, paz"; "vencer na vida"; • "Trabalho digno"; "Terra para trabalhar"; "começar produção no lote"; "Ter terra para produzir"; "trabalhar e estudar"; "estudar e me especializar e contribuir com uma sociedade mais justa"; "trabalhar a terra"; "conseguir trabalho"; "produzir abelha"; "descansar após cumprir obrigações";

<ul style="list-style-type: none"> • "Ter alguém que desse oportunidade"; • "Um mundo melhor"; 	<ul style="list-style-type: none"> • "Contribuir para que isso aconteça (país sem exploração"; "Fazer Reforma Agrária"; • "Pedaço de chão"; "Ter pedaço de terra"; "terra para trabalho meu"; • "Faculdade e luta pelo socialismo"; • "Voltar para acampamento e viver bem"; "sempre morar na luta"; "viver no MST com a família"; "Ter família"; "ser feliz";
--	---

Os Sonhos e projetos de vida são variados e expressa as condições e necessidades de jovens. Pois são expectativas pessoais e coletivas que resultam de experiências vivenciadas nas relações de onde provém a/o jovem, acampamento, assentamento e/ou outro espaço, e que resultam também do próprio momento do Curso. São representações e concepções que têm como parâmetros suas experiências de luta por sobrevivência e desejos. E dão rosto para traços de jovens, porque expõe que esta/este jovem pensa, sonha e projeta para sua vida, que é tanto parte do seu processo pessoal de maturação, quanto no seu processo de participante dentro do MST e da mística de tornar-se parte do coletivo jovem do Curso.

Sonho: *"um país livre da exploração"*; projeto de vida: *"projeto coletivo onde inclui todo povo sofrido e necessitado, brasileiro"* - Luís Carlos, 25 anos, acampado na Bahia, 7^ª série escolar.

Sonho: *"ajudar a construir um país socialista"*- Paulo Henrique, 17 anos, assentado também na Bahia, cursando o supletivo do 1^º grau.

Sonho: *"um Brasil melhor"* - Andréa Siqueira, 24 anos, universitária de Minas Gerais; projeto de vida: *"lutar por um país melhor"* - Carla Elaine, 22 anos, universitária do Rio de Janeiro.

Sonho: *"poder ajudar o povo e trazer para o MST"*; projeto de vida: *"ir para o assentamento produzir alimentos e ajudar o povo brasileiro"* - Dinéia Machado, 16 anos, acampada no Rio Grande do sul, 1^º ano do segundo grau.

Sonho: *"quero construir uma vida digna"*; *"um país de igualdade e justiça"*; projeto de vida: *"continuar sendo do MST"*- Celso Bertazze, 25 anos, acampado no Paraná, cursou o 2^º grau.

Sonho: *“morar num país que seja igual para todos”*; projeto de vida: *“construir uma família”* - Ênio Valmir, 20 anos, assentado no Paraná, 8ª série.

Sonho: *“um dia melhor para todos”*; projeto de vida: *“viver num país com dignidade”* - Jonas Ferreira de Lira, 30 anos, assentado em Pernambuco, 2º grau escolar.

Provenientes de locais diferentes; com experiências de relação no acampamento, assentamento, universidades; com idades diferentes, e sonhos e projetos de vida compartilhados juntos. Combinam questões amplas como país, Brasil e povo com questões mais pessoais como "construir uma família". Representações pessoais e coletivas que compreendem a melhoria de suas vidas dentro de um processo de mudanças sociais que lhe é algo maior, que transcende a sua própria privação de terra, moradia, trabalho, alimentação, escola. A mudança deste conjunto, deste coletivo "país" ganha sentido na construção de uma vida com dignidade, implicaria na mudança pessoas. O projeto pessoal de continuidade no MST e de constituição de uma família se entrelaça com "um país de igualdade e justiça".

Boff, na coletânea de textos sobre mística, destaca-a como um chamado a juntar seus "sonhos" e projeto de vidas" à luta do povo:

“Vamos manter essa opção de pensamento e de vida associando nosso destino ao desses condenados da terra. Aí se define a mística dos olhos abertos e das mãos operosas” (Boff, 52).

A " opção de pensamento e de vida", da qual se refere Boff, se realizou de um jeito juvenil, na mística de sonhar um sonho do tamanho de "um mundo sem exploração", de "um país livre", de “um povo feliz”, de “uma sociedade igualitária”. E este sonho é compatível com os diversos projetos de vida. E essas jovens e esses jovens combinam suas aspirações com tarefas de organizar outras pessoas para participarem de uma luta por mudanças, através da conquista da terra e da construção do assentamento.

Sonho: *“ um Brasil com dignidade, por querer mudar para melhor a vida de muitas pessoas”*; projeto de vida: *“fazer com que todos lutem e mudem este país”*- Luciano Scimeoni, 22 anos, acampado, cursando o 1º ano do 2º grau.

Sonho: *“ver todos felizes e mudar o país”*; projeto de vida: *“ser atleta”* - Catarina Machado Teixeira, 16 anos, acampada no Rio Grande do Sul, 1^o grau.

Sonho: *“um país melhor, sem desemprego, sem fome”*; projeto de vida: *“ter uma família e ter uma vida digna de um trabalhador”* - Adalberto Barbosa de Lima, 19 anos, assentado em São Paulo.

Sonho: *“Brasil com milhões de assentados”*; projeto de vida: *“ter informação sobre Brasil e mundo”* - Luiz Carlos, 27 anos, assentado na Bahia, 7^a série.

Sonho: *“sonho com um Brasil novo e livre.”*; projeto de vida: *“é produzir a alimentação do dia-a-dia, anualmente”* - Francisco Nunes de Oliveira, 23 anos, assentado no Maranhão, 4^a série escolar

Sonho: *“país melhor que todos tenham direitos iguais”*; projeto de vida: *“estudar e participar do MST”* - Patrícia Kele Lopes, 15 anos, assentada no Mato Grosso, 6^a série escolar.

As representações juvenis sobre as suas perspectivas de vidas demonstram que as/os participantes do Curso se autopercebem como parte responsável de alavancar um processo de mudanças no país, e coloca-se um papel de lutar, organizar e transformar. Segundo as várias formulações encontradas nas elaborações de sonhos e projetos de vida de jovens, um futuro melhor, um mundo sem exploração, um país livre, um povo feliz e uma sociedade igualitária são obras da atuação de trabalhadoras e trabalhadores, e delas e deles mesmos.

O país melhor com que Adalberto sonha corresponde a ter uma vida digna, com trabalho e sem fome, e assim poder constituir uma família. Segundo Luiz Carlos, isso significa as famílias sem terra serem assentadas, com condições de produzir e acesso à informação sobre a situação do Brasil e o que acontece no mundo. Um país melhor é um país de igualdade de direitos, onde Patrícia possa estudar. Um Brasil novo e livre é onde Francisco possa produzir.

Sonho: *“ver este país e o mundo mudados para melhor”*; projeto de vida: *de “ajudar nesta transformação, participando, lutando, por dias melhores para todos”* Leandro Luiz, 16 anos, assentado em Santa Catarina, cursa o 2^o ano do 2^o grau.

Sonho: “*ser um grande militante do MST*”; projeto de vida: “*ter um Brasil que todos tenham direitos iguais*” - Ademar Rodriguês, dezoito anos, assentado no Rio Grande do Sul, com o 1º grau escolar.

Sonho: “*um país digno, sem miséria*”; projeto de vida: “*ser feliz com a sociedade onde moro*” - Gabriel da Cruz, dezoito anos, assentado em São Paulo, 8ª série.

Sonho: “*contribuir (com) uma nova sociedade*”; projeto de vida: “*produzir para acabar com a fome do Brasil*” - Juarez dos Santos, vinte e seis anos, assentado no Mato Grosso do Sul, com a 4ª série escolar.

Sonho: “*ver a distribuição social de renda*”; projeto de vida: “*contribuir na organização da classe trabalhadora, depois me assentar, ter uma casa e condições para sobreviver*” - Valeriana Barbosa, 21 anos, acampada no Ceará, estudante do supletivo.

Para uma juventude que se constitui no Movimento Sem Terra, a conquista da cidadania dá-se com a participação. O acesso à direitos, como comida, moradia, terra, trabalho, acontece através da organização social e política. Uma transformação profunda da estrutura fundiária, das condições de trabalho e de vida e das relações sociais, inicia-se com a ocupação de um lugar para morar. Uma sociedade nova, segundo as jovens e os jovens participantes do Curso, está na capacidade do povo, e em particular da juventude, de realizar a reforma agrária “*em toda a sociedade*”, como apontou um deles. Um mundo melhor está na aquisição de um trabalho, de um pedaço de chão, de casa e condições de sobreviver. E um “país melhor”, um Brasil digno é um país sem exploração, sem miséria e com igualdade.

Muitos dos sonhos e projetos de vida das jovens e dos jovens estão relacionados trabalho, estudo, profissionalização, casamento e família, são desejos elementares da vida social. Casar, viver bem, estudar, ter uma profissão, produzir sobre a terra, etc. São alguns dos simples sonhos que se tornam complexos na sua realização, por encontrarem barreiras sociais. Desejar uma profissão de médico ou advogado, querer morar e ter um trabalho e poder plantar e colher não estão ao alcance de muitos das jovens e dos jovens sem terra. Entretanto, a esperança persiste, e os sonhos e projetos permanecem. No Movimento, a capacidade de sonhar se oxigena. A luta coletiva através da organização, a perspectiva de

um futuro com mais dignidade, o vislumbre de conquistas de terra, retomam a sede de vitórias que entrelaçam dimensões pessoais e coletivas. As perspectivas das pessoas são conquistas individuais e sociais. À medida que esses jovens vislumbram uma possibilidade futura, planejam mudanças para suas vidas por dentro do grupo social que pertencem e participam.

Sonho: *"concluir meus estudos e que este estudo sirva para transformar a sociedade, ou seja, uma sociedade onde todos possam estudar"* - Andréa Cristina Matheus, 16 anos, assentada em São Paulo, 2º ano do 2º grau.

Sonho: *"voltar para meu acampamento e viver bem"*; seu projeto *"é começar minha produção no meu lote e ajudar no meu coletivo e se casar com minha futura noiva"* - Eduardo Bispo, 20 anos, acampado na Bahia, estudou até a 4ª série escolar.

Sonho: *"ter sua terra para produzir"*; projeto de vida: *"ter minha família."* - José Gilmar da Silva, 19 anos, acampado em Pernambuco, 6ª série.

Sonho: *"uma sociedade como o MST"*; projeto de vida: *"uma família, emprego e uma terra"* - Aurivam Bertoldo Mendes, 22 anos, acampado no Rio Grande do Norte, 6ª série.

Sonho: *"casar no movimento"*; projeto de vida: *"sempre morar na luta"* - "Nivaldo Barlhnecht, 21 anos, assentado no Distrito Federal, 4ª série escolar.

Quase a totalidade da juventude presente ao I Curso de Jovens pertence aos grupos sociais excluídos da escolarização, ou de poder concluí-la; do acesso à universidade; da qualificação profissional; do direito à moradia, terra, trabalho, alimentação e saúde. A diferença é que participam e constituem grupos sociais que se organizam, objetivam seus interesses e lutam para reverterem seus destinos. Dessa forma, o futuro se ressignifica na construção de possibilidades, como, por exemplo continuarem seus estudos, terem uma profissão e batalharem trabalhos, não estando essas jovens e esses jovens largadas/os à própria sorte. O presente atuante na luta por terra é também por um outro destino, traz novos significados para suas histórias, e o futuro encontra-se sonhado e, por que não, cheio de planos.

Sonho: *"um futuro melhor com a família"* projeto de vida: inclui a perspectiva de *"trabalhar de dia e estudar à noite"* - Valmir Ribeiro da Silva, 37 anos, assentado na Bahia, 2ª série primária.

Sonho: *"melhores condições de vida para todos"*; projeto de vida: *"moradia e família"* - Edivan da Silva Matos, 18 anos, assentado em Pernambuco, 5ª série escolar.

Sonho: *"dias onde as pessoas consigam se olhar como irmãos"*; projeto de vida: *"estudar, me especializar e contribuir para desenvolvimento de uma sociedade mais justa"* - Tereza Pires de Albuquerque, 24 anos, estudante universitária, Mato Grosso do Sul.

Sonho: *"ser um músico"*; projeto de vida: *"viver no MST com a minha família na terra"* - Reginaldo Ferreira, dezessete anos, acampado em São Paulo, 5ª série.

Sonho: *"ser desenhista"* - Vanderley Borges, dezesseis anos, acampado em São Paulo, 6ª série.

Sonho: *"igualdade para todos"*; projeto de vida: *"ser um professor universitário"* - Valmério da Silva, 18 anos, acampado em Pernambuco, cursa 6ª série.

Sonho: *"no futuro ser uma médica"*; projeto de vida: *"na vida, quero ser feliz"* - Carla Raquel Nunes, 15 anos, acampada em São Paulo, 5ª série escolar.

Sonho: *"ter alguém que me desse oportunidade"*; projeto de vida: *"é trabalhar na terra"* - Aldinete Souza, dezenove anos, acampado em São Paulo, 3ª série.

Sonho: *"um mundo melhor"*; projeto de vida: *"conseguir trabalho, porque hoje em dia nem isso não se consegue"* - Eliane Machado, 19 anos, assentada no Paraná, estudou até a 8ª série.

Sonho: *"ter um pedaço de terra"*; projeto de vida: de *"a produção de abelha, rosas e peixes e ter uma família"* - Paulo César de Farias, 24 anos, acampado no Paraná, 4ª série.

Sonho: *"minha terra para trabalhar no que é meu"*; projeto de vida: *"vencer na minha luta e descansar quando poder no meu lote depois de cumprir minhas obrigações"* - Marcos Antônio, 20 anos, acampado no Mato Grosso do Sul, 7ª série.

A oportunidade de estudar, profissionalizar-se, bem como o próprio trabalho é uma das maiores expectativas. Sonhos com diferentes profissões aparecem na juventude que se constitui no Movimento Sem Terra. Convergindo à luta pela terra, à reforma agrária e a transformações sociais, jovens expressam seus projetos profissionais. Mas não se trata de qualquer trabalho. O trabalho digno, sem exploração, em que se percebe o processo de produção, apresenta-se como um dos maiores desejos dessa juventude.

Sonho: “*transformação da sociedade*” -Marciel Alcântara Silva, 18 anos, assentado em São Paulo, segundo ano da Escola Agrícola.

Sonho: “*que todos tenham direitos a casa, trabalho, saúde e alimentação*” - Vanderlei Martine, 22 anos, acampado no Rio Grande do Sul, 6ª série escolar.

Sonho: “*transformação da sociedade*”, que significa “*construção de uma sociedade justa e igualitária*” - Maria Betânia Figueiredo da Silva, 16 anos, assentada em Minas Gerais, 1º ano do segundo grau.

Sonho: “*uma sociedade transformada e vencer o capitalismo*” - Uedes Rodriguês, 23 anos, assentado no Espírito Santo, com o 2º grau.

Sonho: “*uma vida melhor*”; seu projeto de vida: “*mais saúde, dignidade, mais escola para todos*” - Amilton Marques, 36 anos, acampado em Minas Gerais, segunda série primária.

Sonho: “*meu sonho é ter um país sem exploração e sem discriminação*”; “*meu projeto vai ser contribuir para que isto aconteça*” - Priscila Claudia Leite da Silva, 18 anos, assentada no Mato Grosso do Sul, 8ª série escolar.

Sonho: “*viver num Brasil sem desigualdades sociais*”; projeto de vida: “*pretendo fazer faculdade e lutar pelo socialismo*” - Márcio Conrath, 21 anos, acampado no Paraná, com o curso de magistério.

Sonho: “*um país justo*”; projeto de vida: “*ter um pedaço de chão para sobreviver melhor*” - Edirlei Totti, 17 anos, assentado no Paraná, com o 1º ano do 2º grau.

Sonho: “*ter uma vida melhor*”; projeto de vida: “*pegar um pedaço de terra para amparar a minha família*” - José Roberto Moraes, 18 anos, acampado no Paraná, 6ª série.

Sonho: “*todos os sem terra fossem assentados*”; projeto de vida: “*ser alguém no MST*” - Lourenço Gonçalves, 15 anos, acampado em Minas Gerais, 7ª série.

Sonho: “*jamais voltar a sofrer*”; projeto de vida: “*ver todos os companheiros assentados e com recurso regularizado*” - Gislaine Luiz da Silva, 27 anos, assentada no Paraná, formou-se no magistério e no curso técnico de contabilidade.

Sonho: o “*futuro digno*”; projeto de vida: “*fazer com que a reforma agrária se realize*”. - João Marcelo Almeida, 25 anos, acampado no Rio de Janeiro, 6ª série escolar.

Sonho: *“mais paz no nosso país e reforma agrária”*; projeto de vida: *“plantação de árvores”* - Joelsio Xavier Miranda, 19 anos, assentado no Paraná, estudou até o ginásio.

Sonho: *“ver um Brasil melhor (e) fazer a reforma agrária”*; projeto de vida: *“que possamos implantar escolas profissionalizantes em nossos assentamentos”* - Ademilson Teles, 18 anos, assentado no Paraná, estuda o 3º ano do 2º grau..

A reforma agrária passa a ser compreendida por essas pessoas como condição para modificar suas vidas. A terra necessária às famílias ganha significado novo, quando compreendida numa dimensão coletiva, em que outras famílias também necessitam de terra.

A luta pela terra e a reforma agrária encontram-se como a possibilidade de um futuro distinto do presente, cheio de dificuldades, e refletem a conquista de áreas para sobrevivência e permanência. A compreensão de que o latifúndio é uma ameaça torna a reforma agrária uma forma de combater o mal da concentração de terra.

Sonho: *“ter uma vida melhor, ter apenas o necessário para o ser humano”*- Claudinei Araújo, 18 anos, acampado em Minas Gerais, 2º grau.

Sonho: *“igualdade para todos”*; projeto de vida: *“revolucionar o Brasil”* - Elidan Ferreira Costa, 18 anos, assentada em Goiás, estudou até o 2º ano do 2º grau.

Sonho: *“ser livre e construir um socialismo”*; projeto de vida: *“transformar esse país.”*- Ronaldo Alves de Jesus, 22 anos, assentado no Espírito Santo, 7ª série.

Socialismo compreende o momento de desfrutar as conquistas de terra, trabalho, estudo, moradia, dignidade em viver. Revolver, mexer de baixo para cima as situações que vivenciam compreende a conquista do que para essas pessoas é o básico, o mínimo e o admissível. Os termos “viver melhor” ou “viver bem” dão sentido a uma vida diferente da miséria, da fome, da humilhação, do desemprego, das privações de terra, com escola e saúde.

Sonho: *“ser um militante”*; projeto de vida: *“ser um produtor”*- Estevam Soares, 20 anos, acampado no Mato Grosso do Sul, 1ª série escolar.

Sonho: *“um Brasil melhor”*; projeto de vida: *“ser militante do MST”* - Rosalino Pereira, 21 anos, acampado no Mato Grosso do Sul, que tem formação no magistério.

Sonho: *“desejo trabalhar no Setor de educação do MST e contribuir para a formação de novos sujeitos da história”* - Vitor Miguel, 23 anos, acampado no Paraná, supletivo.

Sonho: *“um mundo melhor sem desigualdade social”*; projeto de vida: *“pretendo ser militante e acompanhar ao máximo o MST. Com o objetivo de ser advogada do Movimento”* - Vanessa Rezende Salles de Melo, 17 anos, assentada em São Paulo, 2º colegial.

Sonho: *“engajar-me sempre mais na luta do MST”*; e projeta *“concluir a Filosofia, cursar Direito e dedicar-me no campo jurídico na defesa da vida e dos direitos fundamentais dos seres humanos como um todo”* - Alberto Valdemar Bamberg, 25 anos, universitário no Paraná.

Sonho: *“ser uma pessoa de ampla função no MST”*; projeto de vida: *“é lutar junto para mudança do Brasil”* - João Batista, 22 anos, acampado no Mato Grosso, fez 2º grau.

Sonho: *“Um país em que todos possam viver em paz”*; projeto de vida: *“trabalhar no Movimento por uma vida melhor”* - Ernando Fagundes, 22 anos, assentado no Paraná, 1º grau.

O projeto de vida também pode passar por se tornar militante. A militância é compreendida como um meio para alcançar as transformações. A luta pela terra torna-se possível no projeto de vida de jovens. A conquista de uma reforma agrária que altere as condições de vida das famílias sem terra depende de uma coesão construída. Nos sonhos e projetos de vida, a reforma agrária é uma referência de mudança elementar para que a vida se transforme. No processo de tornarem-se parte, nos espaços e momentos promovidos pelo MST, compartilham identidade, pertencimentos e imaginários sobre a luta social e atribuem para si o papel de atores das mudanças. Constitutiva da mística da militância, possibilidade de uma “revolução” requerida como um objetivo coletivo e individual e a construção do “socialismo” convergem a uma militância disciplinada e persistente em posturas, valores, relações e aspectos culturais de uma modalidade de ação na esfera pública.

Pudemos trazer um pouco do que muitas jovens e muitos jovens nas fileiras do MST sonham e projetam, o que pensam do futuro, do mundo, do país, dos seus acampamentos e

assentamentos, do Movimento Sem Terra de que participam; e o que percebem que precisa ser *mudado e transformado*, e de que maneira.

Os sonhos e projetos de vida das/os jovens do I Curso de Jovens não se tratam de algo impossível ou desconhecido pela sociedade. Não é algo tão distante do real, tampouco perto da realidade que experimentam. Ainda são simples desejos, sonhos e complexos anseios de jovens numa sociedade de extrema desigualdade.

A vida pessoal e coletiva torna-se indissociável em sonhos, projetos e desejos de que as realizações sejam de muitos ou mesmo de todas as pessoas. Uma mística de esperança de dias melhores encontra-se em desejos, anseios, demandas políticas e projetos de vida juvenis. E o apelo à organização social e política por terra e também por direitos encontra ressonância na disposição de trajetórias de vida que conhecem diversas situações de escassez, de necessidades, ora na alienação das suas causas de tanta penúria de existência humana, ora na revolta das condições sociais que vivenciam.

Como já destacamos, na Introdução:

“A mística é o cultivo do ideal que sonhamos. O que fazemos nos eventos é cultivar a mística do ideal, através da cultura (...)”. (Stédile entrevista DCE-Unicamp, 7/5/2003)⁷⁹.

Sonhar e projetar uma realidade, imaginar, é também contruir materialmente a vida; cultivar um ou a metáfora deste ideal. No Curso de Jovens, representou força e ânimo para as/os jovens repensarem e sentirem suas vidas.

Sonhos como produtos da imaginação têm raízes nas experiências compartilhadas do não viver bem, da privação de, etc. Há a necessidade de mudança, de melhorias na vida com novos significados e se ligam a uma idéia de melhorar algo que é maior, que faz a vida maior, ou seja, de mudar o país, o Brasil, o mundo. O bem viver encontra-se representado num país com terra, trabalho e direitos. E essas vêm pela via coletiva, conforme suas vivências em conjunto nos acampamentos, assentamentos, ações de ocupações de terra, prédios e atos de conflito e solidariedade.

⁷⁹ Ver: www.dceunicamp.org.br.

Capítulo III - A Mística de tornar-se jovem no MST

"Me interessei pela luta do MST em mudar a realidade atual e sei que como jovem posso contribuir para esta mudança."

Edivan da Silva Matos, 18 anos, Pernambuco.

A mística desenvolvida pelas jovens e pelos jovens durante o I Curso de Realidade Brasileira para o Meio Rural trata-se de um processo ativo que se deve tanto aos condicionantes daquele momento em julho de 1999, quanto à ação das/os jovens presentes ao evento. A mística de tornar-se jovem constituiu-se de experiências e relações com o MST, numa dinâmica processual de construção do *Sem Terra* - como ator sociocultural em movimento que constrói pertencimento ao MST, a uma coletividade que se enraiza projetivamente na sociedade, dando sentido a sua existência histórica (Caldart, 2000).

A idéia de *Mística* como um “orgulho” de “pertencer ao Movimento Sem Terra e de dedicar-se a sua construção” (MST, 2001:196) foi ressignificado na dinâmica de *tornar-se jovem*, no fazer-se parte do Movimento durante o Curso de Jovens; traspassado por pertencimentos anteriores das/os jovens. Com isto, o fazer do MST e sua mística constituíram-se com as nuances especificamente juvenis que foram recolocadas na dinâmica geral da luta pela terra, pela reforma agrária e por transformações sociais evidenciadas por um projeto do Movimento. Dessa forma, uma *mística jovem* tratou-se de um processo de relações de encontros, e também de desencontros, de jovens com o MST, nos parâmetros do acontecimento do Curso de Realidade Brasileira para Jovens, de 1999.

Vimos, através de um retrato dos jovens, a partir das respostas ao questionário, que os pertencimentos juvenis são permeados de combinações de sonhos e projetos de vida das esferas pessoais e coletivas que se encontram na luta social por terra. E essas combinações se processaram a partir de relações durante a realização do I Curso para Jovens.

3.1 - I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural

Cunhado como I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, com duas outras edições que se seguiram, a atividade de julho de 1999, na Universidade de Campinas – SP, insere-se no processo de como o MST preocupa-se e trata da especificidade das/os jovens. O I Curso destinou-se ao público jovem das bases do MST. Na primeira edição, reuniram-se cerca de mil pessoas no Ginásio Poliesportivo da Unicamp.

A possibilidade de uma atividade nacional para jovem no MST surgiu da disponibilidade de espaço na Universidade, a partir da mudança da reitoria - que iniciou naquele ano e possibilitou a utilização de espaços e ações conveniadas com movimentos sociais - e da necessidade de trabalho do Movimento com jovens. Porém, ao término da gestão daquela reitoria em 2004, a parceria com a Unicamp chegou ao fim.

A aproximação e a atuação de jovens nas ações da luta pela terra, perceptível ao longo da história de vinte anos do MST, no último período, transformou-se em demanda organizativa e formativa, seja oriunda da saída de jovens⁸⁰ dos acampamentos e assentamentos; seja da entrada de outros setores sociais, principalmente, estudantes das camadas médias urbanas na luta pela terra e pela reforma agrária. Isso necessitou de uma resposta do MST, chegando-se a ventilar a possibilidade de realização de um Encontro de Jovens e da construção de um “Coletivo de Juventude”, um espaço ou instância, onde os jovens se organizassem no MST⁸¹.

A construção de um Coletivo de Jovens dentro do Movimento e a incorporação de um Setor na estrutura organizativa do Movimento significam um espaço, um fórum de discussão, decisões e encaminhamentos, onde se traçam propostas de organização de pautas específicas. Os Coletivos fazem parte dos Setores, de certa forma estão subordinados a esses, que possuem representação nas coordenações e direções do Movimento. Ao longo destes vinte anos, várias instâncias de decisão foram constituídas, a partir de demandas que

⁸⁰ Não encontramos publicação sobre a saída de jovens dos acampamentos e assentamentos ligados ao MST. No entanto, existem trabalhos realizados na Escola Nacional do MST, o ITERRA, que evidenciam esta situação. De fato carece uma sistematização destes trabalhos, articulados com outras informações e trabalhos sobre o assunto.

⁸¹ Até o momento, não há uma instância de caráter nacional dedicada a especificidade da juventude, Existe a indicação de uma Frente de Trabalho para o ano de 2006.

surgiram no Movimento; atualmente, são elas: Frente de Massa, que organiza trabalhadoras e trabalhadores no acesso à terra, da ocupação à construção de acampamentos e manifestações e atos políticos; Comunicação, que nasceu do Jornal Sem Terra, anterior à fundação do MST em 1984, informando as famílias trabalhadoras sem terra⁸²; Formação, que se responsabiliza pelo aspecto político-ideológico de seus militantes, dirigentes e das bases nos acampamentos e assentamentos; Finanças, com a responsabilidade da manutenção financeira, que se desdobrou em um Setor de Projetos; Produção, Cooperação e Meio Ambiente, um setor que lida com a proposta de produção, principalmente nos assentamentos; Educação, que surgiu da demanda de escolarização das famílias acampadas e assentadas; Saúde, que surgiu de uma demanda constante nas populações rurais pobres por melhores condições de vida e de experiências como das Pastorais da Saúde ligadas à Igreja; Cultura, que se organizou a partir das produções artísticas no meio sem terra; Gênero, das demandas específicas das mulheres, como documentação e reconhecimento legal da titulação da terra frente ao Estado, tratando das relações entre os sexos sobre questões como cuidados com as/os filhas/os.

Os Setores que vêm articulando trabalhos especificamente com jovens são Cultura, Educação e Formação. E há uma preocupação geral do MST com a juventude expressa em diversos registros do Movimento, materiais⁸³ como: textos internos, cartilhas e até livros. “Jovem” e “juventude” aparecem como uma demanda relacionada às necessidades do conjunto das famílias sem terra ou dos assentamentos e acampamentos.

“O MST acredita que vocês possam ser os continuadores da luta dos seus pais e companheiros, uma tarefa que só terminará quando não houver mais nenhum sem-terra em nosso país, quando a Reforma Agrária, de fato, for uma realidade. Este será um passo importante para ajudar a construir o *Brasil que queremos*. Aproveitem bem este tempo de estudo porque ele é muito importante diante dos desafios de preparar um futuro diferente. Mas também não deem de participar das mobilizações e das lutas do seu acampamento ou assentamento. Elas são nossa principal escola. Cultivem nossos símbolos e nossos ideais. São eles que deixaremos a vocês como herança, junto com a história da qual vocês também já são sujeitos. (...) E as conquistas coletivas que tiveram “um elevado preço” pois “muitos companheiros tombaram. Pagaram com a vida o direito de quererem ser cidadãos (...) Como esquecer o jovem Oziel, de apenas 17 anos, morrer sob tortura, gritando

⁸² Seguindo uma tendência das organizações de trabalhadores rurais em produzirem um informativo com suas notícias e assuntos. Ver: Medeiros (1989).

⁸³ Já citamos na Introdução: os Cadernos de Formação no. 12 (1987) e O Plano Nacional do MST (1989).

‘viva o MST’? (...) São 15 anos que já fazem parte da história do Brasil. Todos os que lutam pela Reforma Agrária, são construtores dessa história” (MST, 1999: 3 a 25)⁸⁴.

As ações direcionadas especificamente a jovens relacionam-se à educação, na escolarização de jovens; e à formação, num processo também educativo de formação político-ideológica e de inserção no MST. Contudo, há poucas ou recentes discussões sobre jovem como categoria política nos trabalhos produtivos desenvolvidos em acampamentos e assentamentos; sobre sua atuação nos processos políticos e culturais, e sua participação e representação nas pautas políticas específicas em diferentes espaços do Movimento. Organizações como a Pastoral da Juventude Rural, ligada à estrutura da Igreja Católica, vêm demandando políticas públicas de créditos, ainda incipientes, para investimentos de alternativas de trabalhos e sustentação de jovens no campo.

Os espaços de encontros jovens no MST, de expressão nacional, foram constituídos como Cursos organizados pelo Setor de Formação, a partir de 1999, com dirigentes responsáveis por acompanhar as atividades e a organização das/os jovens, proporcionando o acesso de jovens a informações, discussões e pensamentos sobre a estrutura socioeconômica e política brasileira e diversos outros temas (que trabalharemos mais a frente).

Na programação, feita pela Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST, o evento recebeu a formulação de “Curso de Realidade Brasileira Para Jovens do MST”. O público participante, segundo a convocação, deveria ser de “jovens entre quinze e vinte e cinco anos (...) militantes ou potencial de militantes”, convocados pelo Movimento em diversos estados do país (Circular 25/99).

A militância no MST tem diversos espaços de encontro, reuniões de coletivos e setores para definições e encaminhamentos de demandas e construção de pautas políticas. Espaços de atuação, mais cotidianos, como secretarias, acampamentos e assentamentos, e mais eventuais, como Encontros Regionais, Estaduais e Nacionais e Congressos, onde se traçam e encaminham linhas políticas mais gerais. Apesar de todos esses serem espaços formativos, no que tange à construção da identidade e ações do Movimento, existem

⁸⁴ MST – 1999: Feliz Aniversário MST, 1984-1999, 15 anos de lutas, conquistas, dignidade. 2º Concurso Nacional para as escolas e os estudantes do MST. Brasília, janeiro de 1999.

espaços especialmente destinados à formação político-ideológica, como cursos, que podem vincular-se à escolarização ou somente estar direcionados a esses aspectos.

As atividades de formação podem ser direcionadas: a um público mais restrito, composto por dirigentes e militantes com atuações mais constantes na estrutura organizativa do MST; e às especificidades dos setores que compõem a estrutura organizativa. Outros espaços, como as “atividades massivas”, podem ser abertos a um público mais amplo, com vinculação mais fluida com o Movimento. Uma espécie de militância mais espontânea e eventual, que participa, geralmente, de atividades mais públicas, como manifestações, atos e marchas.

O I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural foi caracterizado como “massivo e formativo”, talvez mais direcionado a esse público mais fluido, uma grande maioria das bases sociais de acampamentos e assentamentos, e provenientes de outros espaços de relações do Movimento, com referências nas ações do MST. O evento foi concebido para jovens, quem sabe militantes ou simpatizantes, e, segundo a convocação, dirigido à “formação” e ao “estudo” de temas da história social, política e cultural do Brasil. No entanto, esse Curso representou, pela primeira vez, em âmbito nacional, o reconhecimento da especificidade juvenil no MST e a destinação de um trabalho “formativo e massivo” para jovens. Algumas experiências estaduais, como no Rio Grande do Sul e no Maranhão, já se haviam realizado, até com certa frequência de cursos e até encontros de jovens, alguns desses eventos inspirados em experiências mais longas de atividades juvenis nas igrejas, como Grupos de Jovens e “Encontrões”.

No espaço do Curso de Realidade Brasileira, a vinculação das/dos jovens com o MST foi bastante fluida, espontânea e variada, e, quem sabe por isso, interessante, por demonstrar como as ligações com o Movimento são heterogeneamente construídas. Não necessariamente as/os participantes já possuíam uma vinculação mais consolidada, de uma militância com responsabilidades de desempenhar atividades constantes e determinadas, ou tarefas, como costuma-se chamar dentro do Movimento, e de cumprir funções definidas pela Organização. A participação no Curso foi ampliada no que diz respeito à vinculação ou ligação e aos pertencimentos de jovens com a estrutura do Movimento.

Vale lembrar que os movimentos sociais desse tipo, desse período do MST, caracterizam-se por um tipo de participação mais fluida, diferentemente de tipos mais

rígidos de filiação que caracterizaram as organizações clássicas de trabalhadores, como sindicatos e partidos políticos (Mellucci, 1989). No caso do MST, a adesão passa tanto pela participação em ações diretas da luta pela terra, de ocupações e acampamentos organizados pelo Movimento quanto pela participação na organização de atividades nas Secretarias, Coletivos e Setores. A militância é definida como um processo da prática e formação político-ideológica das pessoas que atuam em atividades no Movimento, onde devem adquirir determinados valores, como: de tornar-se “exemplo”; de ter “espírito de sacrifício” nas ações da luta pela terra; de possuir disposição e motivação para o trabalho; de “cultivar a solidariedade e o companheirismo”; de “indignar-se contra qualquer injustiça”; e de “ter amor ao estudo” (MST, 2001).

Na configuração de jovens do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, a compreensão de ligação com o MST foi mais elástica. A vinculação juvenil com o Movimento passou por referências construídas nos processos de luta por terra anteriormente vivenciados por jovens, com ou sem suas famílias, e durante o próprio acontecimento do Curso de Jovens.

Assim, o Curso expressou em âmbito nacional o reconhecimento da especificidade juvenil e condensou em público jovem, diversas pessoas sob o signo da bandeira, do boné e das camisetas vermelhas do Movimento, da luta pela terra e da reforma agrária. Tratou-se de um curso “massivo”, com quase mil presentes, jovens próximos, ou que se aproximaram, do MST, caracterizados como militantes; trabalhadores de secretarias, associações e cooperativas; simpatizantes e convidados. Assim, o evento, para muitas e muitos das/os presentes, constituiu-se como espaço de experiências juvenis no MST.

As realidades nos estados demandaram *jovens* de diferentes procedências e origens de relação com o MST, com outras faixas etária e com diversos pertencimentos com o Movimento, extrapolando a própria experiência de jovens no MST. O processo de *tornar-se jovem no MST*, na vivência do Curso para Jovens, articulou duas dimensões na costura *jovem-curso-MST*: uma de referências de lutas organizadas pelo MST no *chamamento à juventude*, presentes nos critérios de convocação: “militantes ou potencial de militantes”; e outra da integração das/os jovens na participação das atividades do Curso promovido pelo Movimento.

A experimentação do Curso integrou principalmente jovens dos assentamentos e acampamentos, mas também de diferentes setores sociais que, em certa medida, já vivenciaram “experiências sociopolíticas”, promovidas pelo Movimento. As presenças juvenis no Curso, dando corpo ao Curso de Jovens, e as suas breves declarações identificadas com ações do Movimento nos questionários, compuseram atuações e trajetórias de dentro do MST. E constituíram uma espécie de produção sociocultural da identidade e da consciência Sem Terra, em que o MST torna-se um espaço de “formação” e um formador, que produz um *enraizamento projetivo* (Caldart, 2000).

O encontro entre MST e jovens foi referência de luta que enraizou projetivamente sujeitos ao Movimento:

“ ... é o movimento social brasileiro que funciona e dá resultados”- Luciana Oliveira Correio, 22 anos, universitária, do estado da Bahia.

“... estou achando ótimo entrar nesta família e cada vez mais fazer com que ela cresça, juntando ou convidando muita gente, formando multidões”- Luciano Scimeoni, 22 anos, Paraná.

“Porque sou jovem e acredito, acima de tudo, em transformação social em nosso país. Acredito também que um povo que quer transformação deve ser ligado a alguma organização, e meus objetivos se resumem em MST, que no meu parecer, é o único movimento popular que futuramente será capaz de administrar nosso país”
- Gilmar de Carvalho, 23 anos, São Paulo.

Nas declarações acima, o MST possui referenciais sociais de um ator político com presença marcante no cenário público. A expressividade juvenil, durante o I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, foi de esperança vivenciada na luta pela terra e reavivada durante as atividades do evento, alimentada por expectativas e construindo perspectivas, enraizaram e teceram sujeitos jovens com o fio de uma mística juvenil de *tornar-se parte* do MST e do conjunto da sociedade.

Como declarou João Pedro Stédile:

“Durante quatro anos realizamos diversas atividades em parceria com a Unicamp. Realizamos um curso de extensão universitário. Realizamos também muitas palestras. E tínhamos, em cooperação, um curso massivo, de dez dias, para mil jovens do meio rural, que vinham de todo Brasil. A Unicamp tinha custos conosco, com parte da alimentação e a cessão do ginásio, mas nós tínhamos custos

mais elevados ainda ao trazer de todo o Brasil aqueles jovens, que vinham de ônibus. Fazíamos uma parceria em prol da democratização do ensino. Os jovens ficavam maravilhados com o que apreendiam. Nunca tivemos um probleminha sequer de relacionamento. A comunidade da Unicamp é testemunha. Foi uma experiência fantástica para os jovens e para os professores que se envolviam nisso. E acho que dávamos a oportunidade da universidade, que é pública, dar também atenção a uma parcela pobre da sociedade que jamais teria condições de entrar na Unicamp. Infelizmente, a atual reitoria da Unicamp está nos negando esse direito. Primeiro, queria cobrar de nós todos os custos de uso do ginásio e do restaurante, como se fossemos uma empresa qualquer de eventos. Depois, alegou que o ginásio não pode mais fazer eventos, porque uma festinha dos filhos de ricos, houve um grave assassinato de um jovem pobre. (...) Espero que o Conselho Universitário e a comunidade universitária nos ajude a recuperar esses direitos ao acesso à educação. Nós queremos ter a oportunidade de que nossos mil jovens de 18 a 25 anos tenham o curso durante apenas dez dias do período de férias. E, ainda, nos dispomos a contribuir de alguma forma com a universidade, com, pelo menos, feijão e arroz; podemos fazer limpeza nos jardins. Só queremos que os professores democratizem seus conhecimentos. Mas, parece que o novo reitor está mais preocupado com sua carreira política e com uma possível candidatura à prefeitura de Campinas do que em democratizar a educação pública. Essas estreitezas das elites brasileiras estão relacionadas à sociedade tão injusta e desigual que vivemos"⁸⁵.

A experiência do Curso de Jovens em parceria com a Unicamp foi importante para a atuação do Movimento em lançar luz sobre a questão do acesso de jovens à informação, ao conhecimento e à educação. E concomitante a isto, a visualização da ausência de oportunidades de jovens pobres no conjunto da sociedade. O Curso constituiu-se num investimento político do MST na luta de direitos, como educação, e na construção de laços mais estreitos com a universidade, representada pela Universidade de Campinas e por professoras/es de outras instituições. A solidariedade de atores da comunidade universitária, não é nova nas lutas do campo, porém, o Curso que aconteceu na Unicamp contribuiu para a visibilidade desta parceria.

O Curso também foi uma experiência do MST tornar-se mais jovem com o aprendizado e a atuação das/dos jovens participantes e na troca com a Universidade e seus professores e estudantes.

⁸⁵ Entrevista realizada por Denis Prado Forigo e Fernanda Gui - 07/05/2003; www.dceunicamp.org.br.

3.1.1 - Aprendizes do I Curso de Jovens em atividades

Compondo a programação do Curso, diversas palestras foram realizadas, entre a chegada no dia 2, e o retorno das/dos participantes, no dia 12 de julho de 1999. A diversidade de assuntos: história do Brasil; conjuntura política e econômica, nacional e internacional; aspectos socioculturais do país; questão agrária e agricultura; biografias de intelectuais e militantes; drogas; gênero e feminismo; meios de comunicação; militância; valores estéticos; utopia e projeto popular.

O quadro de palestras (em Anexo), foi montado com os seguintes temas: "A história do Brasil: as elites e os trabalhadores" - Plínio de Arruda Sampaio; "Pertença do MST" - Adelar Pizetta; "Os lutadores históricos: Marighela e Florestan Fernandes - Aton Fon e Plínio de Arruda Sampaio Júnior; "A história da luta do povo" - Chico Alencar; "A questão agrária no Brasil: reforma agrária e movimentos camponeses" - João Pedro Stédile; "Os valores do MST e a importância do estudo" - Edgar Kolling; "Gênero e Feminismo" - Tatau Godinho; "As estratégias dos Estados Unidos para América Latina" - Embaixador Samuel Guimarães; "A situação atual do Brasil e a consulta popular" - César Benjamim; "Utopia de uma nova sociedade" - Leonardo Boff; "O Homem Novo" - Aleída Guevara (filha do revolucionário Che Guevara); "Os desafios da classe trabalhadora e a construção de um projeto popular" - Ademar Bogo, entre outros.

Intelectuais de universidades, da Igreja, vinculados a partidos e aos movimentos sociais, falaram para cerca de mil jovens de diversos pontos do país, muitos de regiões rurais, outros estudantes de grandes centros urbanos. A ligação entre palestrantes e público foi no Ginásio Poliesportivo da Unicamp, na quadra ficava a mesa de palestrantes e num dos lados da arquibancada tomada de ouvintes. Os palestrantes alternavam-se em turnos de quatro horas, manhã ou tarde, apresentando temas e discussões, provocando reflexões sobre os temas abordados e respondendo às questões de grupos de jovens.

As noites foram orientadas para a realização de atividades de cinema, teatro, fotos e música. Artistas, participantes diretos do MST ou empenhados em espetáculos de cunho crítico às condições sociais e políticas, fizeram suas apresentações. Os destaques (Anexo) foram: os filmes - "Ação entre amigos"; documentário "El Regresso", sobre Che Guevara; "Castro Alves", debate com o diretor Sílvio Tendler; peça de teatro: "Os Companheiros";

fotos de Sebastião Salgado, retratando as condições de vida de trabalhadores; e música com o cantor Zé Geraldo, que compõe letras de cunho social. Uma das noites foi resguardada à participação das/os jovens presentes para apresentações culturais das regiões do país.

As atividades de cultura nas noites dava um certo alívio nas quase oito horas de palestras. E a disciplina, exigida pelas próprias/os jovens, uns com os outros, era suavizada e o ritmo do evento desacelerava-se. Elas/eles foram participantes em sua totalidade presentes ao conjunto das atividades. Porém, foi possível avistar jovens em outras atividades nas noites: cochilando; passeando e namorando do lado de fora do ginásio. Quase que um acordo em diminuir a pressão do dia e a responsabilidade dos temas das palestras.

Nos dias em que ocorreu o I Curso de Realidade Brasileira, as/os jovens foram orientadas/os a se organizarem em “brigadas” - grupos de cerca de dez jovens oriundos do mesmo estado. Essa medida previu instituir um tipo de organização e disciplina das/os jovens durante o Curso. Assim, os jovens definiram responsáveis internos às brigadas para: coordenação do grupo - manter a atualização de informações entre a coordenação do Curso e o conjunto de participantes; “disciplina” - garantir o ambiente de participação, interpelando aquelas e aqueles que não se faziam atentas/os às atividades; relatoria - caso o grupo pretendesse realizar perguntas aos palestrantes. Transversal a essa organização grupal, equipes de trabalho foram organizadas com membros das “brigadas” para contribuir no funcionamento do Curso. Nesses grupos, as/os jovens integraram-se à estrutura de realização do Curso, através de trabalhos de limpeza, organização de filas para alimentação, e encaminhando as/os companheiras/os doentes e com mal-estar para tratamento no posto de saúde local que funcionava com a solidariedade de estudantes de saúde da Unicamp.

Como coordenadoras e coordenadores, componentes da Disciplina, da Mística, das Equipes de Saúde, Limpeza e Alimentação, jovens experimentaram situações do *fazer* organizativo proposto pelo MST no conjunto do Curso para Jovens. A composição de coletivos conexos à realização do Curso criou pertencimento ao Coletivo e ressignificou a participação em integração de algo grandioso, como o Curso.

A disciplina foi um componente essencial no dia-a-dia do Curso de Jovens, com bastante peso na garantia da presença das/os jovens nas arquibancadas para assistir as palestra.

"A busca permanente do respeito à ordem e ao bom funcionamento da organização, que é a disciplina compromete o alcance dos objetivos políticos e sociais de qualquer organização, portanto, afeta a sua razão de ser. Pode-se concluir então que ser disciplinado numa organização, como o MST, é a necessidade prática e objetiva para contribuir com a conquista da terra, da reforma agrária e das mudanças sociais no país" (MST, 2001: 216).

As/os jovens além de terem acesso ao conteúdo das palestras, aprendiam que a participação no MST requer a disciplina ou o "respeito à ordem e ao bom funcionamento da organização". Apesar de não ser novidade, para a maioria que veio de acampamentos e assentamentos, o cumprimento de horários nas ações do Movimento; também para maioria era uma novidade se manter assistindo em silêncio a palestras e dosando as saídas da arquibancada para beber água e para ir banheiro. Cerca de quatro horas de manhã e quatro horas a tarde de informações.

A disciplina é um dos focos na relação MST e os participantes de suas ações. Christine Chaves (2000) é quem nos explica no seu trabalho sobre a Marcha Nacional de 1997⁸⁶:

"Na Marcha Nacional, o peso relativo de cada um dos seus fóruns, bem como o sentido da tomada das decisões - partindo invariavelmente da Direção e da Coordenação Geral para a Coordenação de Grupo e desta para o conjunto dos marchantes reunidos nos grupos - revela, para além da retórica, a direção do fluxo das decisões e o significado último dos princípios fundamentais do MST enquanto Organização: unidade e disciplina. Ambos são, simultaneamente, princípios organizativos e valores sociais cuidadosamente cultivados. Reconhecido o valor da unidade maior representado pelo MST enquanto articulador da 'luta', a disciplina aparece fundamentalmente como acatamento das decisões políticas das instâncias e das tarefas delas derivadas. A disciplina, como acatamento de decisões e responsabilidade na execução das tarefas, justifica-se, porém, em seu balizamento no 'coletivo', princípio legitimador por excelência no MST" (Chaves, 2000: 51).

Vislumbrando a realização do Coletivo, as tarefas foram tidas como condição *sine qua non* para a realização do Curso: os banheiros limpos; organização nas filas de alimentação para que todas e todos pudessem comer; ter silêncio nos horários de dormir; e a disciplina da participação das "companheiras" e dos "companheiros" nas atividades. A participação nas "tarefas" do evento fez com que *pertencessem* ao conjunto do Curso, ao coletivo, e se referenciassem no signo da "pertença" ao MST.

Durante dez dias, as jovens e os jovens fizeram-se disciplinados aprendizes nas oito horas diárias de problematizações políticas, ora distantes de suas questões cotidianas, ora conexas com as suas realidades locais; e nas atividades/tarefas que desenvolveram no Curso. Isto não quer dizer que parte das tarefas não fossem realizadas, ou de que não houve reclamações diárias do barulho à noite, no horário estipulado de silêncio. Mas, de alguma forma, burlando algumas regras ou parte delas, todas/os estavam cientes, em parte concordantes e zelosos com as regras de funcionamento do coletivo.

Ouvintes de palestras e integrantes de brigadas e responsáveis em desempenhar tarefas, as/os jovens vivenciaram *a mística de fazer-se parte* e de tornarem-se sujeitos participantes do I Curso de Jovem. No Curso, as/os presentes foram inseridas e inseridos numa dinâmica de fazeres: preparar as aberturas da palestra; limpeza do ginásio; confecção de cartazes. Através da programação e das atividades paralelas de brigadas e equipes agregaram-se as jovens e os jovens presentes ao Curso de Jovem numa *juventude aprendiz*. E agregaram-se como membros de uma atuação coletiva, recompondo suas presenças individuais, partilhando a mística e a identidade de participantes do MST. Pois, "o coletivo, essa idéia impessoal e moral, representa simultaneamente o sujeito da luta e sua razão de ser. Nele sustém-se a força moral que faz do dever uma obrigação desejável" (Chaves, 2000: 128).

Indivíduos em formação, que, através do estudo e da ação, qualificaram-se em sujeitos vinculados ao Movimento. O aprendizado forjou-se no processo de fazer funcionar o espaço do Curso através dos coletivos das equipes de trabalho responsáveis pela limpeza; em auxiliar na organização da alimentação; em garantir a presença da ampla maioria nas atividades; e em elaborar a mística de abertura de cada dia, com tema determinado a ser trabalhado. Esse *fazer do Curso* mostra-se como um elemento fundamental da identificação e do pertencimento do jovem ao grupo, coletivo⁸⁷.

Um aspecto, muito valorizado, foi a ação voluntária entre as/os jovens como parte da formação militante *do exemplo*. A valorização da iniciativa frente às diferentes atividades do Curso ganhou reforço com a simbólica imagem do revolucionário argentino

⁸⁶ Ver Chaves, C. A. "A Marcha Nacional dos Sem-terra - um estudo sobre a fabricação do social. Ed. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2000.

⁸⁷ Em diferentes espaços, o Movimento Sem Terra integra na estrutura organizativa as/os participantes, de modo que todas/os possam Ter tarefas e fazer parte do evento, tornando-se, assim, parte intencional do aprendizado.

Ernesto Che Guevara, que encarnou o espírito voluntarioso de uma faceta juvenil de aprendiz, disposto e disponível na contribuição de diferentes “tarefas” para a realização do Coletivo, no caso o I Curso e o MST.

3.1.2 - Che⁸⁸, referencial de juventude

Dedicar um espaço para o personagem histórico Che Guevara pareceu-nos representativo para trazer o tom de *jovens aprendizes* durante o I Curso de Jovens. Che significou o revolucionário, o comandante, o voluntário, o *exemplo*. Foram incontáveis as vezes em que um estandarte, pintado a tinta, num tecido de mais ou menos dois metros de altura com cerca de sessenta centímetros de largura, com a imagem de Ernesto de La Serna Guevara, sorrindo e com fardamento verde oliva, adentrava as cenas das Místicas nas aberturas das atividades. Nos diversos momentos do Curso, a presença da imagem de Che foi a de mais destaque, todas as vezes carregada por jovens altos rapazes.

Em bandeiras, no vestuário, em camisetas e acessórios, como bonés e lenços, Che Guevara foi um símbolo de maior aparição no Curso de Jovens foi o rosto emblemático de Che Guevara⁸⁹. Os símbolos do MST, com o impacto da cor vermelha, e de outras organizações sociais que atuam no campo, como o do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais também puderam ser observados.

Outros grandiosos estandartes, com imagens de revolucionários como Karl Marx, Friederich Engels, Rosa Luxemburgo, líderes chineses e vietnamitas, puderam ser vistos e apreciados durante os momentos de Mística. No entanto, em quase todos os momentos em que a imagem e o imaginário de militantes revolucionários foram trabalhados nas místicas de abertura das atividades, o de Ernesto Che Guevara teve destaque numa série de emblemas aludidos.

⁸⁸ Che ou Ernesto de La Serna Guevara, um dos líderes da Revolução Cubana de 1959.

⁸⁹ Em outras atividades, espaços e momentos, a imagem do Che também é evidenciada, sejam eventos ou não. Na data do natalício de Che Guevara, no ano de 2003, a mística, no Iterra, lembrou o revolucionário com uma dedicação especial: músicas foram tocadas e contadas, um estandarte com sua imagem ganhou destaque, e foram lidos pequenos textos sobre sua vida e declarações que representaram, de forma marcante, seus pensamentos e suas atitudes: “a argila fundamental de nossa obra é a juventude, pois a confiamos e a preparamos para tomar a bandeira das nossas mãos”. (trecho transcrito de uma tira de folha de caderno, lida por um jovem da Escola).

No livro “O Pensamento de Che Guevara”, de Michel Löwy, o autor chama a atenção sobre a imagem de Che para a Juventude:

“Guevara foi freqüentemente comparado, e com razão, aos grandes revolucionários românticos do século XIX. Contudo, seria um erro acreditar que Che é um homem do passado, vestígio de outra época, um anarquista da era dos computadores. Muito pelo contrário, é o profeta vingador das revoluções futuras, revoluções dos ‘condenados da terra’, dos famintos, dos oprimidos, dos explorados e dos humilhados dos três continentes dominados pelo imperialismo”. E completa: “E é como profeta do futuro, do homem novo, da sociedade comunista do século XXI, construída sobre as ruínas do capitalismo decadente e ‘unidimensional’ que se torna o herói da juventude rebelde e revolucionária que se levanta nas metrópoles industriais da Europa e da América do Norte ... Che surge perante eles como o símbolo mais puro do combate de libertação do Terceiro Mundo ...”.

Para a juventude do I Curso de Realidade Brasileira, Che Guevara foi a representação mais autêntica de revolucionário. A referência de líder revolucionário destacou-se como ensinamento e se sobressaiu no empenho de uma vida inteira nas mais variadas atuações, de Ministro da Economia ao trabalhador braçal do corte de cana-de-açúcar. Pois, que ele teve iniciativa em diversas “tarefas”, da simples a complexa. Che foi um legado valorizado durante os diferentes momentos que envolveram o Curso.

A valorização de ações voluntárias junto ao povo foi representada nas místicas como missão juvenil. Mais que o revolucionário, Che representou no Curso de Jovens uma lição, um ensinamento, "o exemplo" a ser seguido. Ou seja, a atuação voluntária no I Curso ganhou significado revolucionário. Sua imagem revolucionária no ambiente do evento foi significativa no processo de constituição de jovens, em que se requis a identificação de legados e compromissos simbólicos. O sentido revolucionário, místico e transcendental de Che para o conjunto naquele momento de doação do fazer-se jovem do I Curso contribuiu na transcendência coletiva de cada uma e cada um participante que tornou-se um pouco como Che lutador revolucionário, um Che jovem.

“Cresçam como bons revolucionários. Estudem muito para poder dominar a técnica que permite dominar a natureza. Lembrem-se de que a revolução é o que importa e que cada um de nós, sozinho, não vale nada. Sobretudo, sejam sempre capazes de sentir no mais profundo de vocês qualquer injustiça contra qualquer ser

humano em qualquer parte do mundo. É a maior virtude de um revolucionário”. - Carta de Che Guevara aos filhos⁹⁰.

A dinâmica do I Curso de Jovens ativou a imagem revolucionária de Che Guevara⁹¹. A mística juvenil foi um processo que enraizou as/os jovens no Movimento Sem Terra através do significado transformador do revolucionário na medida do exemplo voluntarioso do processo de aprendiz do *ser jovem*. A perspectiva de transformação, mesmo que momentânea, no contexto do I Curso, ligou jovens ao MST. Jovens que ressignificaram suas vidas na condição de juventude do Movimento e aprendizes de transformação político-social. E ainda, ao compartilhar como jovem a subjetividade do *Ser do MST* em que “uma realidade *em movimento*, onde a transformação de qualquer coisa é uma possibilidade real e, aos poucos, passa inclusive a ser culturalmente desejável” (Caldart, 2000: 131).

3.2 - Hora de responder o questionário, hora de construir jovens e recentes trajetórias

O instante em que as/os jovens responderam ao questionário puderam fazer-se jovens sujeitos e constituírem suas trajetórias perpassadas pela história de luta da terra e a atuação do Movimento Sem Terra. E isso pôde ser compreendido na junção de perguntas do questionário direcionadas à relação da/o jovem com o MST.

Reunimos em bloco cinco perguntas do questionário, três em sequência: “É militante do MST? Por quê? Desde quando?”, e duas questões no final do questionário:

⁹⁰ Sem Perder a Ternura – pequeno livro de pensamentos de Che Guevara, org. Emir Sader, Ed. Recor, Rio de Janeiro, 1999.

⁹¹ Esta imagem é reforçada por biografias lançadas em 1998, relativas aos trinta anos do assassinato de Che Guevara, aparece descrito como uma vida dedicada à revolução e ao trabalho revolucionário: “Che, no entanto, era diferente e eles o sabiam. Exigia mais de si, de modo que exigia mais deles também. (...) Para esses jovens, metade dos quais negros, muitos de famílias de agricultores pobres, Che era seu guia e professor, um modelo a emular e ao qual corresponder, e, com o tempo, queriam acreditar no que quer que ele acreditasse” (p. 402) – Anderson, J. L., Che Guevara, uma Biografia, Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 1997. “Che mantém a mesma atitude espartana e a mesma disciplina rígida da serra” (p.416) (...) Che continua insistindo em que o trabalho voluntário é a razão de ser de uma sociedade que encontra suas respostas no coletivo” (436) – Taibo II, P. I., Ernesto Guevara, também conhecido como Che, Edições Sociais, São Paulo, 1997.

“Marque de que forma você entrou para o MST: com a família, amigos, através de reuniões, ou outros”; e “Por que entrou para o MST?”.

Declarações afirmativas de pertencimento à militância remontaram motivações de mudanças na vida pessoal, transformações coletivas e o MST como atrativo.

As resposta a pergunta “É militante do MST?” foram agregadas através da auto-percepção juvenil: respostas afirmativas: “sim”, é militante; “sim, é militante a partir de motivações desencadeadas de necessidades materiais”; “sim, é militante por motivações de contribuição no coletivo”; “sim, é militante, pois o MST é a principal referência”; e respostas negativas: “não” é militante; “não, por não se sentir preparada ou preparado”. Além de respostas agregadas em “outros”, “não respondeu”, “não sabe”.

As percepções juvenis demonstraram que existem motivações de ordem pessoal e identificações coletivas que se combinam no fazer juvenil no Movimento Sem Terra. A/o jovem nas circunstâncias, condições e relações do espaço do Curso, ao preencherem o questionário constituíram-se como sujeito ao perceberem e ligarem suas trajetórias pessoais à luta pela terra e pela reforma agrária. As ligações desses sujeitos jovens com o Movimento não estiveram restritas às tarefas militantes, seja nos modos de interligarem suas vidas à luta social; seja nos vínculos de participação de dentro e fora do Curso, anteriores ou posteriores. Dessa forma, a compreensão de *militância*, no processo de *tornar-se jovem* no MST, foi alargada nas identificações juvenis com as ações e bandeiras de luta, compostas a partir de aspectos pessoais e coletivos, de “sonhos” e “projetos de vida”.

As declarações juvenis nos questionários reconstituíram breves e recentes trajetórias. As pessoas presentes ao Curso de Realidade Brasileira para Jovens, na condição de jovens, a partir de identificações e atribuições, desde atender à convocação de participação no evento, compuseram suas trajetórias pessoais também no instante de responder às perguntas “é militante do MST?”; “por quê?”; “desde quando?”; “por que entrou no MST?”. A reconstituição dos processos de luta por terra, por parte daquelas e daqueles que participaram, produziu identificações com os valores e a bandeira da reforma agrária defendida pelo MST e reforçou o sentido de sua presença e participação nas atividades do I Curso de Jovens.

As perguntas do questionário privilegiaram uma relação militante, no entanto, as interpretações juvenis de suas relações com o Movimento Sem Terra alargaram a perspectiva de compreensão do tornar-se parte do MST, ao comporem passados, mesmo que recentes e construíram com isso uma memória.

"A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (...) É perfeitamente possível que, por meio da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada" (Pollak, 1992: 201).

Uma memória quase que herdada e quase que construída no próprio presente da experiência do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural. O questionário registrou uma memória de luta das/os jovens construída a partir de suas experiências pessoais, familiares e de grupo social; e com elementos partilhados durante os dez dias de Curso. Esta memória de luta se constitui num tipo de adesão legítima de jovens ao Movimento pois o espaço do I Curso era um momento de afirmação da incorporação ao MST: seja na convocação de cada uma/um para participar do evento dirigido aos jovens do Movimento; seja no aspecto do envolvimento durante os dez dias de atividades do evento, que puderam gerar inserções e recusas. Nos breves depoimentos, as adesões e inserções ao Movimento foram percebidas, pela maioria das/os jovens, como anteriores ao momento do Curso, produzindo um passado, uma vinculação e uma certa legitimidade na presença e participação no evento.

Ao responderem se é militante, como e por quê entrou no MST, algumas das declarações foram:

"sou militante e ajudo na parte da juventude"; entrou: *"com a família"; "porque tínhamos esperança de conquistar um pedaço de terra para trabalhar e ter boas condições de vida"*. E na resposta à questão *"Por que entrou?"*, completa: *"para adquirir um pedaço de terra, mas vimos também que não era apenas por terra e sim lutar por direitos iguais e formar uma nova sociedade"*.

Gildo Marcolino de Lima, 21 anos, assentado no Mato Grosso.

"sou militante porque foi a opção que tomei na minha vida "; entrou: "com amigos; "porque o pouco que eu podia estar fazendo, algo que eu gostaria, estar junto com o povo fazendo algo acontecer.

Pedro Ferreira, 29 anos, assentado no estado do Espírito Santo.

"sou militante porque os jovens unidos, junto ao MST, é a oportunidade que temos de mudar o país"; entrou: "com a família"; porque: "para entender melhor a vida e a necessidade das pessoas e poder ajudá-las a pegar um pedaço de terra e ter um lugar garantido para morar, assim como eu e minha família conseguimos" - Juliana Monteiro de Souza, 19 anos, assentada em São Paulo, diz ser militante.

"sou militante, atuo em setores no Assentamento que ajudam na organização"; entrou: "através de trabalho de base"; "porque as condições de vida onde eu morava não eram suficiente para que eu vivesse dignamente com minha família, e pela indignação que sentimos por não ter nossos direitos".

Claudinéia Lérias de Oliveira, 17 anos, assentada no Mato Grosso do Sul.

Os depoimentos, além de constituírem uma vinculação, trazem uma auto-percepção de suas trajetórias, dão sentido e coerência numa trajetória maior, coletiva, identificada com a luta pela terra do MST. Então, a *esperança* de Gildo e sua família na conquista da terra ganha lastro numa dimensão alargada de uma perspectiva projetiva que combina às suas necessidades as idéias de *"direitos iguais"* e *"uma sociedade nova"*. Pedro percebe-se como sujeito ao constituir a sua entrada no Movimento como uma "opção" que tomou na vida, produzindo uma coerência entre um passado, atribuído a uma atitude sua, e o presente, *do pouco que poderia estar fazendo*, como diz, com um futuro, do qual a sua vida é a medida, no fazer acontecer. Juliana projeta no futuro a possibilidade de ajudar outras famílias na conquista da terra, que foi e é sua e de sua família.

Essa necessidade, se assim se pode dizer, em produzir uma trajetória coerente ao processo de luta pela terra e em situar-se no Movimento foi encontrada também em quem inicialmente negou militância no MST ou se definiu simpatizante.

"não sou militante porque não me chamaram para o curso de militância"; entrou: "com a família; "porque minha família foi para o MST e eu fiquei na cidade, minha mãe quis que eu fosse ficar com ela, eu não queria mas acabei indo e estou até hoje lutando junto com o movimento de massas, estou com dois anos e dez meses no Movimento e pretendo conquistar um pedaço de terra para trabalhar, estou na luta com todos".

Marcos Farias Pereira, 17 anos, acampado no estado do Mato Grosso.

"sou simpatizante"; entrou: "com a família"; porque: "entrei porque achei que era uma forma melhor de viver e ser dependente de mim mesmo".
Rosinaldo de Andrade Messias, 18 anos, assentado no Mato Grosso do Sul.

Marcos associou a sua não entrada no MST a partir da participação num curso, como pré-requisito em que ser militante é a condição de inserção no Movimento. No entanto, concomitantemente, a sua ida para o acampamento foi vista como entrada no Movimento e como produtora de um passado e uma identificação. O jovem construiu o seu encontro, a sua vinculação, com a noção de tempo medida por dois anos e dez meses. A sua necessidade de terra combinou-se com a sua disposição: "*estou na luta com todos*".

Já Rosivaldo, "simpatizante", construiu seu encontro com o MST através da esperança de um "melhor viver" e da expectativa de sua independência pessoal.

Paradoxalmente, a deficiência do material em possuir questões direcionadas à reflexão do processo de constituição de jovens no MST, trouxe as ambigüidades da identificação com o movimento social, os seus diversos pertencimentos e combinações do pessoal com o Coletivo. No caso, "É militante do MST?", no meio do material, e "Por que você entrou?", ao final, resultou em respostas controversas, contraditórias e muito ricas sobre a percepção do que seja entrar no Movimento e se tornar mais que militante do Movimento, ou seja, produzir um encontro, combinações, ou *enraizamentos projetivos*. O questionamento *se é militante*, mais do que respostas afirmativas e negativas, promoveu reflexões de trajetórias e trouxe compreensões sobre como constituir-se parte, fazer-se jovem no MST. E de como ligar questões pessoais a algo coletivo, que são apresentados como antagônicos, incompatíveis, mas que se processam na individualidade de quem participa e se identifica com a luta por terra.

3.3 - Mística de tornar-se jovem

A mística que envolveu o processo de construção de jovens, durante o Curso, foi feita, pelas e pelos participantes, na combinação dos sentidos disponíveis, nos dez dias que se sucederam, tecendo suas trajetórias. No presente do Curso, elas/eles reelaboraram as

vivências do passado no acampamento, no assentamento e nas ações da luta por terra. E projetaram-se nos sonhos de realizar estudos, trabalhos, família, terra, reforma agrária, transformações sociais, direitos e justiça. Combinaram, ainda, a disciplina militante com as perspectivas juvenis dentro de um processo aprendiz, em que também se constituíram sujeitos ao processarem identificações com o Movimento e repensarem suas vivências como experiências históricas da luta por reforma agrária.

Jovens tornaram-se parte, compuseram trajetórias, *fizeram-se Sem Terra, tornaram-se jovens* no e do MST, naquele momento do I Curso de Realidade Brasileira. Na sua grande maioria, jovens assentadas/os e acampadas/os que estudam e trabalham com suas famílias. Lê-las/os como jovens sujeitos, que encontram-se na condição de aprendizes, nos pareceu importantíssimo para retratar um processo desenvolvido por aquelas e aqueles dentro das condicionantes de um Curso organizado com programação, tarefas, disciplina e um roteiro que se realizou. *O jovem e a jovem no MST* foram extraídos das características e compreensões das pessoas que estiveram presentes ao I Curso do Movimento, em 1999; do processo de realização e acontecimento dessa atividade como evento de jovens ligados ao Movimento Sem Terra.

No cenário do I Curso, a atuação das/os jovens, de uma maneira geral, deu-se como ouvinte através das anotações nos cadernos que receberam dentro de uma pasta, onde descrevia-se as informações professorais que recebiam e a condição de aprendizes. Nas ações que compartilharam do funcionamento do evento, constituíram-se parte de algo maior, coletivo, dentro de suas trajetórias. No Curso que destinou-se a jovens, a afirmação como jovem engajado na luta foi inevitável, e puderam mais, a medida que sonharam e projetaram suas vidas compatibilizando seus desejos com a luta social.

Em “Jovens Rebeldes e Revolucionários: 1789-1817”⁹², Sérgio Luzzatto, trata da imagem de uma juventude no que ele denomina “equação jovens-rebeldes”. A construção sócio-histórica dos jovens em que destaca-se como condição as relações que processam esses sujeitos, neste caso, num contexto revolucionário do século XVIII, desmistificando quem são os jovens:

⁹² Em Levi, G. e Schmitt, J.C., *História dos Jovens II, A Época Contemporânea*, Cia. Das Letras, São Paulo, 1996.

“Mais que da *presença real* dos jovens nas diferentes vicissitudes das revoluções européias, proponho-me portanto a tratar da sua *presumível presença*: os protagonistas das páginas seguintes não serão tanto – ou somente - os jovens que de fato escalaram as barricadas ou aderiram a um e outro movimento de protesto político, mas os rebeldes e os revolucionários, qualquer que fosse a sua idade, que sentiram-se jovens e como jovens combateram ...” (198).

A/o jovem, nas circunstâncias de realização do Curso, encarnou questões do conjunto do MST da concepção e da organização à estrutura física à participação dos presentes, numa atividade tipo curso. Uma relação, entre outras tantas, passível de identificação, foi aquela em que jovem ganha uma concepção de aprendiz. Seja pelas oito horas destinadas a serem ouvintes de adultos, com suas experiências de estudo ou de ações sobre determinados assuntos e questões que fossem importantes ao estágio juvenil das/os presentes, seja pelos valores a serem cultivados através de símbolos que cumprem um papel político-pedagógico, como o aprendizado de *mulher e homem novos* do legado revolucionário de Che Guevara. O educar-se como *jovem aprendiz* no MST, através do Curso de 1999, requisita inserção numa disciplina, não só das regras e normas internas ao Movimento, mas de comportamentos e atitudes destinadas a jovens aprendizes.

Nesse processo de construção de um sujeito jovem aprendiz, coube a menina de treze anos e a mulher de cinquenta anos de idade que estiveram presentes no Curso. O aprender e o ensinar dos *jovens no MST* estavam demarcados em assistir disciplinadamente palestras; na organização dos diversos momentos de despertar, da alimentação, da manutenção do espaço, do adormecer. A regularidade e a sistemática de um processo com momentos delineados e horários cumpridos construíram dez dias de Curso, um espaço de aprendizes sujeitos.

Aprendizes fizeram-se e jovens aprendizes tornaram-se, num aprender juvenil em que a disciplina militante da trajetória do Movimento Sem Terra nas experiências de acampamentos e assentamentos, vivenciada pela maioria, ressignificou o legado de mudança expresso nos sonhos e projetos de vida, traçando os vínculos recolocados nas jovens trajetórias das/dos participantes num processo maior, enraizadas ao percurso do MST:

“Pois bem, ao abordar deste ponto de vista⁹³ a questão das tarefas da juventude, devo dizer que estas tarefas da juventude em geral e das Uniões das Juventudes Comunistas e demais organizações semelhantes, em particular, poderiam ser definidas com uma só palavra: aprender” (Lenin, 1920:10).⁹⁴

No processo *jovem-curso-MST*, ressaltou-se a dimensão do aprender, contudo, a dimensão de sujeito foi tecida nos sentidos disponibilizados que as/os jovens entrelaçaram. A concepção formativa/informativa do Curso com convocatória de um público pontencialmente militante ganhou relatividade na realização. Idade, vínculo, diversidade de origens sociais e referenciais sociais que ressignificaram as presenças juvenis. O Curso possibilitou que fosse reelaboradas trajetórias, identificações e pertencimentos.

O sentido juvenil de aprendiz atribuído às/aos recém chegadas/os no MST, que remete-se a uma segunda geração no Movimento no processo de consolidação da Organização, foi experimentado com sentido revolucionário, “do exemplo”, voluntário, disponível e disposto.

O tempo de ser jovem aprendiz deu-se no espaço do Curso de 1999: nas situações de submeter-se à disciplina de regras e valores que fazem o existir do coletivo do MST; nos momentos de prontidão aos desafios que tornam jovens portadores de um *por vir*; e na condição de não estarem prontas/os, mas em preparo. Juventude foi concebida vista como tempo de investimento para o futuro mas o seu fazer foi de sujeito que traça estratégias de vida e que dá sentido a sua presença no Movimento.

O tempo de jovem sujeito corre em paralelo ao tempo de jovem aprendiz. As condições de aprendizados do I Curso de Realidade Brasileira do Meio Rural, nas circunstâncias “massivas”, de “formação” e “estudo” foram revestidas de sentidos juvenis que combinaram referenciais sociais disponíveis com “sonhos” e “projetos de vida” e que conjugaram as esferas pessoais e sociais.

Jovens constituem-se a partir de um conjunto de situações, momentos, espaços, tempos, condições, relações, envolvendo conflitos, negações, afirmações e comunhões de perspectivas. O reconhecimento de si num iniciar-se com o mundo através do MST, não mais como criança e nem como adulto, mas como jovem participante de ações e tarefas

⁹³ No parágrafo anterior, Lenin refere-se “à geração que começa a trabalhar já em condições novas, numa situação na qual não existem relações de exploração entre os homens” (p. 9).

coletivas ganharam sentidos ambíguos em teias juvenis. Pois, compartilharam concepções, compreensões sobre a vida e o mundo, sobre pobres e ricos; percebem-se numa história, parte de um movimento social e foram vistos e percebidos, pela direção do MST e por intelectuais, visitantes e outros, como jovens do MST com uma história, tarefas e legados de luta pela terra e pela Reforma Agrária.

⁹⁴ Trecho extraído do texto de Lenin, proferido durante o congresso da União das Juventudes Comunistas, na Rússia, em 1920. In “As tarefas revolucionárias da juventude”. Expressão Popular, SP, 2000.

Capítulo IV – Referências juvenis

A proposta deste capítulo é de relacionar as referências juvenis construídas no I Curso de Realidade Brasileira para Jovens descritas no questionário aplicado com a mística de tornar-se jovem no I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural. Para isto, tratando as referências como virtualidades juvenis produzidas durante o Curso que reafirmaram imagens comuns do MST, porém, não uniformizadas, nem homogeneizadas. Trataram-se de potencialidades do próprio Movimento, que, no processo de jovens tornarem-se parte do coletivo, foram apropriadas e constituíram-se em referências de uma segunda geração gestada pela dinâmica das relações sociais de um Movimento que se ampliou para além das ocupações de latifúndios.

Neste sentido, trouxemos cinco trajetórias de jovens participantes do I Curso que ilustram o processo do fazer-se de uma segunda geração no MST.

As referências aprendidas e vivenciadas pelas/pelos jovens no I Curso, trouxeram aspectos projetivos e criaram perspectivas de melhorias para suas vidas e esperança para as condições sociais das/os jovens participantes, naquelas circunstâncias. Durante os dez dias de Curso, as vivências nas ocupações, nos acampamentos e assentamentos, nos atos e nas manifestações públicas, nos cursos de formação político-ideológica, enfim, as ações de luta pela terra foram sistematizadas como experiências juvenis com sentido e identificação. No Curso, as vivências anteriores produziram memórias, compuseram trajetórias e construíram-se em referências juvenis.

As circunstâncias do Curso proporcionaram o florescimento de sujeitos jovens, com sentidos dispostos nos limites e potencialidades das condições de aprendizes dispostos e disponíveis fazendo parte de um momento do processo da luta por direitos, mudanças sociais, transformações pessoais e sonhos e projetos de vida.

Ao responderem ao item do questionário: “Diga até três palavras que possam resumir o que é o MST. E explique o que isto significa para você:”; construímos um Quadro com um imaginário juvenil sobre o MST:

Quadro 10: referências/imaginários juvenis

- 1- **Justiça/igualdade/direitos/dignidade/melhorias das condições de vida;**
- 2- **Solidariedade/companheirismo/ajuda/contribuição/cooperação/união;**
- 3- **Organização, movimento e a palavra de ordem “ocupar, resistir e produzir”;**
- 4- **“Única saída”;**
- 5- **Liberdade;**
- 6- **Indignação;**
- 7- **Futuro;**
- 8- **Reforma agrária/ um pedaço de chão/ terra;**
- 9- **Melhoria para o país/ Brasil;**
- 10- **Menos sofrimento /paz/ amor/ vida digna /alegria/ felicidade;**
- 11- **Socialismo/ revolução;**
- 12- **Luta.**

As doze referências juvenis, como se vê, agregaram diversas noções do que o MST representa, e por isto mesmo, não se apresentaram em estado puro. Diversas/os jovens explicitaram combinações de referências variadas sobre o que significava o Movimento para elas e para eles. Até porque o Movimento projeta-se na sociedade não de uma única forma, mas de varias maneiras, mexendo com o imaginário social. Num imaginário juvenil, as referências recorrentes sobre o Movimento passaram por idéias como: direitos; acesso à cidadania; luta; solidariedade; troca; conquistas; saídas; perspectivas; sentidos; possibilidades de perceber-se e de perceber o *outro*; totalidade; país, história; sentimentos; esperança; vitória:

“uma luta por dignidade, porque cada família tem o direito de lutar por sua dignidade”. Hélia Cristina da Silva, 16 anos, acampada no Distrito Federal.

“uma instituição que organiza e articula o povo em busca do seu direito/ terra/igualdade”. Gilcélio Donato Correa, 21 anos, acampado no Mato Grosso.

“o MST é o movimento de resgate da cidadania, da terra como fonte de vida, uma alternativa de luta e trabalho coletivo neste país neoliberal”. Kelly Cristina Alves, 23 anos, trabalha na secretaria da Casa da Juventude, ligada à Comissão Pastoral da Terra, no estado de Goiás.

As referências juvenis compuseram diversas compreensões do MST. O uso de elementos identificados nos discursos políticos e sociais na luta por direitos e cidadania, nas referências juvenis em relação ao MST, expressou a necessidade de melhorias das condições de vida das *famílias sem terra* e do *povo*. E expressou, também, as próprias experiências de ausência de cidadania e de participação da luta social das/os próprios jovens. As ações implementadas pelo Movimento ganharam o sentido de justiça, e a luta pela terra ganhou o sentido de acesso a direitos e à dignidade. Jovens alargaram, ou tiveram a possibilidade de alargar, a compreensão de suas vivências de necessidades de melhores condições vida, ao compreendê-las não só como problemas pessoais, mas em atribuí-las sentidos da luta por direitos sociais e políticos:

“companheirismo, luta e justiça, significa que juntos podemos lutar e transformar este país”. Iranilda Cecília de Paula, 15 anos, acampada em Pernambuco.

“Movimento Sem Terra, um ato de solidariedade”. Rodrigo Andrade, 15 anos, acampado em Minas Gerais.

“ocupar resistir, produzir, isto significa solidariedade, ou seja, união para vencermos”. Gabriel da Cruz, 18 anos, assentado em São Paulo.

“luta, organização e solidariedade, pois isto significa os pilares de sustentação do MST na luta dos trabalhadores”. Marcos André Jakolay, 19 anos, estudante universitário no Rio Grande do Sul.

“o movimento mais organizado do país, a esperança de um futuro melhor”. Carla Elaine Alves, 22 anos, estudante universitária no Rio de Janeiro.

Uma referência muito associada ao MST é a de organização. A realização de ações diretas, ocupações, manifestações, as várias reuniões, encontros, as diversas instâncias de decisão e encaminhamentos de ações dão ao Movimento o sentido de organizador e realizador de ações, um agente efetivador da luta social. As idéias de organização foram

reforçadas sobre o MST também no cumprimento de tarefas e atividades apontadas como que a eficiência do Movimento em atingir objetivos.

A organização tornou-se elemento da existência do Movimento. Contudo, junto a essa referência de organização, outras referências foram associadas, como *companheirismo, união e solidariedade. Juntos, unidos, com organização*, poderão realizar as necessidades que ainda são sonhos. Tratam-se de compreensões coletivas na perspectiva de organização e união para as conquistas concretas da terra, da moradia, do trabalho, da dignidade.

As experiências do espaço e momentos de troca coletiva e ajuda mútua do I Curso de Jovens, em que a/o participou de brigadas, equipes de trabalho, místicas e outras atividades, ganharam o sentido de *junção, união e organização*. Mas não somente, o Curso, bem como, nos diferentes espaços e momentos anteriores relativos às atividades do Movimento, ganhou o tom da capacidade de realização, conquista e transformação. Pois, o sentimento de solidariedade irmanou todas e todos presentes na realização do Coletivo do Curso, conseqüentemente, do MST.

“se o MST não existisse onde eu estaria neste momento de capitalismo selvagem que torna o povo só para os interesses deles”, e diz que entrou no Movimento “porque é a única saída para transformar esta nação”, Anâmpio Santana, 30 anos, acampado em Sergipe.

“MST é vida, é a única esperança que existe. Significa a minha própria vida. Foi minha infância e é o meu presente e será o futuro de todos nós”. Ademar Bonato, 22 anos, assentado no Rio Grande do Sul.

“alternativa de vida! Acredito que na situação que está o nosso país só o MST pode ser a saída!”. Vando Rosa do Nascimento, 20 anos, assentado no Mato Grosso.

Diversas referências das/dos jovens do I Curso apontaram o MST como uma, ou a possibilidade de transformação da sua própria vida, estendendo essa possibilidade às condições sociais de *todo país, do povo brasileiro*. Outras referências tornaram-no o MST a *única saída*, pois a entrada no Movimento caracterizou-se na sua própria situação-limite de vida. Alguns sentidos de um certo desespero e também de esperança vividas com suas famílias sem terra que justificavam a disponibilidade, a disposição, o empenho e o

investimento na retomada de perspectivas da luta pela terra e pela reforma agrária. O Movimento foi percebido como responsável por saídas, e às vezes a *única saída*, e uma ou a chance de se recompor um presente de perspectivas e um futuro de sonhos e projetos que reanimou e motivou vidas.

Cabe ainda, a relativização destas declarações, lembrando que estão circunstanciadas pelo processo do I Curso de Jovens do MST. O que não desqualifica as suas representações sobre o Movimento e a luta que estas/estes jovens participaram e implementaram em espaços organizados pelo Movimento Sem Terra.

“consciência, luta e liberdade. São os itens essenciais para que possamos fazer a revolução e lutar por uma sociedade mais justa e para que tenhamos um povo livre”. Luziane de Carvalho Oliveira, 17 anos, simpatizante do MST no Maranhão.

“igualdade, companheirismo e liberdade. Significa um país para todos, onde se conquistou o direito à vida.”. Jasiel Vieira da Silva, 19 anos, acampado em Pernambuco.

“liberdade, transformação, vida, porque ele luta por um povo livre por sociedade e vida”. José Marcos de Araújo, 25 anos, assentado no Espírito Santo.

“trabalho, dignidade e liberdade significam uma vida justa para todos”. Edvan Batista de Sousa, 24 anos, acampado no Paraná.

“esperança, liberdade, solidariedade. Mundo digno, ser livre, acolher, distribuir e, o mais importante, sorrir”. Silso Aparecido de Oliveira, 20 anos, assentado em São Paulo.

Os sentidos juvenis da luta social do presente - ocupações, acampamentos, assentamentos, atos políticos, cursos de formação e escolarização - são os da tomada de conhecimento dos males sociais da desigualdade econômica, que cria abismos dentro da sociedade brasileira, mas que indica um futuro *para todos*, de liberdade das privações das condições materiais de existência. Os olhares para o futuro enxergam terra, casa, acesso ao

trabalho e ao estudo. Um romantismo social, também encontrado entre jovens do século XIX⁹⁵, que mantém o sonho de um mundo digno, livre, onde *se colhe, distribui* para todos.

“Moradia, solidariedade e transformação social, é isto que para mim significa a maior liberdade do Povo brasileiro”. Emerson Souza Santos, 18 anos, assentado na Bahia.

“solidariedade, indignação e amor. MST é o povo que se solidariza com o sofrimento dos outros, também fica indignado perante esta política capitalista das elites e tem amor pela luta para fazer um novo homem e uma nova sociedade”. Alírio Acordi Santana, 36 anos, assentado no Paraná.

As percepções juvenis do "nós" fizeram referência ao: *povo*; "*sofrimento dos outros*"; *sociedade*; *país*; *Brasil*; *todos*. Foram referências de si próprio e das suas experiências vividas com suas famílias, bem como, de um conjunto maior de referências que legitimou as situações e as necessidades vivenciadas. De alguma forma, foram também desabafos que utilizaram, muitas das vezes, uma terceira pessoa como forma de tratar sofrimentos pessoais e que por isto trouxeram uma visão humanista de transformação *para todos*. Esta perspectiva de mudanças e eliminação dos sofrimentos através da luta pela vida alargou a dimensão pessoal legitimada pelo aspecto *social "para todos"*.

Pollack (1987), na elaboração sobre memória e identidade, trata de depoimentos de pessoas com experiências sociais sofridas, e demonstra que não há contradição entre necessidades, desejos pessoais e lutas sociais, bandeiras políticas:

"Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. (...) A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros" (Pollak, 1992: 204)

A identidade que apareceu nas referências dos jovens do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural foi construída com o *nós* em favor do *povo brasileiro*; da *sociedade*, do *Brasil*. E contrária a um *outro*, ou *eles*, que foi o *capitalismo/capitalistas*, *as elites*, *a burguesia*. Virtuosismos que se mesclaram na dinâmica do Curso através das

⁹⁵ Ver trabalhos de: Perrot, M. "A juventude operária. Da oficina à fábrica"; e de Luzzatto, S. "Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917" em História dos Jovens, vol II, "A Época Contemporânea", SP, Cia.

palestras de professores, intelectuais e artistas e através das composições que as/os jovens nos grupos, brigadas e equipes constituíram para compreender o que se passava com suas vidas, as causas e as possíveis saídas.

“MST é uma forma de luta para ter um futuro melhor e de seus filhos, MST é vida, me traz alegria”. Jones da Silva Neves, 17 anos, acampado no Rio de Janeiro.

“Movimento Sem Terra é um futuro para os que não têm um pedaço de terra para trabalhar”. Aldemar Ribeiro da Silva, 20 anos, acampado no Paraná.

Referências projetaram um futuro para suas vidas, com trabalho, filhos, famílias. Sonhar tornou-se possível. A liberdade fez parte de um processo de humanização, uma compreensão, uma tomada de sentido, em que a vida que se vive é detentora de horizonte. A possibilidade da realização de desejos iluminou as perspectivas de vidas, algumas que aguardavam um momento de brotarem, outras adquiridas pelo processo de integração às lutas sociais e suas bandeiras políticas.

Martins (2000), na construção de críticas ao MST, aos partidos políticos, às igrejas, a “agentes mediadores”, chama a atenção para o fato de que:

“nas gradações de pobreza é preciso reconhecer que muitos são pobres não porque padeçam privações materiais do essencial à sobrevivência. A criatividade popular tem gestado estratégias de sobrevivência que perturbam a lógica econômica dominante e oferece saídas onde os técnicos e economistas não vêem saída alguma. A pobreza moderna é maior e bem diversa da pobreza definitiva de um imaginário religioso ou de classe média em que o pobre está reduzido a um esquálido esquema de interpretação social e política. O essencial da pobreza moderna e capitalista está na transformação do homem em coisa, na sua desumanização. Na sociedade capitalista é pobre quem é pobre de humanidade” (2000: 81).

Contraditoriamente, conforme as críticas de Martins, as referências dos jovens foram de humanização de questões pessoais em sociais e de demandas sociais em questões pessoais. Sonhar um futuro de dias melhores permitiu construir referências humanizadoras:

“Terra, solidariedade e justiça. Terra: direito de todos; solidariedade: união, companheirismo; Justiça: um país digno e justo”. Cátia Santos de Oliveira, 16 anos, acampada na Bahia.

“Reforma Agrária Já! Significa que não pode haver revolução onde haja desigualdades, e, no Brasil, a única forma de resolver as desigualdades é a reforma agrária”. Luciana Oliveira Correia, 22 anos, estudante universitária.

“é fazer a Reforma agrária social é para que nós tenhamos um Brasil mais justo e digno à nossa sociedade”. Eduardo Bispo Santos, 20 anos, acampado na Bahia.

“Luta pela terra significa que a terra é de todos que nela têm vontade de trabalhar e se sustentar, mas está concentrada na mão de poucos”. Cícero Miguel, 19 anos, assentado em São Paulo.

Para elas/eles jovens, a *Luta* é para quem tem *vontade de trabalhar e de se sustentar*. A eliminação das desigualdades econômicas foram outros sentidos dispostos para solução de problemas sociais. A dimensão de projeto social teve referências de bandeiras políticas, essencialmente, da reforma agrária como resolução dos males da sociedade brasileira. Uma compreensão de que as bandeiras de luta pela terra são totalizantes, incluem a *todos* da sociedade brasileira e de que a conquista da reforma agrária, de terra e direitos para os Sem Terra resolveria o problema da fome, ou consumo de alimentos, trabalho, moradia, também na cidade. Houve uma extensão das vivências de lutas sociais, o que, por um lado, humanizou a compreensão dos anseios de liberdade e solidariedade, e, por outro lado, reduziu os problemas do conjunto social à resolução da reforma agrária.

Num país herdeiro da escravidão, estruturalmente marcado pelo latifúndio e suas relações de poder, a compreensão da questão agrária extrapolou o espaço dos diretamente afetados e envolvidos. A luta social dos Sem Terra foi concebida para além dos acampamentos e assentamentos:

“MST significa - para mim - é um Movimento que luta pela reforma agrária, por uma vida digna, um país melhor. MST é uma massa de pessoas que luta pelas mesmas idéias”. Vanessa Sílvia, 17anos, acampada em Góias.

“companheirismo, lutador pelo povo, ajuda para ter um país igual para todos, sem discriminação.” Sidinei Alberto Ferreira dos Santos, 16 anos, assentado no Paraná.

“esperança em transformar o Brasil em um país sem as disparidades econômicas e sociais que ele possui hoje”. Rosa Goretti de Sousa Reis, 27 anos, universitária em Goiás.

Diversas respostas associaram o MST e sua luta ao Brasil, a um país de desigualdades. O papel atribuído ao Movimento, nestas referências, foi o de buscar a construção de um outro país, melhor. As idéias foram de que o Movimento luta por transformação da vida no país, e não somente para os Sem Terra:

“Amor, pelo que faz a luta; esperança de um país justo; dor por aqueles que morreram pela luta e infelizmente não vivem as maravilhosas conquistas de uma batalha, mas ainda o não fim da luta” - Luciana Marques, 25 anos, assentada em São Paulo.

“resistência, luta e socialismo, significa uma esperança para o Brasil”. Luis Carlos Pereira, 25 anos, universitário de Minas Gerais.

“Futuro/ amor/ socialismo, isso é o que todos nós precisamos para viver o ar que respiramos, sem isso morremos”- Jonas Ferreira de Lira. 30 anos, assentado em Pernambuco.

*“Sou militante porque vi no MST condições reais, de nós jovens fazermos história”;
“Venho da Igreja e do PT. Vi no MST o único movimento capaz de representar os trabalhadores e dar-lhes respostas”. “Porque não achei respostas suficientes na Igreja nem no PT. Conheci o MST mais de perto e pude ver ações concretas e não discurso”* - Eliana Leite Martins, 23 anos, militante no Ceará.

As referências juvenis ao tentarem construir perspectivas de um projeto coletivo de sociedade revelaram sentimentos, jovens afetos que não tiveram vergonha de se declarar. Demonstraram que a luta social é feita de objetivos, afetos, amor, solidariedade e esperança. As vinculações com o Movimento deram-se por necessidades materiais e ou afetivas, mas são os laços afetivos que promoveram encontros entre jovens e o MST. Diversas referências das/os jovens do I Curso sobre o Movimento estão carregadas de sentimentos, pessoais, valorativos, de auto-estima, solidariedade, cultivados no processo de experiências que integraram-nos como sujeitos.

As referências do Movimento apontaram para uma saída desejável de um futuro melhor, especificamente para suas próprias vidas e, genericamente, para a sociedade. A esperança de uma efetiva mudança expressou-se na luta de trabalhadores e ou na construção do *socialismo*:

"MST é luta, saúde e educação para todos; por justiça, aonde não morre ninguém a míngua". Antônio Galdêncio Rodrigues, 23 anos, assentado no Piauí.

"Companheirismo, solidariedade, humanismo significa a luta". João Maria Pereira, 15 anos, acampado em Goiás.

"Luta, resistência, companheirismo, através da luta possa fazer reforma agrária". Maria Aparecida da Silva, 18 anos, acampada em Pernambuco.

"lutar, coragem e justiça, é preciso ter coragem para lutar por justiça". Eva Pereira, 18 anos, assentada no Espírito Santo.

"vida, trabalho e produção, sem tudo isso não tem jeito de viver". Edmilson de Lana, 20 anos, assentado em Minas Gerais.

"Porque eu, nós, irmãos da Divina Providência - IDP, acreditamos na proposta do MST, isso é Reino de Deus ... a vitória vem da base (única)". "É um movimento de libertação de uma classe menos favorecida...". Simone Barros de Oliveira, 26 anos, Maranhão.

"Justiça, paz e vida mais digna. Creio que estas três palavras estão intrinsecamente ligadas; tendo justiça haverá paz e conseqüentemente vida mais digna para todos, luta, esta, empenhada pelo MST". Alberto Valdemar Bamberg, 25 anos, universitário no Paraná.

A marca de idéias de *luta* nas referências ao Movimento exprimiu o esforço e a conquista: para não *se morrer a míngua* no Piauí; para *resistir* em Pernambuco; *ter coragem* em lutar por justiça no Espírito Santo; e ter paz no Paraná. Lutar foi uma necessidade constante para manter a vida; ter o que é de direito; obter cidadania; e tornar-se sujeito de suas vivências, constituindo as experiências de uma trajetória pessoal e coletiva. Para as/os jovens que se encontram com e no MST, lutar foi um ato de coragem, de indignar-se e de solidarizar-se consigo e com os outros. E ainda, uma maneira de enxergar a si nos encontros e desencontros com os *outros*, através de sentidos emprestados pela luta social, que despontou a partir do final da década de setenta e reavivados no contexto de

acontecimentos da segunda metade dos anos noventa e das ações do MST, que ressoaram demandas políticas mais amplas.

As referências corresponderam ao vivido e ao aprendido. Criaram uma identificação entre vivências experimentadas e idéias que passaram a ser adquiridas em espaços construídos pelo MST. Os significados juvenis foram sendo traçados, com os sentidos humanistas, de justiça social e das mais variadas formas de vivenciar e imaginar as ações do Movimento. Tratou-se de uma geração com valores retomados, no período de abertura política, de vivências de demandas sociais ainda não resolvidas, forjados politicamente em espaços promovidos pelo Movimento.

O MST gerou jovens de sua segunda geração na luta por terra e por reforma agrária, através das experiências de ocupações, acampamentos, assentamentos e outras ações políticas das quais participam sujeitos provenientes de diversos setores sociais que alargam as experiências dentro do Movimento.

Pois “elevar o grau de pertença dos jovens ao MST” não pode ser somente em dar continuidade e nutrir a esperança e sonhos da geração anterior, seja esta seus próprios pais acampados ou assentados (MST: 2002), mas de tornarem-se parte da luta ao verem refletidas suas demandas de jovens sem terra que também é por terra, reforma agrária, trabalho, moradia, alimentação, educação, saúde, enfim, melhores condições de vida, justiça e vida digna. Os pertencimentos juvenis produzidos nesta luta social ampliam o sentido do processo de tornar-se e sentir-se parte deste Movimento.

O Movimento constituiu-se com uma geração de jovens formada nas experiências políticas do período de reabertura democrática, pós-ditadura militar, e de ações da Igreja, nas Comunidades Eclesiais de Base, pastorais e na luta por terra. Após vinte anos, o MST gera uma segunda geração, formada a partir de experiências políticas de ocupações e acampamentos, mais os assentamentos, manifestações, atos, frutos das ações e das repercussões do MST, com bandeiras, boné, camisetas vermelhas, uma organização em setores e instâncias de decisão.

Em diversos materiais do Movimento, de diferentes períodos, juventude aparece incluída na família de trabalhadores sem terra, ou citada sem grandes profundidades sobre *quem são*. Com as experiências de atividades específicas locais, até 1999, ainda não havia nenhuma atividade, ação, linha política, mais geral, ou nacionalmente, para os jovens. Os

curso do Setor de Educação estiveram voltados a uma educação de jovens e adultos numa perspectiva de militantes já inseridos na organização do Movimento, nas suas instâncias de decisão, setores e coletivos, ou na organicidade e pertença Sem Terra⁹⁶. Por outro lado, a realidade do público de diversos cursos e atividades, promovidos pelo Movimento, tem diversos jovens com maior ou menor inserção nas instâncias do Movimento, e com pertencimentos diversos, o que aponta para a especificidade de jovens no MST da segunda geração da luta pela terra desde a reabertura política.

A juventude, hoje, passa por formações próprias do Movimento nas ações e nos cursos, reuniões, etc. Uma *práxis* em que uma perspectiva de juventude manifestou-se.

Jovens no Curso de Realidade Brasileira para Jovens, convocadas/os pelo MST, que responderam ao questionário, definindo-se, ou não, como militantes, compuseram uma segunda geração: *jovens* de alguma forma ligados ao Movimento que passaram por uma formação política, não mais em espaços da Igreja, mas do próprio Movimento.

Pudemos encontrar cinco jovens no MST que participaram do I Curso de Realidade Brasileira aos Jovens do Meio Rural e responderam ao questionário. Três anos depois, as/os encontramos na Escola do Movimento Sem Terra, o Instituto de Educação Josué de Castro, que funciona no município de Veranópolis, no Rio Grande do Sul. Identificaram-se, assim que souberam do andamento da pesquisa, com orgulho de terem participado do Curso de 1999.

E retomamos com elas e eles as questões do questionário, afim de verificar suas referências nos sonhos e projetos de vida e na perspectiva de suas vinculações com o MST. Vale ressaltar que tivemos contato com as/os jovens que conseguiram dar continuidade à atuação junto ao MST.

Destacamos suas repostas durante o Curso de Jovens, em Campinas, e, três anos depois, estudando na Escola do MST:

Nilmar Moraes, durante o Curso, aos 17 anos, com o primeiro grau escolar, assentado no Rio Grande do Sul, disse que seu sonho: “*eu espero ser um agrônomo*”. Responde ser militante “*porque acho uma causa legal*”, desde o dia dois de julho, daquele ano de 1999; e entrou no Movimento “*Porque o MST é um Movimento de ajuda ao jovem rural*”. Refere-se ao Movimento como: “*movimento de luta e garra, e muito forte*”.

⁹⁶ Organicidade é como o próprio Movimento trata a inserção das pessoas na organização e caracteriza a

Nilmar, com 20 anos, ainda vivia no assentamento com os pais, faz o ensino médio do Técnico de Administração de cooperativas. Ainda breve nas suas respostas, mantém o sonho de ser agrônomo. E diz que entrou para o MST *“porque ele foi um caminho que agente (da família dele) optou”*. Ele diz que o Movimento é *“formação, princípios direcionados para nós. Nós que somos menos privilegiados. A perspectiva de que o mundo pode mudar, nos favorece. A transformação é possível”*.

E destaca que *“o Curso (de 1999) foi muito rico: a integração, conhecer e conversar com muita gente, amizades. A finalidade foi maior. Não deixar de lado a integração. É difícil querer que toda aquela juventude se junte. Fase da vida complicada que floresce, tem energia, não faz só uma coisa”*.

Gibrail Cordeiro, durante o Curso estava com 20 anos, tinha o ensino médio e *“outros cursos”*, inclusive ao curso de Técnico de Administração de Cooperativa oferecido pelo MST; acampado em Santa Catarina, vivia com esposa, e: *“sobrevivo com a contribuição da minha família”*. Ele sonha em *“fazer a faculdade”*, e seu projeto de vida *“é transformar a sociedade como um todo”*. E diz: *“sou militante porque contribuo com a organização e atuo no Setor de Formação. Desde 1988”*. Completa dizendo que ingressou no MST: *“porque o Movimento oferece condições através da luta para adquirir um pedaço de terra. E é um Movimento contra as injustiças desse país, contra essa exploração que vem há séculos atrás, e tem um projeto que determina uma mudança”*. Suas referências ao Movimento são: *“Movimento de massa que luta em defesa de uma nova sociedade que todos tenham direitos”*.

Gibrail, com 23 anos, já assentado em Fraiburgo, Santa Catarina, com um filhinho de 2 anos e 7 meses, cursa o curso de Pedagogia num convênio da Escola do Movimento e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, diz que se sustenta: *“agora sim, da agricultura”*, e *“ajuda a família”*. Seu sonho: *“continuar estudar e se formar; fazer uma pós (curso de pós-graduação) e viver com dignidade e qualidade de vida”*. Seu projeto *“transformar a sociedade na possibilidade do socialismo; ajudar na revolução cultural; na luta de classes; participar na luta; e ter mais filhos”*. Ele se identificou como filho de militante e diz ser militante a partir de 1996: *“a participação foi a família. Foi uma construção desde os sete anos (de idade, quando ele tinha). Tudo que tivemos foi através*

do MST. Fui uma pessoa criada na luta, atuando no acampamento. Sou militante porque eu acho que atuo com companheiros em atividades práticas, ajudando com a causa dos trabalhadores”. E lembra que um dirigente da coordenação do MST “organizou o processo de ocupação e meu pai, em 1985, acampou e levou a família em 1989 em Abelardo Luz”. A referência do MST é de: “dignidade - direitos sociais e educação; terra - a luta da gente começou na terra; e solidariedade - no movimento o trabalho é voluntário”.

Gibrail, destaca os seus estudos no curso do MST, Técnico em Administração de Cooperativas, como “responsável pela consciência de militante e a necessidade da terra. Muitos filhos de assentados caem fora e fica contra o Movimento”. Ele conta que entre 1999 e 2002, houve “grande transformação: a vida no acampamento, convivendo com o povo é uma grande escola, se tem conhecimento, prática”. Foi coordenador do acampamento, atuou no Setor de Frente de Massa e no curso de Educação de Jovens e Adultos. Neste período, nasceu seu filho, conquistou a terra, recebeu recursos e foi sorteado com uma entre as doze primeiras casas do assentamento. Trabalhou para a organização do assentamento e conta que tudo isto foi “encarando despejo, polícia e agressão: enfrentamos juiz e cento e cinquenta policiais. Sem jantar, pousemos acordados, sessenta pessoas vinte e quatro horas num caminhão de merda”.

Fazer parte de um movimento social requer compartilhar identidades, valores e concepções. O fazer parte de jovens no MST envolve além de comungar interesses comuns e convenção de regras a realização de desejos pessoais. As/os jovens recompõem o específico de sonhos e projetos de vida com o geral de bandeiras de luta, valores e ideais. Compõem trajetórias ao auto-reconhecerem-se na luta pela terra, produzindo encontros entre individualidades e o coletivo e construindo referências juvenis no MST.

Antonia Kelha Lima Mendes, quando participou do Curso de 1999, tinha 19 anos, nem acampada, nem assentada, no sétimo ano do primeiro grau, trabalhava no MST e vinha do Sertão Central do Ceará. Sonha “chegar ao socialismo”, e o seu projeto de vida é “até que não chegar o nosso objetivo, vou lutar”. Responde que “sim”, é militante, desde de setembro de 1997, durante a Marcha do Grito dos Excluídos, e “porque sonho com uma sociedade justa e só nós do MST podemos construir”. Ao responder “por que entrou”, se reconhece numa trajetória que referencia o MST: “porque desde os oito anos de idade vi o

poder do latifúndio pisando sobre nós, daí tive o sonho de lutar, mas como? Sozinha? Foi quando conheci o MST e percebi que era a minha Luz, o meu caminho a seguir. Eu sou MST!”. Suas referências atribuídas ao MST: *“solidariedade, amor, companheirismo, significa a não-exclusão, dá vez para todos, é vida”*.

Antônia, com 23 anos, cursando o ensino médio em Técnico de Saúde Comunitária na Escola do Movimento Sem Terra, mora ainda com companheiros num alojamento do Movimento, trabalha no MST e recebe ajuda financeira do pai. Destaca que seu pai é assentado desde 1988, não pelo Movimento, mas que o MST começou a dar acompanhamento ao assentamento a partir de 1996 e seu pai se tornara representante do assentamento. Os pais de Antônia não queriam que ela se integrasse ao Movimento e reafirma sua militância desde 1997. Seu sonho: *“está fazendo parte do Movimento enquanto existir, para o resto da vida. Conseguir lutar por melhores condições para a classe trabalhadora”*. Seu projeto: *“assentar e continuar na luta. Conciliar está na organização e atividade no assentamento. Mexer com o campo e ter certo vínculo com a cidade”*.

Katiane Machado da Silva, durante o Curso, tinha 23 anos, com ensino médio, assentada no Rio Grande do Sul, mora com os pais e se sustenta com auxílio doença. *Sonha “que todos tenham terra”*. Seu projeto de vida: *“lutar por uma causa justa e nobre”*. Ela diz fazer parte do MST desde 1985, *“mas só agora entrei na luta, por sonhar com um Brasil melhor, por ter a mesma ideologia”*. Diz que entrou com os pais *“porque desde jovem tive consciência que o MST é um movimento, que luta pelos nossos direitos, que luta por um socialismo”*. As referências que atribuiu ao MST foram: *“luta – por uma causa justa; igualdade – por nossos direitos; e conquistas – que acumulamos ao longo de um percurso de sofrimento”*.

Katiane, com 26 anos, está contribuindo no acampamento Natalino, onde mora com outros companheiros, no município de Pontão, no Rio Grande do Sul, no mesmo local onde aconteceu o histórico acampamento de Encruzilhada Natalino. Ela é colega de Gibrail no curso de Pedagogia coordenado pelo Movimento. Ela trabalha no Movimento mas ainda se sustenta com o auxílio doença que recebe. Seu sonho, que *“as pessoas percebam que é preciso se organizar e se unir”*. Seu Projeto: *“poder ajudar as pessoas e estudar ao máximo”*. Reafirma sua militância, mas agora a partir de 1999, através de reuniões: *“onde*

eu me encontrei e eu posso contribuir na organização de outras pessoas”. E entrou no MST porque: “estava numa fase sem objetivo, sempre tive curiosidade. Quando se falava de ‘novo Brasil. E porque no MST se tem os mesmos sonhos, buscam-se a mesma causa e se tem a pertença do MST. Uma coisa é morar num assentamento, eu não estava na luta, organizada. Não sabia dos objetivos. Não conhecia nem a história do meu assentamento. Militante é o que eu sou hoje”. A referência que atribui ao MST é de “vida – dentro da organização ganha uma vida, percebe-a de outro jeito. Dentro da organização agente não pensa só na gente”.

Raqueli Ardenghi, quando participou do Curso, tinha 14 anos, estudante do último ano do primeiro grau, mora com os pais num assentamento no Rio Grande do Sul, trabalha junto com a família em casa, diz que *“precisamos por em prática os nossos sonhos. Eu sonho com um país de emprego para que todos tenham uma vida digna de cidadão”. Seu projeto de vida: “estudar e ingressar cada vez mais nessa luta”. Ela se diz militante “porque quero participar dessa luta, junto com esse povo, pois queremos igualdade para todos”. Diz que entrou com a família: “eu entrei no MST com minha família, fiquei apenas um ano, mas já é uma grande história”. A entrada justifica-se com o seguinte objetivo: “para mostrar que é através desse povo lutador, que é através desse movimento que iremos lutar por um país onde haja principalmente administradores que pensem nesse povo, nos cidadãos, no melhor para esse país, que com certeza ainda tem jeito de mudar. Pois se depende de nós jovens, esse Brasil vai andar para frente”.*

Raqueli, aos 17 anos, ainda está assentada em Rondinha, no Rio Grande do Sul, morando com os pais, e cursando o ensino médio em Técnico em Saúde Comunitária. Seu sonho: *“após concretizar este curso, viver e me auto-sustentar. Poder viver fazendo o que eu goste.”* Seu projeto de vida: *“não se prender a uma única coisa, expandir conhecimento.”* Ela diz ser militante: *“ingressei no MST quando meu pai entrou. É gratificante e proporciona ao mesmo tempo formação individual e coletiva. O Curso (de Saúde que ela cursa) abre caminhos”.* Raqueli identifica sua militância desde quando: *“consegui perceber a troca de conhecimento, formação de experiência e diferentes contribuições”.* A sua referência do MST: *“uma opção de vida. É uma luz, talvez para formação, um caminho porque nos proporciona muita coisa. Uma diferença, antes de entrar, crescimento pessoal, na relação, na visão mais ampla das coisas”.*

Tornar-se jovem no movimento é sonhar e projetar, trazendo expectativas e perspectivas que combinam os desejos individuais da terra, da casa, do casamento, do estudo, da profissão, e os interesses coletivos do pôr em movimento as demandas sociais, as pautas políticas e as tarefas. Uma mística de estratégias juvenis no viço de conciliar perspectivas, a princípio, contrárias ou contraditórias: individual/coletivo, específico/geral. O namoro, a responsabilidade da coordenação, a iniciação da participação nos espaços do MST, os estudos, a família, um universo presente no fazer de trajetórias juvenis.

Nilmar, Gibrail, Antônia, Katiane e Raqueli são jovens que três anos depois estiveram estudando (Gibrail e Katiane ainda estão) em cursos realizados na Escola Nacional do MST, o ITERRA. Continuam na luta e se realizando alguns de seus sonhos.

Nilmar concluiu o curso de Técnico em Administração de Cooperativas, ainda não é um agrônomo. Antônia e Raqueli concluíram o ensino médio, com formação em Saúde Comunitária, e cumprem o papel de acompanhantes de educandas/os da segunda turma deste curso em andamento na Escola do MST. O segundo está prestes a concluir a faculdade que desejava realizar juntamente com Katiane.

Há cerca de vinte anos, surgia o Movimento Sem Terra nos espaços promovidos pela Igreja, como reuniões e encontros que definiram pela fundação do MST. Jovens ingressaram nas fileiras da luta de famílias por terra e aderiram à bandeira da reforma agrária, retomada nos patamares do encerramento da Ditadura Militar. A formação de uma geração de militantes sociais que passou a participar, a influenciar e “animar” processos de mudanças e representar grupos sociais (Navarro, 2001). Foram vivências na década de 1980, experiências, principalmente, na região Sul do país, em pastorais das Igrejas Católica e Luterana.

Jovens, nesse período, constituíram-se lideranças e personalidades públicas, alguns com expressão nacional. O MST legitimou-se politicamente - para críticos como Navarro: devido ao acesso à alocação de fundos públicos e construção de pautas políticas que demandaram políticas públicas com controle social (Navarro, 2001); para pesquisadores políticos como Konder: porque construiu uma nova representação nacional dos trabalhadores rurais e ocupar espaços de contestação de atores sociais, como sindicatos, CUT e PT, que refluíram durante os anos noventa (Konder, 2000).

A constituição do novo *personagem* social, com lições do passado, implementou a luta por terra num *fazer* que trazia ações, ocupações, marchas, que não eram inéditas mas tinham o toque da reedição. A ocupação de terra e a implantação de assentamentos expressaram o processo de territorialização do MST, na conquista de espaços sociopolíticos (Fernandes, 2000). Após vinte anos, está-se formando uma segunda geração, e já aparece em alguns trabalhos sociológicos que tratam do Movimento (Medeiros, 2000 e Navarro, 2001).

“O resultado tem sido a lenta aparição de um novo conjunto de líderes que defendem e realizam ações coletivas mais ousadas e contestadoras da ordem social. A imagem de um MST ‘provocador’ que tem sido gradualmente constituída, especialmente a partir de 1998, provavelmente repercute mais a ação regional dessas novas lideranças e, menos, a percepção política dominante entre os dirigentes (majoritariamente sulistas) da ‘primeira geração’” (Navarro, 2001, sem página)⁹⁷.

Seja pela geração de jovens em assentamentos conquistados pelo MST e/ou pela formação política recebida em cursos políticos ou de escolarização, aponta-se para uma geração vinda das diversas regiões brasileiras e realidades agrárias, com menos marcas das lutas implementadas, principalmente na região Sul do país, no final dos anos setenta e início dos anos oitenta.

O *fazer-se do MST*, o tornar-se parte, num primeiro momento, na primeira geração, contou com a formação construídas nas experiências das comunidades eclesiais de base, das pastorais da Igreja; na construção de ocupações, acampamentos, assentamentos, cursos, encontros, reuniões, congressos, marchas, que promoveram experiências que se expandiram para o conjunto da sociedade.

Os jovens desta pesquisa, na sua maioria não são lideranças, mas *jovens* da base social do Movimento, como se convencionou a chamar. A atenção volta-se para uma nova geração formada nos espaços construídos pelo MST. Diferentemente, da primeira geração formada em espaços da Igreja, do Partido e do Sindicato, esta geração que se segue tem as marcas de um MST autônomo, “provocador” no sentido do enfrentamento e de constituir pautas políticas e de retomar e produzir um imaginário da luta pela terra com ações diretas.

O processo de fazer-se parte do Movimento passa, como antes, pelo engajamento em atividades e pela adesão a bandeiras políticas. Mas com um número maior de

⁹⁷ Texto em mimeo.

assentamentos e de acampamentos pelo país, mais ações implementadas e qualitativamente mais potencializadas na área de educação, cultura e formação política que agregam muitas e muitos jovens.

Jovens eram concebidos anteriormente por dentro das famílias de trabalhadores rurais - citadas/os pontualmente na sua especificidade juvenil em documentos do MST. Atualmente, jovens têm o reconhecimento através de espaços como o Curso de Realidade Brasileira para Jovens. Seja porque sempre foram uma presença constante em diversos espaços, instâncias e setores do MST; seja pelo amadurecimento da luta e da criação de outras demandas; seja ainda, porque neste último período, final dos anos noventa e início dos anos dois mil, a questão das/os jovens vem ganhando força no conjunto da sociedade com medidas políticas de programas específicos destinados a este público. *Jovem*, na sua especificidade, ou atribuição *de mais novo*, vem adquirindo a característica de aprendiz no Movimento, conforme vimos analisando. Entretanto, jovem é carregado de outras atribuições como a de sujeito. A condição de aprendiz pode se constituir numa condição sábia para o conjunto do Movimento. A questão é se a concepção de aprendiz se destinara permanentemente a alguns sujeitos, como jovens, e não a todas e todos que compõem o Movimento, pois que o limite é tênue entre uma primeira e segunda gerações, e os aprendizados também, como nos alerta Bourdieu que os “conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes” (Bourdieu, 1983:118).

Considerações Finais

A proposta de compreender o processo de *fazer-se* jovem no MST mudou a perspectiva anterior de estudo de simplesmente compreender o jovem como parte da reprodução política do Movimento Sem Terra. Após a banca de qualificação, as orientações e, principalmente, os depoimentos de jovens nos questionários, tornou-se central a importância de compreender a construção do jovem no Movimento. As constatações foram da condição de aprendiz da/o jovem nas relações que se constituíram no Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, de 1999, do protagonismo do sujeito jovem na construção de sonhos e projetos de vida que projetam por dentro da luta pela terra, de suas vinculações e seus pertencimentos com o MST e das referências que compuseram sobre a luta, o Movimento, a reforma agrária e as transformações sociais e políticas.

Jovens se constituíram aprendizes no fazer do MST e nas condições da estrutura organizativa do Curso para Jovens. O formato de evento com os condicionamentos de dois turnos de palestras colocaram as/os jovens em situação de ouvintes. Paralelamente, a dinâmica de grupos por brigadas dos estados e por equipes de trabalho durante os dez dias permitiu aos jovens tornarem-se coletividade. As respostas ao questionário oportunizaram às/aos comporem sentidos às suas vidas e ao processo que as/os trouxeram para o MST e as/os tornaram Movimento. As recentes trajetórias juvenis de *tornarem-se parte* do MST foi a da identificação com o fazer da luta por terra e por reforma agrária, seja pela participação anteriormente em ações e espaços promovidos pelo Movimento Sem Terra, seja pela participação no próprio Curso; seja ainda, no possível engajamento em ações e atividades que se sucederam a este evento.

As jovens e os jovens participantes do I Curso de Realidade Brasileira constituíram-se sujeitos com cara, idade, sexo, origem, sonhos e projetos de vida, jovens nas suas breves declarações que combinaram realizações pessoais com a luta por direitos, justiça social, por terra, reforma agrária, por um país melhor e uma sociedade igualitária. Nos seus depoimentos, a vinculação com o MST alargou-se, ora mais fluida, ora menos, espontânea e/ou heterogênea. Os pertencimentos juvenis foram produzidos a partir das vivências nos acampamentos, assentamentos, marchas, ocupações, atos públicos e tantas outras ações

processadas, durante o Curso, em referências e imaginários indignados com a escassez das condições de vida; solidários entre si jovens vinculados ao Movimento com as expectativas de mudança; e contrários ao que é injusto, exploratório e indigno como o capitalismo e a sociedade burguesa. A realização coletiva de tarefas e atividades às/os vinculou, naquele momento, entre si e à história de luta através de suas experiências vividas, herdadas e compartilhadas. E um aprendizado juvenil, do “exemplo”, do voluntariado, da prontidão, do entusiasmo, da mística e da disciplina constituiu-se sob a imagem do revolucionário, como o líder da revolução cubana Che Guevara.

A *mística* de jovens tornarem-se parte do MST encontra-se no processo de resistência da luta pela terra e que deu sentido às vivências pessoais e coletivas de jovens nos espaços e momentos promovidos pelo Movimento: quando, da participação no Curso, a vivência particular da escassez de terra, trabalho e moradia e passa a ser experimentada e compreendida como experiência mais ampla e coletiva da luta pela terra e pela reforma agrária. E ainda, quando as necessidades vivenciadas são percebidas como demandas sociais e políticas mais que questões individuais, mas coletivas: terra, moradia, trabalho, educação, profissionalização, etc.

Ousa-se assim, assinalar que o Movimento Sem Terra tornou-se também uma modalidade de ação juvenil na esfera pública. Pois ao tornar-se uma expressão política que produz pertencimentos e identificações com a luta de famílias de trabalhadores rurais sem terra; constituiu como uma mediação histórica de sujeitos que lutam por espaço político e social e que constrói demandas. E assim, o I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, localizado no ano de 1999, é parte de um processo que vai além.

O olhar do MST para dentro do contingente que faz parte de suas esferas faz ver que a luta é composta por famílias com mulheres, crianças, homens, idosos e jovens e suas especificidades. O reconhecimento das especificidades no Movimento Sem Terra traz novos espaços e momentos do fazer de sujeitos no MST com demandas imbricadas em diversas relações sociais. Os desafios que podem vir a ser lançados: como tratar as especificidades dentro do coletivo do Movimento? De como reconhecer a categoria jovem - como aconteceu com as mulheres - como uma categoria política?

A especificidade juvenil dentro do coletivo do Movimento Sem Terra vem sendo tratada, principalmente, por atividades como cursos do Setor de Formação; outras vezes,

em ações, ainda incipientes, nos Coletivos de Cultura e Esporte - por exemplo: eventos como as Olimpíadas da Reforma Agrária. Isto introduz uma perspectiva de demandas, ou seja, as/os jovens não somente como aprendizes da continuidade. Mas também como sujeitos que, a partir de necessidades de espaço social e político nas relações vividas nos acampamentos, assentamentos, coletivos e setores do Movimento, produzam demandas e possam somar na luta por terra, reforma agrária e na construção de uma sociedade mais humana, igualitária e solidária.

A juventude presente ao Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural de 1999, na Unicamp, foi uma mostra da juventude que circula em diversos espaços, se envolvendo nas ações do Movimento Sem Terra. Ela demonstrou um elevado grau de mobilização, participação, indignação e solidariedade. Seus sonhos e projetos de vida são perpassados pelas demandas de luta pela terra como parte do processo histórico de populações do campo. Seu potencial e suas questões específicas podem contribuir com a renovação de questões da luta pela terra dentro do MST, não somente como “força dessa juventude (que) deve ser interpretada, compreendida e canalizada pela atual estrutura organizativa, diretiva e de lutas do Movimento” (MST, 20002:5), mas ao ouvi-la e abri-se espaços que as/os jovens tornem-se parte sujeito de um processo permanentemente de aprendizado, no conjunto do Movimento Sem Terra, para a renovação das relações sociais.

A mística, a organicidade e as tarefas e atividades práticas, como elementos de trabalho com a juventude indicados pelo MST, devem ser propostos com as/os jovens e não para os jovens como elementos externos. Os espaços previstos às/aos jovens precisam ser concebidos pelas/pelos jovens combinando questões específicas do público juvenil e questões políticas mais gerais. As linguagens e regras de funcionamento dos espaços destinados às jovens e aos jovens não podem ser estranhas a elas e eles, como um processo adaptativo, mas como uma construção vivida e compreendida pelos sujeitos envolvidos.

De um lado, o reconhecimento e a preocupação por parte do Movimento Sem Terra com as jovens e os jovens é cada vez mais crescente a partir da saída destas e destes dos assentamentos articulados pelo Movimento. Aponta-se como uma emergência a participação da juventude dentro do MST com suas especificidades que compõem o coletivo da luta pela terra. Quais serão os espaços das/os jovens? Quais atividades? Quais serão as demandas e reivindicações juvenis que comporão a luta por terra, reforma agrária e

transformações sociais pontuadas pelo Movimento? E ainda, qual a presença das questões juvenis nas pautas do Movimento Sem Terra?

Por outro lado, atualmente, no conjunto da sociedade se demanda programas políticos junto a governos e ao Estado referentes a juventude: "Primeira Terra"; "Crédito para Juventude", etc. Como com o processo de reconhecimento político social das mulheres, há uma tendência de incorporar o sujeito como categoria política específica e que faz parte do conjunto maior da luta.

São apontamentos que apenas indicam um longo caminho na mística da juventude em tornar-se parte do MST.

A versatilidade do MST favorece uma abertura maior para organização de jovens dentro da sua estrutura. Pois, se trata de um movimento social com experiências no campo político e no campo social de tecer articulações, alianças e parcerias para fazerem avançar a luta por reforma agrária.

Uma mostra disto é que no mês de outubro de 2005, o Movimento Sem Terra aceitou o convite para participar de uma mesa de debates sobre movimentos sociais promovida pela Central Única das Favelas. Esta atividade teve como foco a discussão da organização dos movimentos de hip-hop e a participação de jovens das periferias urbanas. Tecer parcerias com movimentos sociais de especificidade juvenil não é novidade para o MST, vide movimento estudantil. Entretanto, o investimento do Movimento em trabalhos com jovens de dentro e de fora das bases sociais nos últimos cinco/ seis anos se intensificou.

O Movimento Sem Terra tem condições de potencializar os encontros com as/os jovens encarando os seus encontros e os seus desencontros neste aprendizado com a especificidade juvenil. Assim, fortalecerá a atuação de jovens como aprendizes continuadores da luta de uma geração que as/os antecedeu dentro do Movimento, ma, principalmente, como protagonistas da luta social e política se constroem suas lutas específicas.

As virtualidades juvenis advêm da luta social desenvolvida nas ocupações, acampamentos, assentamentos, marchas, atos políticos, e outras ações sóciopolíticas. As/os Jovens teceram, e tecem, em seus depoimentos mais que sonhos e projetos pessoais, tecem possibilidades de combinar especificidades e luta mais ampla, geral, onde se é sujeito

quando na vida pessoal se encontra elementos da luta social e quando na luta social se vislumbra realizações pessoais.

A trajetória do MST aponta para a combinação de questões sociais específicas e a formação de demandas. A bandeira da reforma agrária foi retomada ativada por necessidades de mulheres, homens, jovens, idosos e crianças do campo. A identidade se constitui nas relações de conflitos com o capital, na oposição da propriedade camponesa à propriedade empresarial e no reconhecimento do Estado. Trata-se de um fazer que vem requerendo escola, posto de saúde, moradia, créditos para produção e espaço para mulheres, homens, jovens, idosos, crianças e adultos.

O Movimento Sem Terra dinamizou a esperança não só de trabalhadoras e trabalhadores sem terra mas de diversos sujeitos sociais. As necessidades materiais, desejos, anseios, são demandas que fazem avançar a luta pelo pedaço de chão mas também de sonhos e projetos de vida, de esperanças pois as situações de escassez atingem os vários sujeitos *sem* condições de viverem e sobreviverem e os *sem* organização social e política para reivindicarem seus direitos e demandarem políticas.

A importância das questões juvenis correspondem também às necessidades de terra, trabalho, estudo, condições de sustento, entre outras condições materiais de existência social. A condição de jovens, mais novos na luta social, algumas/alguns nem tão jovens assim, não retira o aspecto amplo da luta especificamente juvenil. Pois, efetivamente os sonhos e projetos de vida juvenis que pudemos acessar foram de se manutenção, de retorno ou de ida para o campo, de constituir uma vida digna afastada do subemprego, do desemprego, da marginalização, da fome, da ausência de escolarização e saúde.

Os jovens no MST, hoje, vivenciam mais espaços de formação dentro do MST, diferentemente da geração anterior que, talvez vivenciassem mais intensamente espaços de formação política na Igreja e partidos políticos. Essa, quem sabe, é uma diferença no fazer do MST após vinte anos de atuação. Os jovens carecem de serem mais do que continuadores das conquistas de assentamentos e herdeiros de experiências, precisam ser sujeitos com espaços de atuação, como qualquer outro sujeito desta luta pela terra, com suas questões, necessidades e expressões especificamente juvenis.

E que tornar-se jovem/juventude não seja ser o “broto”, o futuro, o por vir, mas, sujeito que em ser “um eterno aprendiz” contribua dinamizando o processo de *fazer-se* parte da luta social.

BIBLIOGRAFIA:

- ABRAMO, Helena W. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. In: Revista Brasileira de Educação, no. 5, ANPED, 1997
- BENJAMIN, César. (org.). *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- BOFF, Leonardo & BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BOGO, Ademar. *A vez dos valores*. São Paulo: MST, 1998.
- _. *Lições da luta pela terra*. Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- _. *O Vigor da Mística*. Caderno de Cultura no. 2. São Paulo: MST, novembro de 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Juventude é apenas uma palavra*. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- _. *Uma Ciência que perturba*. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- _. *O Poder Simbólico*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRUNO, Regina Angela Landim. *O Ovo da Serpente - Monopólio da Terra e a Violência na Nova República*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, março de 2002.
- _. *Senhores da Terra, Senhores da Guerra - a nova face política das elites agroindustriais no Brasil*. 1ª edição, Rio de Janeiro Editora Forense, 1997.
- CALDART, Roseli S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- CARMO, Paulo S. *Culturas da Rebeldia: A Juventude em Questão*. São Paulo: Senac, 2000.
- CARNEIRO, Maria José. *O ideal rurbarano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais*. In: *Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares*. Silva, Francisco C. T., SANTOS, Raimundo e COSTA, Luiz Flávio de C. (org.). Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.
- CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CHAVES, Christine de Alencar. *A Marcha Nacional dos Sem-Terra - um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume -Dumará, 2000.

COMERFORD, John Cunha. *Reunir e Unir: as reuniões de trabalhadores rurais como forma de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1996.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando, uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1987.

FALABELLA, G. *Juventude temporera: relações sociais no campo chileno depois do dilúvio*. In: *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação, NO. 5, ANPED, 1997.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *A Formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_. *A formação e territorialização do MST no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_. *A intelectualidade mística de Mançano*. Por Faoze Chibli. Emcrise.org.br.

GOHN, Maria da Glória. *História dos movimentos e lutas sociais*. São Paulo: Loyola, 1995.

_. *Características e especificidades dos movimentos latino-americanos*. In: *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_. *Uma proposta teórico-metodológica para a análise dos movimentos sociais na América latina*. In: *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GEERTZ, Clifford, *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GRZYBOWSKI, Cândido. *Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. 2ª edição. São Paulo Cia. Das Letras, 1996.

JUNG, Roberto R. *Che Guevara, Guerrilheiro Heróico*. Porto Alegre: Cuba Libros.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens 1: da Antigüidade à Era Moderna*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

LÖWY, Michael. *O Pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

História dos Jovens 2: A época contemporânea. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

MACHADO, J. P. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1993.

- MARTINS, José de Souza. *Os Camponeses e a Política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _. *Reforma Agrária: o impossível diálogo*. São Paulo: Editora da USP, 2000.
- _. *O Poder do Atraso: Ensaio de Sociologia da História Lenta*. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _. (coordenador). *Travessias, a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003.
- MARTINS, Heloísa H. T. de Souza. *O jovem no mercado de trabalho*. In: Revista Brasileira de Educação, no. 5, 1997.
- MEDEIROS, Leonilde S. *História dos Movimentos Sociais no Campo*. Rio de Janeiro: FASE, 1989.
- _. *Sem terra, Assentados, Agricultores familiares: considerações sobre os conflitos sociais e as formas de organização dos trabalhadores rurais brasileiros*. Rio de Janeiro, 2000. (mimeo)
- MENASCHE, Renata. *O quatrilho: casamento, amor e estratégias de reprodução social camponesa*. Rio de Janeiro: Estudos Sociedade e Agricultura, no. 15, Outubro, 2000.
- MISCHE, Ann. *De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política*. In: Revista Brasileira de Educação, no. 5, ANPED, 1997.
- MITSUE, Morissawa. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- MOURA, Margarida Maria. *Camponeses*. São Paulo, Ática, 1986.
- MÜXEL, Anne. *Jovens dos Anos 90: à procura de uma política sem rótulos*. In: *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação, No. 5, ANPED, 1997.
- MST. *Terra não se ganha, se conquista!* Caderno de Formação no. 9. São Paulo: MST, abril de 1986.
- _. *Nossas Prioridades: organização da base, Formação dos companheiros, articulação com a cidade e organização dos assentados*. Caderno de Formação n.º 12. São Paulo: MST, maio de 1987.
- _. *Normas gerais do MST*. São Paulo: MST, 1989.
- _. *Plano Nacional do MST: 1989 a 1993*. Caderno de Formação n.º 17. São Paulo: MST, junho de 1989.
- _. *MST, rumo ao 3º Congresso*. São Paulo: MST, 1995.

- _. *II Congresso Infanto-juvenil – MST/RS: o direito no trabalho, educação e a cultura*. Porto Alegre: MST, outubro de 1995.
- _. *Programa de Reforma Agrária*. Caderno de Formação n.º 23. São Paulo: MST, 1995.
- _. *A Reforma Agrária e a Sociedade Brasileira*. São Paulo: MST, junho de 1996.
- _. *As Lutas pela Terra no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: MST, sem data.
- _. *Cidadania, Direitos Humanos, Cooperação e Reforma Agrária*. Rio de Janeiro: MST, sem data.
- _. *Mística, uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. Caderno de Formação no. 27. São Paulo: MST, janeiro de 1998.
- _. *Princípios da educação no MST*. Caderno de Educação no. 8. São Paulo: MST, 1996.
- _. *Documento Básico do MST: documento pra debate e revisão durante 1994/95*. São Paulo: MST, julho de 1994.
- _. *A questão da mulher no MST*. São Paulo: MST, junho de 1996.
- _. *Preparação dos Encontros Estaduais e 9º Encontro Nacional do MST*. Caderno de Formação no. 25. São Paulo: MST, outubro de 1997.
- _. *Che Guevara vive*. São Paulo: MST, sem data.
- _. *A juventude Sem Terra: cartilha para os grupos de jovens*. Cuiabá: MST, sem data.
- _. *Nossos valores. Pra soletrar a liberdade n.º 1*. Caderno do Educando. Veranópolis: ITERRA, junho de 2000.
- _. *Levante-se, vamos à luta*. São Paulo: MST julho de 2000.
- _. *Reforma Agrária Por um Brasil Sem latifúndio! Texto para debate do 4º Congresso Nacional do MST*. São Paulo: MST, agosto de 2000.
- _. *O MST e a Cultura*. Caderno de Formação n.º 34. São Paulo: MST, outubro de 2000.
- _. *Somos Sem Terra, Pra soletrar a liberdade n.º 2*. Caderno do Educando. Veranópolis: ITERRA, fevereiro de 2001.
- _. *A vez dos valores*. Caderno de Formação n.º 26. São Paulo: MST, janeiro de 1998.
- _. *Método de organização: construindo de um novo jeito*. Caderno de Formação n.º 35. São Paulo: MST, Novembro de 2000.
- _. *As tarefas revolucionárias da juventude*. Cadernos de Expressão Popular. São Paulo: Ed. Expressão Popular, novembro de 2000.
- _. *Construindo o caminho*. São Paulo: MST, julho de 2001.

_. *A força da juventude do MST na luta por um Brasil sem latifúndio e contra ALCA*. Campinas: parceria MST e Unicamp, janeiro de 2002.

NAVARRO, Zander. *Sete teses equivocadas sobre as lutas sociais no campo: o MST e a reforma agrária*. In: STÉDILE, João Pedro. *A Reforma Agrária e a Luta do MST*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_. *Mobilização sem emancipação – as lutas sociais dos sem-terra no Brasil*. Texto de subsídio ao debate com o autor, promovido pelo CPDA.

NOVAES, Regina. *Posfácio*. In: *De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

_. *Reforma Agrária: o mito e sua eficácia*. In: BÔAS, Glaucia Villas, GONÇALVES, Marco Antonio. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_. *As metamorfoses da besta fera: o mal, a religião e a política entre os trabalhadores rurais*. In: BIRMAN, Patrícia et al. (orgs.), *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

_. *Lembranças camponesas: repressão, sofrimento, perplexidade e medo*. In: ESTERCI, Neide, PETER, Fry e GOLDENBERG, Mirian, *Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro, 2001.

OFFE, Claus. *Duas lógicas da ação coletiva: notas teóricas sobre a classe social e a forma de representação*. In: *Problemas estruturais do Estado Capitalista*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1986.

_. *A atribuição de status público aos grupos de interesse*. In: *Capitalismo Desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Um conceito antropológico de identidade*. In: *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. Biblioteca de Ciências Sociais, 1976.

PALMEIRA, Moacir & LEITE, Sérgio. *Debates econômicos, processos sociais e lutas políticas*. In COSTA, L. F. Carvalho & SANTOS, R. (org.). *Política e Reforma Agrária*. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade*. In Estudos Históricos 10 - teoria e histórica. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1992.

ROSA, Marcelo. *O sem terra partido ao meio: um estudo de caso das relações sociais entre assentados e municípios receptores na região da Grande Porto Alegre –RS*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2000.

RUSCHEINSKY, Aloísio. *Terra e Política: a luta social do MST pela reforma agrária no sul do país*. Rio Grande: Editora da Furg, 2000.

SADER, Eder. *Movimentos Sociais*. In: *Quando novos personagens entram em cena*. Editora Paz e Terra, 1988.

SADER, Emir (org.). *Sem Perder a Ternura: pequeno livro de pensamentos de Che Guevara*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. *A Mística*. MST.org.br.

SEYFERTH, Giralda. “As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18, 1992.

SIGAUD, Lygia. *A Forma Acampamento: notas a partir da versão pernambucana*. In *Novos Estudos* n.º 58. São Paulo, novembro de 2000.

SPOSITO, Marília P. *Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação*. In: *Revista Brasileira de Educação*, no. 13, 2000.

STÉDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

_. *Marcha pelo Brasil*. São Paulo: Folha de São Paulo, 6 de agosto de 1999.

_. *João Pedro Stédile fala dos 19 anos do MST*. In DCE Unicamp.hpg.ij.com. Por Denis Prado Forigo e Fernanda Gui. Campinas, maio de 2003.

STÉDILE, João Pedro (org.). *História e natureza das Ligas Camponesas*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

STÉDILE, João Pedro e FREI SÉRGIO. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Scritta, 1993.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

_. *A formação da Classe Operária Inglesa. A Árvore da liberdade*. Vol. 1, 3ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_. *A formação da Classe Operária Inglesa. A maldição de Adão*. Vol. 2, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_. *A formação da Classe Operária Inglesa. A força dos trabalhadores*. Vol. 3, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_. *Tradición, revuelta y consciencia de clase*. 3^a edição. Barcelona: Grjalbo, 1989.

VIANNA, Hermano (org.). *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral”. *Anuário antropológico*, 87, 1990:11-73.